Abril

Editora ABRIL
edição 2926 - ano 58 - nº 2
10 de janeiro de 2025

veja

www.veja.com



A CONSTRUÇÃO DE UM SUCESSO

Com a conquista inédita do Globo de Ouro, Fernanda Torres aumenta as chances do filme *Ainda Estou Aqui* na disputa pelo Oscar e mostra que, com qualidade e competência, o cinema brasileiro é capaz de vencer em Hollywood



BRAZIL ECONOMIC FORUM ZURICH

An initiative by LIDE & veja

22-24 DE JANEIRO DE 2025

ZURIQUE - SUÍÇA

(LOGO APÓS O WORLD ECONOMIC FORUM - DAVOS)

PATROCÍNIO MASTER

ambipar



PAPER EXCELLENCE

PATROCÍNIO

bradesco

banco BRB

hapvida

NotreDame Intermédica

GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO

APOIO



FEBRABAN



GERDAU
O futuro se molda

TRANSPORTADORA OFICIAL

SWISS

OPERADORA OFICIAL

Maringá Turismo

INICIATIVA

LIDE

veja

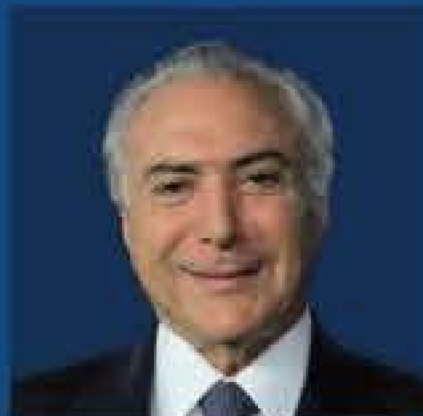
veja Negócios

INFORMAÇÕES



A NOVA VISÃO E PERSPECTIVAS ECONÔMICAS E AMBIENTAIS DO BRASIL

KEYNOTE SPEAKERS























MICHEL TEMER
Presidente do Brasil (2016-2018)

LUIS ROBERTO BARROSO
Ministro e Presidente do SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL - STF

GILMAR MENDES
Ministro do SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL - STF

RODRIGO PACHECO
Senador (PSD-MG)
Presidente do SENADO FEDERAL
Presidente do CONGRESSO NACIONAL

ARTHUR LIRA
Deputado Federal (PP-AL)
Presidente da CÂMARA DOS DEPUTADOS

ALESSANDRO VIEIRA
Senador (MDB - SE)

WEVERTON ROCHA
Senador (PDT-MA)

EDUARDO GOMES
Senador (PL-TO)

IZABELLA TEIXEIRA
Ministra do MEIO AMBIENTE (2010-2016)
Co-presidente do International Resource Panel - ONU

HUGO MOTTA
Deputado Federal (REPUBLICANOS-PB)

ELMAR NASCIMENTO
Deputado Federal (UNIÃO-BA)

HELDER BARBALHO
Governador do PARÁ

RONALDO CAIADO
Governador de GOIÁS

EDUARDO RIEDEL
Governador do MATO GROSSO DO SUL

WANDERLEI BARBOSA
Governador do TOCANTINS

IBANEIS ROCHA
Governador do DISTRITO FEDERAL

LUIZA HELENA TRAJANO
Presidente do Conselho da MAGAZINE LUIZA

ROBERTO AZEVEDO
Presidente Global de Operações da AMBIPAR
Diretor-geral da Organização Mundial do Comércio (2013-2020)

ISAAC SIDNEY
Presidente da FEBRABAN
Federação Bras. de Bancos

GUSTAVO WERNECK
CEO da GERDAU

PAULO HENRIQUE COSTA
CEO do BANCO BRB

veja
ÀS SUAS ORDENS

Assinaturas
www.assineabril.com.br

Vendas corporativas e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200

Telefones: SAC (11) 3584-9200

Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

atendimento@abril.com.br



EDIÇÕES ANTERIORES
Todo acervo publicado de Veja está no App Veja. Baixe aqui




LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA
Para inserir as marcas do Grupo Abril em produtos e negócios, envie um e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO
e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO
https://talentosabril.vagas.solides.com.br

EDITORA Abril

Fundada em 1950

Publisher: Fabio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima

veja

Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

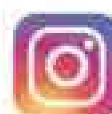
Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior

Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, **Estagiários:** Gisele Correia Ruggero, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Mariana Carneiro de Souza, Paula de Barros Lima Freitas, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.abril.com.br



www.youtube.com/vejapontocom


Instagram: @vejanoinsta


X: @VEJA

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes, **DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **GERENTE-EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 926 (ISSN 0100-7122), ano 58, nº 2. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br





DIVULGAÇÃO

HÁ QUASE QUARENTA ANOS A capa de 1986 com Fernanda Torres, que acabara de estrear *Eu Sei que Vou Te Amar,* de Arnaldo Jabor *(acima)*: "Filho de peixe, peixinho é"

RASCUNHO DA HISTÓRIA

VEJA SE ORGULHA, em 56 anos de trajetória, desde a sua edição inaugural, em setembro de 1968, de ajudar a contar a história do Brasil. O Globo de Ouro concedido a Fernanda Torres no domingo 5, motivo de celebração internacional do trabalho de uma atriz excepcional e de um filme, *Ainda Estou Aqui,* de Walter Salles, para ser lembrado por muito tempo, encaminha um passeio pela memória da revista — e, reafirme-se, do país. VEJA — que aparece numa das cenas do longa, manuseada por Eunice Paiva, a personagem de Fernanda — publicou com exclusividade, em setembro de 1986, entrevista com o médico psiquiatra Amílcar Lobo, que atuava como um "medidor" dos limites de quanto uma pessoa poderia ser torturada nos imundos porões da repressão. O depoimento, que na semana seguinte viraria capa, ajudou na reabertura do caso e, no fim das contas, na entrega do atestado de óbito do ex-deputado Rubens Paiva, assassinado pela ditadura em 1971, à mulher e aos cinco filhos, retratados com emoção e elegância por Salles.



EXCLUSIVO O depoimento do médico Amílcar Lobo a VEJA, também em 1986, e a capa da semana seguinte: informações para elucidar o assassinato de Rubens Paiva

Cinco meses antes, naquele ano de 1986, em extraordinária coincidência aos olhos de agora, a personagem de VEJA — "A garota de todas as telas", na chamada principal — era uma menina de 20 anos que fazia sucesso na novela das 8, *Selva de Pedra,* e acabara de estrear *Eu Sei que Vou Te Amar,* de Arnaldo Jabor, em papel que lhe renderia a Palma de Ouro em Cannes. Do início daquela reportagem: "Jabor procurava uma jovem atriz com 'cara e jeito de neurótica', e a escolheu para trabalhar porque achou que 'filho de peixe, peixinho é'".

Hoje, o mundo inteiro sabe que Fernanda não é apenas filha de peixe. Ao brilhar na premiação de Los Angeles, homenageando a mãe, Fernanda Montenegro, que 26 anos antes fora candidata com *Central do Brasil,* deu-se uma linda parábola. Desde o instante em que entrou no radar da crítica e das premiações internacionais, *Ainda Estou Aqui* mereceu ampla cobertura de VEJA. Do fim de fevereiro, quando a produção começou a despertar interesse, até esta semana, foram cerca de 100 reportagens veiculadas no blog *Em Cartaz,* em VEJA On-line, além de especiais de moda — e uma dezena de programas em vídeo que cobriram as chances no Oscar, trouxeram entrevista da atriz no Festival de Veneza e, mais adiante, uma afiada conversa com ela e o colega Selton Mello. Nas páginas da edição impressa publicada em 1º de novembro passado, a editora Raquel Carneiro — responsável pela área de cinema da revista e que assina também a reportagem a partir da pág. 60 — produziu ainda um especial alentado sobre o sucesso do filme. VEJA pode dizer: estamos aqui, sempre atentos. ■

JHSF
SURPREENDENTE

O CLUB COM ONDAS PERFEITAS,
SEGUNDO OS MELHORES SURFISTAS.

LOCALIZADO EM FRENTE À PONTE ESTAIADA,
COM A QUALIDADE JHSF.



SÃO PAULO
SURF CLUB



+55 11 97202.3702

SAIBA MAIS SOBRE O **MEMBERSHIP**

BAIXE O APP **JHSF REAL ESTATE**



Imagens ilustrativas. O projeto encontra-se em fase de desenvolvimento e aprovação. Utilização e adesão estarão sujeitos a análise de acordo com o estatuto e regimento interno do club.

DM9


RENATO ALVES/AGÊNCIA BRASÍLIA

"TARCÍSIO É O NOME IDEAL"

Governador do DF quer articulação da centro-direita para impedir a reeleição de Lula, faz ressalva à participação do STF no debate político e acusa a esquerda de dividir ainda mais o país

LARYSSA BORGES

PRIMEIRO POLÍTICO a ser punido na esteira dos atos de vandalismo do dia 8 de janeiro de 2023, quando foi afastado temporariamente do cargo por ordem do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes, o governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, flertou com Jair Bolsonaro em 2022, tornou-se um dos mais eloquentes críticos de Lula e passou a defender desde já a união de partidos de centro-direita para impedir a reeleição do presidente. O candidato ideal para representar o grupo, segundo ele, é o governador Tarcísio de Freitas, que por enquanto nega a intenção de concorrer ao Palácio do Planalto. Filiado ao tradicional MDB, Ibaneis diz que as articulações sobre 2026 devem ter como objetivo derrotar a esquerda, cuja maneira de fazer política cindiria ainda mais um país já dividido. Ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) no DF, o emedebista considera inoportuna a participação crescente do STF no debate político e afirma que decisões da Corte têm inflamado o país, mas demonstra apoio aos esforços empregados para punir as cabeças coroadas envolvidas na tentativa de golpe. A seguir, os principais trechos da entrevista.

Nesta semana, completaram-se dois anos dos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023. Que lições Brasília tirou desse episódio? A culpa não é só de Brasília. Ainda estamos vivendo um momento de extremo radicalismo. Pelo que foi descoberto, realmente alguns integrantes de extrema direita que integravam a força policial do Distrito Federal permitiram que se avançasse contra o Congresso, o Supremo Tribunal Federal e o Palácio do Planalto. Existia um movimento radical ali. No inquérito, a Polícia Federal até aponta alguns erros do DF, mas está faltando apurar tam-

bém os erros da própria PF e da Polícia Rodoviária Federal, já que em momento algum elas detectaram que essas pessoas vinham com o sentimento de quebrar tudo. Elas estão se defendendo ao colocar responsabilidades nas costas da nossa polícia, mas foi um erro compartilhado.

Querem terceirizar responsabilidades? Ainda existem pessoas que estão apaixonadas pelo discurso de extrema direita, e muita coisa precisa ser apurada para se saber quem errou do lado de lá também. A lição tem que ser geral, e o trabalho, conjunto, caso contrário, não vamos conseguir acabar com os atos extremistas. Criei uma delegacia com pessoas especializadas no monitoramento de redes e defendo uma integração maior com a Polícia Federal e com a Polícia Rodoviária Federal para que consigamos detectar e afastar essas coisas da capital da República. Mas é fato que algumas decisões do Supremo também têm colocado mais lenha na fogueira do que ajudado a pacificar.

A que o senhor se refere? Não tenho dúvida de que essas condenações que têm ocorrido, com penas de dezessete, dezoito anos, são extremadas. Na minha avaliação, as pessoas que estavam lá estavam insufladas pela turma da extrema direita e não tinham intenção de dar um golpe de Estado. Quando começou a sair a história do golpe, achava-se de início até meio risível porque não se faz golpe daquela maneira. A partir do momento em que se descobre que reuniões foram feitas, toma-se conhecimento de que Mauro Cid fez uma delação e o general Braga Netto é preso, aí, sim, começa a ficar mais claro o que aconteceu naquele período. As coisas estão aparecendo. Condenações certamente vão ocorrer por esses atos.

Há espaço para uma pacificação? A pacificação vai ocorrer não entre o grupo de Bolsonaro e o STF. São os

“Ainda existem pessoas que estão apaixonadas pelo discurso de extrema direita. Mas é fato que algumas decisões do STF também têm colocado mais lenha na fogueira do que ajudado a pacificar”

políticos mais voltados ao centro que vão terminar conduzindo o país rumo a essa direção, porque a política extremada não caminhou bem. Acho que agora, no início de 2025, os políticos vão conversar cada vez mais para encontrar um nome que seja o da pacificação. Será uma terceira via para valer. Melhor, não é nem a terceira via porque, se os partidos se juntarem, vai ser “a” via.

Escolher esse nome significa se descolar de Jair Bolsonaro? Esse descolamento será natural, inclusive com o acompanhamento de pesquisas que os partidos estão fazendo para ver se conseguem, em um processo de salvação da política, encontrar um nome de consenso. No cenário ideal, o candidato deveria ser o Tarcísio de Freitas, tanto pela capacidade de diálogo e de interlocução quanto por trazer o voto do bolsonarismo, que vai continuar sendo vital durante algum tempo. Mas o Tarcísio vem dizendo que não é candidato e que vai se reeleger governador de São Paulo. Ele foi o principal avalista na reeleição do prefeito Ricardo Nunes. É prova de haver um caminho que não precisa ser tão radical.

O MDB, partido do senhor, deveria aderir a uma eventual candidatura de Tarcísio ou, se ele não quiser concorrer, da via alternativa? Temos que sentar na mesa para dialogar com todo mundo que seja de centro-direita. Não conversei com o Baleia *(Rossi, presidente do MDB)* sobre esse assunto ainda, mas, se surgir um nome de centro, acredito que o partido caminha com esse nome. O MDB vai continuar sendo o MDB. Vai liberar as alianças locais e aguardar a discussão da política nacional para ver se as legendas conseguem encontrar um nome de consenso. Eu mesmo quero distância do Lula.

Ajuda ou atrapalha o fato de Bolsonaro, mesmo inelegível, falar que é candidato? Vai chegar um momento em que o Bolsonaro terá de sentar na mesa com os partidos políticos, porque ele não vai querer perder o espólio sem deixar o sucessor. Dificilmente o Supremo vai reverter a inelegibilidade. Esse discurso de que é candidato é a defesa política dele. Já a defesa jurídica acho mais complicada. Quem conhece um pouquinho de direito sabe que a situação não está muito boa para ele. Bater de frente não funciona. É possível ganhar no Supremo, mas ganhar do Supremo ninguém ganha.

Em 2022, Bolsonaro venceu no primeiro e no segundo turnos no Distrito Federal, onde a esquerda tinha grande protagonismo. O que aconteceu? Não vou dizer que o PT morreu, mas a verdade é que os governos de esquerda foram desastrosos para a capital. Se tem uma coisa que o PT não conseguiu fazer nem em âmbito nacional nem em âmbito local foi uma renovação dos seus quadros. Acho até que tem bons

nomes no partido, como o ministro Camilo Santana *(Educação)*, que acompanhei como governador, mas, se o presidente Lula não for candidato à reeleição, não há alternativa.

Por que o senhor afirmou ser "maltratado" pelo governo federal? Em menos de um ano e meio, tivemos duas tentativas de acabar com o Fundo Constitucional *(repasses do governo federal para custear polícias, Corpo de Bombeiros e políticas de saúde e educação do Distrito Federal)*. Isso não é uma coisa para a capital da República. Depois de alguns episódios recentes, não entro mais no Palácio do Planalto. Não preciso ficar baixando a cabeça para eles.

Por que a relação com Lula é ruim? Quando ele disse que eu era cúmplice do Bolsonaro no 8 de Janeiro, demonstrou que não quer ter nenhum tipo de relacionamento comigo. Foi uma fala infeliz. Depois, o ministro da Casa Civil, Rui Costa, disse que Brasília era a ilha da fantasia. Nunca tive uma relação muito próxima com o Bolsonaro, só que não caminho com a esquerda do ponto de vista ideológico. Depois de ser espezinhado dessa maneira, a gente tem que tomar uma postura de altivez, não é?

Cortar o diálogo com o governo federal não pode prejudicar os interesses da população do DF? Essa interlocução não existe, mas poderia existir. Se não com Lula, pelo menos com algum assessor ou ministro. A maneira como a esquerda está fazendo política divide muito e não é o caminho para um país que já está tão dividido. Eles não têm responsabilidade fiscal e são desorganizados do ponto de vista da interlocução. Lula não está dando mais conta de fazer essa interlocução, coisa que fazia muito bem, principalmente com o Congresso Nacional e com os governadores. Eu escutei de um político que o presidente está cansado desse relacionamento com a política. Basta ver a situação do Congresso Nacional.

A relação do governo com o Congresso se esgarçou muito por causa das emendas. O senhor considera que os políticos exigem dinheiro demais? A coisa está muito conturbada. Com o fortalecimento do Congresso, houve o que eu chamo de semipresidencialismo. O dinheiro das emendas é investido lá na ponta porque é difícil para o governo federal saber que tem de fazer uma ponte em determinado município. Se não for o deputado ou o prefeito, o governo nunca vai saber da necessidade daquela obra. Os parlamentares se acostumaram com isso e aumentaram o valor das emendas, mas isso estava beneficiando o país porque se conseguia avançar.

Avançar apesar dos escândalos? Um ou outro vai ter. Acontece em todo governo, ninguém dá conta de segurar tudo. Mas não se pode condenar todos os parlamentares por conta do erro de um ou de outro. Pior era lá atrás, quando os deputados batiam na porta dos ministérios com o pires na mão. Também causou bastante estranheza nesse cenário político nacional o fato de terem feito um acordo entre os parlamentares, o Executivo e, segundo dizem, pessoas do Judiciário para aprovar uma lei regulamentando essa questão das emendas e, dias depois da lei sancionada, sem vetos pelo presidente, sai uma decisão do ministro Flávio Dino criando todas as regras novamente.

"A maneira como a esquerda está fazendo política divide muito e não é o caminho para um país que já está tão dividido. Eles não têm responsabilidade fiscal e são desorganizados na interlocução"

O Supremo está extrapolando? Imagina como o Congresso vai estar quando voltar aos trabalhos em fevereiro. O relacionamento está meio azedo, mas vamos torcer para o país dar certo. O poder que foi transferido para o Supremo Tribunal Federal veio um pouco da ausência do próprio Legislativo. A partir daí, o Supremo se empoderou e gostou desse empoderamento. Começou a participar inclusive da vida política. Na minha visão, não deveria acontecer, mas participa.

Nas investigações do 8 de Janeiro, o senhor foi afastado do cargo e, na apreensão de seu celular, há uma mensagem em que diz que tirava uma "soneca" no momento dos ataques. Faz algum mea-culpa? A conversa a que você se refere não é relevante. De certo modo, o ministro Alexandre tem feito um trabalho até de preservação da democracia, porque tem muita coisa que espanta, como o plano de assassinato do presidente Lula. E as decisões, muito bem fundamentadas, têm sido mantidas pela Turma ou pelo Plenário do tribunal. Quando fui afastado do cargo, entendi que o ministro tinha que dar um recado a todos os governadores para não embarcarem nessa. Ele não sabia quem estava de um lado ou de outro. Respeito a decisão dele. ■

RETROSPECTIVA

IGREJA CRISTÃ MARANATA CELEBRA REALIZAÇÕES DE 2024





ORGANIZAÇÃO DO MAIOR EVENTO EVANGELÍSTICO DO MUNDO E INVESTIMENTO EM INOVAÇÕES E TECNOLOGIAS SÃO ALGUNS DOS DESTAQUES

Fundada em 1968 em Vila Velha (ES) e presente em todos os continentes, a Igreja Cristã Maranata (ICM) vem se tornando cada vez mais relevante no cenário global.

Em 2024, especificamente, a instituição religiosa viveu momentos marcantes e tem muito a celebrar. A começar pela realização da 4ª edição do "Trombetas e Festas", o maior evento evangelístico do mundo e um marco para o trabalho de evangelização da ICM no Brasil e no exterior.

Com transmissão online e tradução simultânea para 50 idiomas e dialetos, o culto, em Domingos Martins-ES, reuniu cerca de 5 mil membros. E, no mundo, alcançou mais de 1 bilhão de pessoas.

Durante a celebração o pastor Gedelti Gueiros, presidente da Maranata, alertou: "O tempo da igreja na Terra está se esgotando e a volta de Jesus é iminente. Prepara-te para encontrar-te com o teu Deus".

Desde o dia do evento, a Maranata tem recebido relatos de experiências marcantes. Segundo o pastor Gilson Sousa, membro do Conselho Presbite-

ral, já são mais de 1 milhão de depoimentos. "O "Trombetas e Festas 2024" trouxe uma mensagem de alerta e esperança que transformou vidas e abriu novas portas para o evangelho", destacou.

MAIOR ALCANCE DA MENSAGEM BÍBLICA

Para impactar o maior número de pessoas possível, a ICM conta com uma plataforma de Inteligência Artificial que faz tradução, dublagem e sincronismo labial de seus conteúdos audiovisuais.

"Com a IA, conseguimos produzir vídeos de cultos, seminários e conteúdos da TV Maanaim com o mesmo timbre e impostação de voz de quem fala, mas em outros idiomas", explica o gerente de Comunicação da ICM, pastor Josias Júnior.

Outra importante ferramenta de evangelização é o canal da Igreja Cristã Maranata no YouTube, no qual são publicados diariamente cultos, estudos bíblicos e conteúdos doutrinários, além de toda a programação da TV Maanaim.

Hoje, o canal conta com 1,22 milhão de inscritos e mais de 11 mil vídeos publicados. Entre eles, a série documental "O Plano Profético da Igreja nas Sete Cartas do Apocalipse", produção gravada na Grécia e na Turquia, que já alcançou mais de 580 mil visualizações.

Para Josias, a presença da ICM nas redes sociais e na televisão também tem se mostrado fundamental para o trabalho de evangelização. "As redes sociais e a tecnologia têm tornado a evangelização mais abrangente, permitindo que a mensagem de fé e esperança alcance um público maior e mais diversificado, em qualquer lugar do mundo".

CONHEÇA MAIS SOBRE A ICM



56 ANOS DE EVANGELIZAÇÃO

- Maranata significa **"Vem, Senhor"**
- A igreja tem como principal missão **divulgar a mensagem de que Jesus vai voltar**
- **A ICM está presente em mais de 100 países,** com unidades próprias ou em conjunto com outras denominações que compartilham o mesmo entendimento sobre o evangelho.
- **No Brasil, conta com mais de 5 mil templos e 90 Maanains** (espaços destinados à realização de seminários, cultos e outros eventos para o ensino da palavra de Deus).



AÇÕES SOCIAIS DESENVOLVIDAS

- Eventos para **distribuição de roupas, calçados e brinquedos para pessoas carentes**
- **Oferta de consultas gratuitas com pediatras, oftalmologistas, ginecologistas, dentistas, psicólogos** e outros profissionais de saúde
- **Oferta de assessoria jurídica, atendimento com o Procon e empresas parceiras,** além de um balcão de empregos para ajudar os participantes a encontrar oportunidades de trabalho
- **Contação de histórias e outras atividades educativas para crianças**
- **Missão Amazônia, que realiza atendimentos médicos e odontológicos e atividades socioeducativas** nas comunidades ribeirinhas da região



COMPROMISSO COM A SUSTENTABILIDADE

- **Cultivo de alimentos de forma responsável e consciente.** Os produtos são vendidos a preço de custo e o valor arrecadado é reinvestido na manutenção e ampliação da horta no Sítio Esperança, em Serra-ES
- **Uso de canecas em substituição aos copos descartáveis**
- Implementação de **53 usinas solares em todo o país**



O PAPEL DOS PASTORES E VOLUNTÁRIOS

- **A ICM é administrada por um grupo de 19 conselheiros, incluindo o presidente,** pastor Gedelti Gueiros, e o CEO, Luiz Eugênio Santos.
- **Seus mais de 4 mil pastores** bem como os membros que dão aulas, cantam, tocam ou limpam os templos, são voluntários e não recebem salários
- O ministério é leigo, ou seja, seus **pastores são formados dentro da própria igreja e não precisam ter graduação em teologia**
- **As igrejas são mantidas com os dízimos e ofertas dos membros,** mas não há qualquer tipo de arrecadação pública de dinheiro
- **A Maranata é a igreja com o maior número de voluntários do País**

ACOMPANHE A ICM


YOUTUBE
@igrejacristamaranataoficial


FACEBOOK
Igreja Cristã Maranata


INSTAGRAM
@igrejacristamaranata_oficial


RÁDIO 24 HORAS
radiomaanaim.com.br


PLANTÃO DE 24 HORAS
Para pedido de orações: 0800 707 3076


AO VIVO
Canal 126 - RO/EMBRATEL
Canal 85 - Sky Livre

PRODUZIDO POR **ABRIL BRANDED CONTENT**

O.K., VOCÊS VENCERAM

NA FRENTE da fachada de tijolinhos de Rideau Cottage, sua residência em Ottawa, com o nariz vermelho pelo frio abaixo de zero, **o primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, 53 anos, anunciou na segunda-feira 6 sua renúncia à liderança do Partido Liberal,** o que equivale ao afastamento de fato da chefia do governo. Não é para já. Trudeau pediu e conseguiu um prolongamento do recesso do Parlamento até 24 de março, torcendo para que seu partido consiga eleger seu substituto até lá (enquanto isso, segue no cargo). Visivelmente abalado, o primeiro-ministro pouco lembrava o político charmoso e bonitão que cativou seus pares (e as esposas deles) durante boa parte de seus nove anos de governo. Depois de passar meses jurando que não renunciaria, foi dobrado pelo peso da impopularidade: 73% dos canadenses pediam que saísse. Sua queda espelha esses tempos de extrema má vontade popular com o status quo. Em 2024, o PIB canadense cresceu 3,5%, pouco mas não péssimo, e a inflação fechou em 2%, incômoda mas não inviável. O que subiu sem parar foi a insatisfação geral com preços que não baixam, serviços públicos deficientes e uma crise imobiliária aguda, fazendo do primeiro-ministro o bode expiatório da crise. Para piorar, pegou muito mal sua ida apressada e meio humilhante a Mar-a-Lago assim que Trump ameaçou impor tarifas ao Canadá (que desde então ele chama de "51º estado americano"). Tudo aponta para novas eleições no primeiro semestre e derrota fragorosa do partido do ex-queridinho Trudeau. ■

Caio Saad



DAVID KAWAI/BLOOMBERG/GETTY IMAGES





CLAUDIO GATTI

INSPIRAÇÃO O ex-triatleta de 57 anos: o bom exemplo de sucesso é a Holanda

"FAREMOS DIFERENTE"

O novo presidente do Comitê Olímpico do Brasil (COB) defende a implementação de uma gestão mais moderna, mas reconhece ser muito difícil trazer resultados já na Olimpíada de 2028

O que há de errado no Comitê Olímpico do Brasil, o COB? Falta uma gestão mais moderna, de modo que a distribuição de verbas para as confederações seja mais inteligente. O dinheiro deve ser encaminhado de maneira assertiva, ao apoiar as modalidades que precisam de mais investimentos e representem, em futuro breve, medalhas.

Há algum modelo exemplar? O do comitê olímpico holandês.

O que a Holanda faz de tão especial? Lembremos que, tanto em Tóquio quanto em Paris, os holandeses ficaram no top 10 de medalhas, o que é extraordinário para um país tão pequeno. Há, na Holanda, um sistema de permanente atenção e estratégia com clubes e modalidades que se encaminhem ao pódio, como o atletismo, o remo e o ciclismo de pista.

Mas como aplicar o modelo da Holanda, país com pouco mais de 17 milhões de habitantes e do tamanho do estado do Rio de Janeiro, a uma nação continental como o Brasil? Não dá para adotar um único modelo, como se todas as realidades fossem iguais, e é esse cuidado que a Yane Marques, a vice-presidente do COB, e eu pretendemos ter, em diálogo com os dirigentes e os atletas. Veja o caso do surfe, por exemplo, que nos deu três medalhas em dois jogos. Não é possível atrelá-lo a um clube esportivo. Com o judô, ímã de 28 medalhas, no topo do ranking brasileiro de todos os tempos, sim. É preciso valorizar iniciativas como as de Maricá, no Rio de Janeiro, a cidade do tiro com arco, e Ubaitaba, a capital da canoagem, que revelou Isaquias Queiroz.

Existem outros lugares com potencial equivalente? O estado de Sergipe é um polo extraordinário de ginástica rítmica. O Praia Clube, de Uberlândia, tem promessas em wrestling, tiro e vôlei de praia. O Clube Pinheiros, de São Paulo, voltou de Paris com nove medalhas, na soma de pódios olímpicos e paralímpicos.

Os dirigentes esportivos são vistos, com frequência, como cartolas nem sempre cuidadosos com o dinheiro público e privado. Como garantir ao cidadão comum que sua gestão com Yane Marques, sua vice, também eleita, dará certo? Porque faremos diferente.

O torcedor pode, então, a partir dessa reestruturação, desse novo olhar, esperar em Los Angeles, daqui a três anos, resultado melhor do que em Paris? Não vou economizar palavras. Estamos muito preocupados com o resultado em Los Angeles. Houve um grande investimento nos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio. Depois, contudo, as empresas se afastaram um pouquinho. No Rio e em Tóquio, o Brasil foi muito bem. Em Paris, estagnou. Dificilmente ultrapassaremos o patamar de 2024. É possível que caiamos e não cheguemos a vinte medalhas. ■

Fábio Altman





CARLOS MACEDO

ASHIYA CITY/AFP

MULHERES Vidas: a japonesa Tomiko *(acima)* era a mais idosa do mundo; a brasileira Inah Canabarro tem agora o título

A ARTE DA LONGEVIDADE

O presidente dos Estados Unidos era Theodore Roosevelt. O do Brasil, Afonso Pena. Houve espanto corporativo com os primeiros modelos Ford T, saídos de uma linha de montagem em Detroit. As duas guerras mundiais eram ficção. E então, em maio daquele ano de 1908, nascia **Tomiko Yano,** filha de uma família japonesa de Osaka dona de um comércio de roupas. Ao morrer em 29 de dezembro, aos 116 anos, ela foi lembrada como a mulher mais idosa do mundo. O segredo: longas caminhadas, que praticava com raro afinco até mais de 80.

O nobre posto de longevidade, com a passagem de Tomiko, é agora de uma brasileira, a freira gaúcha **Inah Canabarro Lucas,** também de 1908, da Congregação Irmãs Teresianas, de Porto Alegre. Ela vive calma e tranquilamente em um quarto do grupo religioso, cercada por enfermeiras e cuidadoras. Pouco fala, mas ri e reza. Tem um rosário nas mãos com frequência. Torce pelo Internacional. "Ela está vivendo, comendo os docinhos dela", diz o sobrinho, Cleber Vieira Canabarro. "Inah não reclama de nada", afirma a irmã Teresinha Aragon.



MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY IMAGES

TRIO Peter *(à esq.)*, Paul & Mary: sucesso com *Puff the Magic Dragon, If I Had a Hammer* e *500 Miles*

A DOÇURA NA VOZ

Nos anos 1960, o trio americano de música folk Peter, Paul & Mary era incontornável, com o mosaico de vozes aplicado a sucessos como *Puff the Magic Dragon, If I Had a Hammer* e *500 Miles*. Eles associavam as canções a posturas políticas de mãos dadas com os movimentos contra a Guerra do Vietnã e de apoio aos direitos civis liderados por Martin Luther King. Ajudaram, ainda, a encorpar a fama de compositores como Bob Dylan. **Peter Yarrow,** tímido que ele só, imprimia doses extras de doçura ao repertório. Ele morreu em 7 de janeiro, aos 86 anos. Mary, em 2009, aos 72 anos, Apenas Paul está vivo, com 87 anos.

A POLÍTICA DO ÓDIO

Aos olhos de hoje, em mundo raivoso, com a ascensão da extrema direita, é possível que **Jean-Marie Le Pen** soasse como um ridículo bufão. Em 1972, e ao longo de um terço de século, contudo, ele despontou na França, em postura xenófoba, racista e antissemita, de modo assustador. Mais assombroso ainda foi vê-lo levar seu partido, a Frente Nacional — hoje chamado de Reagrupamento Nacional, com a liderança da filha Marine, fingindo-se de decente —, a patamares inacreditáveis. Em 2002, Le Pen foi para o segundo turno da eleição presidencial, derrotado por Jacques Chirac. O tempo tem o dom de abrandar os disparates, mas convém não esquecer as posturas do líder radical. "Não digo que as câmaras de gás não tenham existido, mas são um detalhe da Segunda Guerra", rugiu. Ele morreu em 7 de janeiro, aos 96 anos. ■



ROBERT DEYRAIL/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

IDEIAS Le Pen: xenófobo, racista e antissemita



INSTAGRAM @SHAKIRA

“Preciso me encher desse carinho e amor dos brasileiros.”

SHAKIRA, cantora colombiana, que estreará sua turnê mundial no Brasil em 11 de fevereiro, no Rio de Janeiro. Depois ela seguirá para São Paulo

“Me sinto um tradutor.”

GABRIEL GALÍPOLO, novo presidente do Banco Central, ao explicar como pretende fazer para que as demandas do mercado conversem com as exigências das políticas públicas, sem ferir a autonomia da instituição

“Não estou no lugar dele, mas é difícil suportar tudo o que ele suporta, os insultos...”

CARLO ANCELOTTI, treinador do Real Madrid, ao defender Vinicius Jr., expulso de campo contra o Valência

“Também não gostei da fumaça. Quero entender e vou me especializar em fogos de artifício para não ter esse tipo de problema.”

EDUARDO PAES, prefeito do Rio, depois da incômoda onda nebulosa que atrapalhou os fogos do réveillon em Copacabana

“Passo as manhãs vendo desenho animado.”

ROBERT DE NIRO, 81 anos, revelando o amor incontido pela filha de apenas 1 ano e meio de idade, Gia Virginia

“Temos que amar nossos corpos.”

JENNIFER ANISTON, atriz, 55 anos

“Fui embora das cozinhas que trabalhei com bronca.”

PAOLA CAROSELLA, chef e apresentadora de televisão

“Não tenho 25 anos, então por que deveria parecer ter 25? Envelhecer é o que acontece quando você tem sorte; significa estar viva.”

CINDY CRAWFORD, modelo, 58 anos

“Eu estava mais magra e mais forte do que nunca, mas também mais infeliz do que jamais estive.”

BILLIE EILISH, cantora, a respeito dos impactos de uma dieta agressiva

“Fiquei traumatizada. Não porque ele era assustador, mas porque todos eram muito cruéis com ele.”

LILY-ROSE DEPP, atriz e modelo, estrela de *Nosferatu*, ao apontar o filme *Edward Mãos de Tesoura* como o mais aterrorizante interpretado por seu pai, Johnny Depp

“Sentimos que as rugas não refletem o que somos por dentro.”

JEAN CARRUTHERS, médica canadense que descobriu o efeito estético do Botox para os vincos do rosto



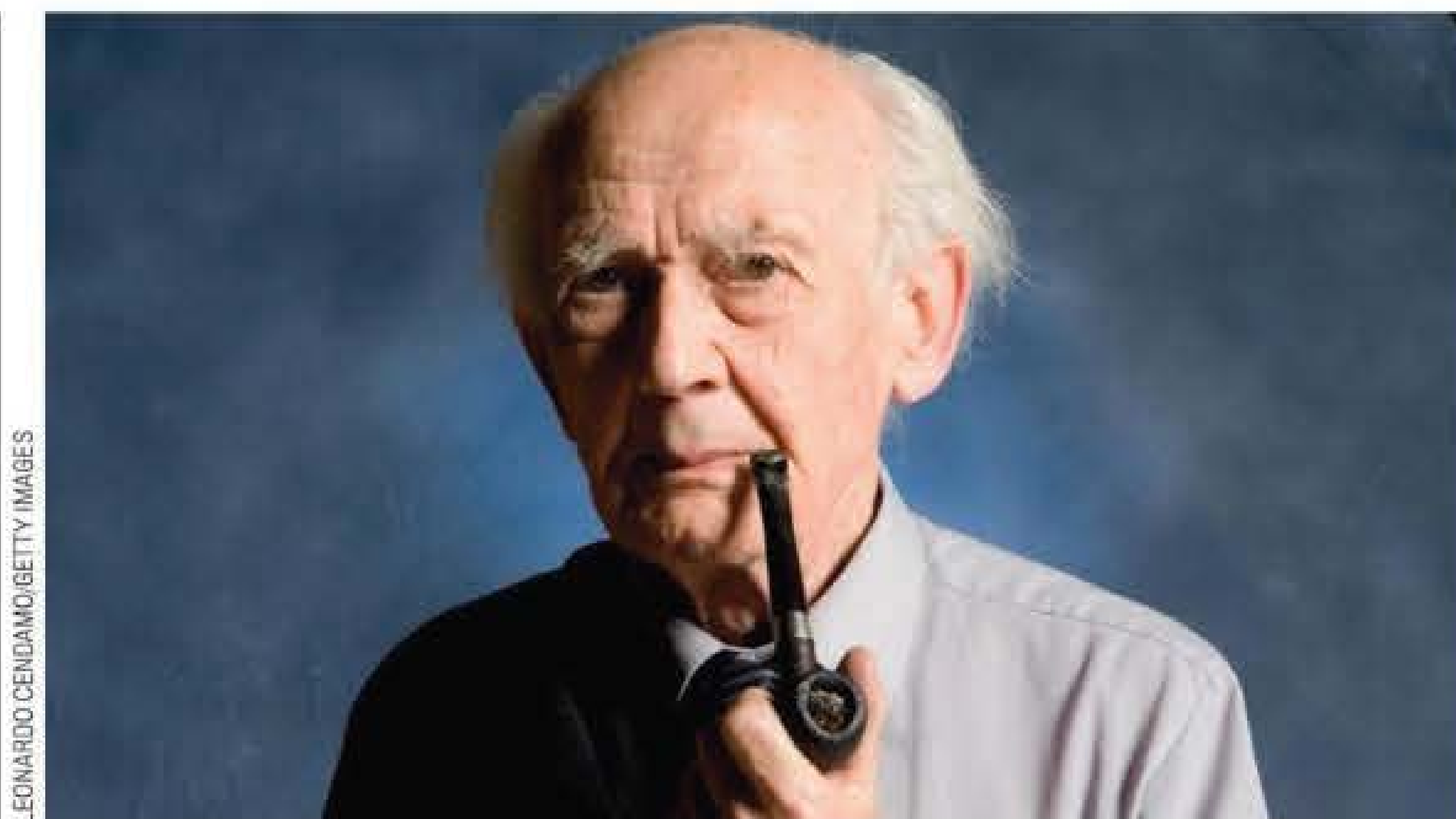
INSTAGRAM @CINDYCRAWFORD



FERNANDO SCHÜLER

O PÊNDULO DE BAUMAN

O PREFEITO Sebastião Melo, de Porto Alegre, resolveu tocar na ferida da nossa época e defender a liberdade de expressão em seu discurso de posse. Se alguém quiser defender uma ditadura, de que lado for, deveria ter seu direito garantido. Não defendeu nenhuma ditadura. Sugeriu apenas que isso deveria ser um direito. Monarquistas poderiam defender o império; petistas, o chavismo ou o castrismo; trabalhistas, o regime Vargas; direitistas, o regime dos generais. Tudo como sempre aconteceu no Brasil, país onde, como um dia me comentou uma professora americana, "cada lado tem sua ditadura favorita". Pois bem: o prefeito foi denunciado ao Ministério Público. Na visão dessas pessoas, seria um crime não apenas defender uma ditadura, mas simplesmente defender o direito mais amplo à liberdade de expressão. A coisa toda é bizarra, mas revela um traço cultural incrivelmente autoritário que se espalhou em nossa sociedade. O fenômeno não é restrito à política. Na Bahia, a cantora Claudia Leitte também será investigada por ter trocado o nome de uma divindade em uma música. "Voltamos ao século XVII", me comentou um conhecido, quando viu aquilo. "Não", retruquei, "voltamos a 1986, quando o Estado censurou *Je Vous Salue, Marie*, de Godard, por ofender valores da fé cristã". Se a moda pegar, logo teremos o Estado revisando músicas, filmes e tirinhas de humor, e quem sabe até conversas de WhatsApp para ver se algum artigo de fé está sendo ofendido. Completo nonsense. Mas está aí. Para um tipo como eu, que acha que o mundo anda para a frente, não deixa de ser uma decepção.


LEONARDO CENDAMO/GETTY IMAGES

VALORES A clara dicotomia do professor Zygmunt: liberdade ou segurança?

Os exemplos são bizarros, mas servem para mostrar a maluquice autoritária que foi tomando conta do país. Boa parte da obsessão pela censura vem da esquerda, que está no poder e tem amplo controle dos meios de opinião. Mas também de uma parte não desprezível da "direita", que ainda há pouco esteve à frente dos quartéis, pedindo intervenção militar. Como disse uma vez o mestre Sérgio Buarque, a democracia, no Brasil, sempre foi "um lamentável mal-entendido". O contexto da frase era outro, mas a ideia se aplica à perfeição no Brasil atual. Fizemos uma boa transição para a democracia, nos anos 1980, mas nem de longe fixamos uma cultura liberal, fundada em direitos, na base da sociedade. Vem daí nosso drama com a liberdade de expressão. Ainda não aprendemos a diferença entre "defender uma ditadura e defender o direito a defender uma ditadura". Isso e coisas bem mais complicadas, como apoiar o fim da imunidade parlamentar ou a onda de censura prévia que corre solta.

O Brasil pode estar se transformando em parque temático de velhas ideias. Na expressão de Niall Ferguson, assistimos, nos últimos tempos, a uma "mudança da vibe global". Na geopolítica, surge um mundo sob a batuta de Trump, onde Justin Trudeau sai de cena e os conservadores estão prestes a voltar ao poder na Alemanha. No plano cultural, as pesquisas indicam o recuo da onda woke e a volta ao "modo dos fundadores" nas empresas, e não mais do mandonismo dos "comitês de diversidade". Na última semana, tivemos mais um fato marcante da virada global: a fala de Mark Zuckerberg dizendo que é preciso "retornar às raízes da liberdade de expressão". Musk vinha liderando essa posição no mundo das big techs, Jeff Bezos já havia enfrentado a tropa militante, vetando o apoio do *Washington Post* a Kamala Harris e fazendo uma dura defesa do jornalismo imparcial. E agora temos Zuckerberg. Seu ponto: a onda censória foi longe demais. Inclusive na América Latina, com tribunais secretos que podem "ordenar, de for-

Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

ma silenciosa, a remoção de conteúdos por empresas". Alguém desconfia sobre o que ele está falando?

Zuckerberg diz que os checadores de fatos são tendenciosos e que sistemas complexos de controle cometem erros. Algo do tipo: em outubro de 2020, um ativista progressista na Califórnia, encastelado na área de moderação do Facebook, achou que estava protegendo a verdade e a democracia ao esconder as revelações comprometedoras do laptop de Hunter Biden, filho do presidente eleito. Só que não estava. Ele apenas protegia a mentira em nome de sua predileção ideológica. Precisamente o que Zuckerberg, gentil, chama de "erro". Em nome das boas razões, terminamos na sarjeta de sempre: a censura, em regra, política. Isso cala fundo na tradição moderna. Foi o que o poeta John Milton escreveu ao Parlamento inglês, há 380 anos, em sua *Areopagítica*, pedindo o fim da censura a livros. Se todo sistema de controle de informação é falho, o segredo é escolher o menos imperfeito: um sistema descentralizado, sujeito a muitas vozes, que incorpore a visão plural da sociedade, como são as "notas da comunidade". Isso, em vez da lógica centralizada das agências e departamentos.

Zuckerberg disse algo simples: a regulação digital deve focar temas como a proteção de crianças, o combate às drogas e ao terrorismo. E não a censura política ou cultural. Na "proteção" desta ou daquela posição ideológica, divindade ou visão sobre comportamento, sexualidade e valores. Isso pelo simples fato de que o mundo é diverso, ainda que incomode muita gente. O comunicado provocou uma espécie de surto na militância. Uma das pérolas que li dizia que Zuckerberg havia declarado "guerra contra o mundo". Bingo. É perfeito ato falho psicanalítico. Por muito tempo, parece que essas pessoas realmente imaginaram que eram (ou representavam) "o mundo". Agora descobrem o óbvio: elas não são. São pessoas de índole autoritária que se acostumaram a ocupar o centro do picadeiro. Se acostumaram com os jornais apoiando seus candidatos; com as redes censurando os adversários, com sua versão de mundo ensinada nos livros didáticos. Agora precisam dividir os brinquedos.

"De Sérgio Buarque: 'A democracia no Brasil foi um mal-entendido'"

Muita gente debitou a fala de Zuckerberg à eleição de Trump. Faz sentido. Desconfio apenas que ele está menos de olho em Trump do que nas razões que o levaram ao poder. Razões que andam na cabeça das pessoas. Do cansaço dos governos que custam muito, funcionam mal e querem regular o modo de pensar das pessoas. Tudo me faz lembrar da visita que fiz a Zygmunt Bauman, coisa de uma década e tanto atrás, em sua casa de Leeds, na Inglaterra. Em algum momento, ele nos lembrou da dicotomia posta por Freud, em *O Mal-Estar na Civilização*, entre liberdade e segurança. Não havia equilíbrio perfeito entre os dois valores, disse ele, mas desconfiava que o pêndulo havia corrido demais na direção da liberdade. E que logo as pessoas clamariam pelo controle. Foi o que se viu na década seguinte. O apogeu da onda woke, a histeria em torno da regulação das redes e tudo o que sabemos. Muita gente sugere que esse tempo se esgotou. O pêndulo do velho professor Bauman estaria de novo se movendo. Desta feita, voltando à liberdade. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

SIMONA BRAMBILLA
A irmã italiana de 59 anos foi nomeada pelo papa Francisco para comandar um dicastério (similar a um ministério). É a primeira mulher nesse posto da hierarquia do Vaticano.

ARGENTINOS EM FLORIPA
Tradição nas praias da capital catarinense desde os anos 1980, a invasão pelo país vizinho, impulsionada pelo dólar favorável, deve crescer 15% no verão deste ano, em onda inédita.

CARROS USADOS
Puxadas por hatches, sedãs e picapes, as vendas chegaram a 16 milhões de veículos em 2024, a melhor marca em treze anos.

DESCE

KIM JONG-UN
O ditador da Coreia do Norte lançou um míssil hipersônico que caiu a 1500 quilômetros no mar e ameaçou "rivais" no dia em que o secretário americano Antony Blinken visitava a Coreia do Sul.

ANDRÉ VALADÃO
O pastor, líder da Igreja Batista da Lagoinha, foi criticado por criar área vip em templo, com banheiros exclusivos, bebidas e tira-gostos para fiéis que não podem "viver uma vida comum".

GUANGZHOU FC
Em colapso financeiro, o maior vencedor do futebol chinês, que atraiu Felipão e vários jogadores estrangeiros, fechou as portas.


GUILHERME MARTIMON/MAPA

MERCADO Fávaro: ministro levou a Lula dados sobre a inflação de alimentos

Onde o calo aperta
Na quarta, Lula chamou o chefe da Agricultura, **Carlos Fávaro,** ao gabinete para uma reunião sobre a inflação de alimentos. O petista queria culpados — e acabou encontrando.

Culpa de quem?
A crise climática — seca em alguns lugares e chuva demais em outros — pressionou os preços? Sim. Mas nada, segundo Fávaro, impactou tanto o bolso do brasileiro quanto a alta do dólar — fruto de desconfianças sobre o compromisso fiscal do governo.

A primeira missão
O presidente, que prometeu picanha na eleição, tem apanhado nas redes por causa dos preços no supermercado. Na reunião com Fávaro, ele colheu elementos para dar ao marqueteiro Sidônio Palmeira sua primeira missão no comando da Secom.

Guerra de narrativas
O governo deve lançar uma campanha para mostrar que os preços dos alimentos podem até ter subido, mas ainda são menores que os registrados em 2022, último ano de gestão de Jair Bolsonaro no Planalto.

Deus vai ajudar
Em outra frente, a publicidade oficial vai investir no otimismo, destacando a supersafra prevista para o ano, que deve ampliar a oferta de produtos e aliviar os preços. Vai dar certo? A ver.

Vamos manter a calma
Na reunião com Lula, Fávaro afastou o risco de desabastecimento no país e negou que o avanço das exportações de proteína esteja influenciando no aumento dos preços da carne. "A inflação de alimentos não é um cenário para fazer drama. A gente exporta apenas o que está sobrando", diz.

Amada amante
A fala de Lula sobre a paixão por amantes levou auxiliares a reclamar novamente da imprudência do petista em discursos de improviso. Nessa gestão, Lula já criou crises diplomáticas e colheu constrangimentos por isso. "Depois vão dizer que o problema é da comunicação", ironiza um auxiliar.

Foi inadequado
A forte "carga política" colocada por Lula na cerimônia do 8 de Janeiro provocou desconforto entre os comandantes militares. Tanto que eles não desceram a rampa para abraçar a democracia com a militância petista.

Virou comício
A postura dos militares também foi seguida por ministros do STF, que evitaram descer a rampa. "O ato foi institucional até o primeiro minuto. Depois, virou comício", diz um ministro.

Não precisava
Um interlocutor da caserna critica a reprimenda pública de Lula ao comandante da FAB pelo atraso do avião presidencial no dia em que foi internado em São Paulo: "Ele adora tirar casquinha".

Dores da farda
Comandante do Exército, Tomás Paiva interrompeu as férias para ir ao ato no Planalto. Entendeu que a ausência na cerimônia poderia ser lida como falta de compromisso democrático.

Tudo de novo
A saída de José Múcio da Defesa atormenta os militares por um motivo. "Com dois anos de governo, vamos ter que explicar tudo de novo para o próximo ministro", diz um militar.



ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Nicholas Shores e Pedro Pupulim

2026 já chegou

Com seu marqueteiro de campanha na Secom, Lula deve ampliar significativamente a verba de publicidade do órgão neste ano.

Caixa cheio

A pedido de Jaques Wagner, o ministro do TCU Aroldo Cedraz resolveu um dos maiores imbróglios do governo na área publicitária. Ele acaba de liberar o contrato de 200 milhões anuais da Secom para as redes sociais.

A tal representatividade

Lula indicou a ministros do STF que escolherá dois homens para o STJ. As vagas foram abertas com a aposentadoria de duas mulheres.

Quero mais

Presidente nacional da OAB, o advogado **Beto Simonetti** trabalha discretamente para se tornar o primeiro chefe da entidade a conseguir se reeleger no posto. A eleição está marcada para o início de fevereiro e se dará num colegiado de conselheiros estaduais — são três por estado — amplamente simpático a Simonetti.



RAUL SPINASSÉ/OAB NACIONAL

ORDEM Simonetti: presidente da OAB vai tentar se reeleger no posto

Ritmo de despedida

Rodrigo Pacheco fez as contas: nos últimos dois anos, sua gestão no Senado aprovou 2 316 propostas. "É um número marcante", diz Pacheco.

Sai pra lá, bebê

A candidatura de Gusttavo Lima ao Planalto não assusta Jair Bolsonaro. O capitão tem dito que acredita na fidelidade de seu eleitorado.

Me ajuda, Excelência

Lima, aliás, passou os últimos dias telefonando a senadores bolsonaristas para pedir ajuda. Quer blindagem para escapar da CPI das apostas esportivas.

Hora de trocar

O governador do Rio, Cláudio Castro, deve fazer uma reforma no secretariado no início de fevereiro, após a eleição da nova mesa diretora da Alerj.

Missão cumprida

O médico Marcus Vinícius Dias vai deixar a chefia da Fundação Saúde do RJ. Ele assumiu o cargo para estancar a crise dos transplantes contaminados por HIV e reorganizar a instituição. Avalia que o trabalho foi feito.

Mais visitantes

Depois de bater o recorde de turistas internacionais no Brasil, em 2024, o ministro Celso Sabino espera chegar aos 7 milhões de viajantes estrangeiros neste ano. Seria feito histórico.

Foco no Oriente

Sabino quer atrair mais viajantes da China. O país é o maior emissor de turistas do mundo, mas aqui só responde por 1,1% dos visitantes estrangeiros.



IRMO CELSO

SAUDADE Raul: cantor, que faria 80 anos em junho, ganhará homenagem

Patrimônio nacional

O MPF abriu inquérito para investigar a repatriação de bens arqueológicos da União que estão em acervos de museus na Alemanha e na Suíça.

Toca Raul!

Em junho, o mítico **Raul Seixas** completaria 80 anos. O espetáculo *Zumbizando com Raul Seixas* vai homenagear a data em Salvador (BA). O cantor será interpretado pelo ator Nelito Reis. A peça "recria a atmosfera de um bar onde histórias são contadas, músicas são tocadas e o legado, celebrado", diz Patricia Chaves. ■

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.



LEIA MAIS NO SITE DE VEJA

OS PODERES LONGE DE TUDO

Resistência ao ajuste nos gastos públicos foi o exemplo mais agudo do fosso entre as decisões políticas, emparedadas por interesses corporativistas e ideológicos, e os desejos da sociedade

ISABELLA ALONSO PANHO

Quando o pacote do corte de gastos foi anunciado pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, nos últimos dias de novembro de 2024, o dólar disparou para além dos 6 reais, expressando o descontentamento do mercado com a redução enxuta dos gastos públicos que era proposta, somada a uma iniciativa fora de hora (a isenção de imposto de renda para quem ganha até 5 000 reais mensais), decidida na contramão do que se esperava.

A inquietação com o aparente desdém do governo Lula em relação à necessidade urgente de calibrar o Orçamento, que já vinha se mostrando há algum tempo, ganhou intensidade com declarações reiteradas de gente do governo — inclusive o presidente — e aliados de que a má repercussão era nada mais do que uma sabotagem do setor financeiro para minar o projeto que saiu vencedor da eleição. A demonstração da falta de disposição para enxergar o momento colocou ainda mais no horizonte o risco de uma crise fiscal, que seria desastrosa para o país. O episódio, que está longe de ser superado, foi o exemplo mais agudo, mas não único, da dissonância crescente que se observa entre o que pensa o poder público e o que a sociedade espera dele. É dissonância péssima.

O problema fundamental: boa parte das soluções não encontra guarida no governo por uma questão política. "Há uma cegueira. O presidente, os parlamentares do PT e os dirigentes do partido estão em modo de negação. Lula é refém da visão segundo a qual o

JOEL RODRIGUES/AGÊNCIA BRASÍLIA

BRASIL X BRASÍLIA

Seis exemplos de como o poder público prejudica a agenda do país



NEGACIONISMO ECONÔMICO

A postura do governo, que não dá a devida atenção à necessidade urgente de corte de gastos e ao risco de uma crise fiscal e de credibilidade, pressiona o dólar, os juros, a dívida pública e os preços. A cegueira política atinge do presidente a aliados, como os de seu partido, o PT, que preferem ver inimigos por toda parte em vez de resolver os problemas que se apresentam



BANQUETE POLÍTICO

Questionadas pela falta de transparência, por desvirtuar o uso do dinheiro público e por desequilibrar a disputa nas urnas, as emendas parlamentares chegaram a 63,5 bilhões de reais em 2025, um novo recorde. De quebra, o Congresso quer reajustar o Fundo Eleitoral, destinado aos partidos, que já foi de escandalosos 4,9 bilhões de reais em 2024



VITÓRIA DOS LOBBIES

A reforma tributária, uma demanda antiga da sociedade para tornar mais justa e menos pesada a cobrança de impostos, foi aprovada no final de 2024, mas o seu resultado foi comprometido por dezenas de setores que se articularam politicamente e mantiveram ou obtiveram privilégios, o que, ao final, elevou a alíquota média a ser paga por todos



PEDRAS NO CAMINHO Palácio do Planalto: negacionismo econômico e dogmatismo político fazem o Executivo tropeçar



CASTAS PROTEGIDAS

O pacote de corte de gastos previa o fim dos penduricalhos, responsáveis pelos vergonhosos supersalários na Justiça e no Ministério Público, mas, pressionado pelas classes, o Congresso retirou a medida. A reforma administrativa, que visa reorganizar a máquina pública, está parada desde 2020, enquanto o país já aprovou a trabalhista, a previdenciária e a tributária



CIDADÃO INSEGURO

Um dos temas que mais afligem a população, a segurança só entra na pauta como castração química, liberação de armas e outras ideias movidas pela demagogia eleitoreira. O governo tenta emplacar uma PEC que aumenta suas atribuições, mas desagrada a estados, temerosos de perder poder. Enquanto isso, os municípios armam suas "polícias" sem nenhum controle



AGENDAS SEM RUMO

O poder público não consegue criar mínimos consensos em temas estratégicos, como a Amazônia, que virou um campo de guerra entre ambientalistas, comunidades e ruralistas. O Estado, quase sempre, bate cabeça, como se vê no caso da exploração de petróleo na Margem Equatorial e na questão do marco temporal das terras indígenas, que só agravou a violência no campo



BRUNO SPADA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

IDEIA FIXA Discussão do voto impresso na Câmara: tempo e energia gastos com uma velha obsessão do bolsonarismo

que impulsiona a economia é o gasto público", diz Maílson da Nóbrega, colunista de VEJA, ministro da Fazenda de José Sarney. Embora o Congresso tenha desidratado boa parte do pacote, o fato é que muitas medidas necessárias nem chegaram a ser postas no projeto porque houve pressão durante a sua formulação. "O pacote não trazia nenhum corte, apesar da retórica do governo. No máximo, uma redução no ritmo de crescimento do gasto", diz Alexandre Schwartsman, diretor do Banco Central durante o primeiro mandato de Lula, também colunista de VEJA. Para ele, o governo errou ao não encaminhar todas as intervenções cruciais porque é dele a responsabilidade de formular a política econômica e será ele quem será cobrado se algo der errado. "Quando Dilma levou o país para o buraco, quem caiu foi ela. O interesse do Congresso é mais restrito", completa.



RENATO ARAUJO/CÂMARA DOS DEPUTADOS

RESISTÊNCIA Faixas contra cortes no funcionalismo: reforma nunca andou

Isso não isenta, no entanto, o Legislativo, que vem contribuindo com intensidade para o descompasso crescente entre as autoridades e a sociedade. Um bom exemplo foi a reforma tributária. Projeto essencial ao país, que há tempos demanda uma tributação mais justa, ele saiu do Congresso alvejado por dezenas de lobbies, que conseguiram manter privilégios com o apoio de deputados e senadores, reproduzindo a velha máxima de que "farinha pouca, meu pirão primeiro". "Com a quantidade de subsídios cruzados concedidos, beneficia-se o particular e não se olha o geral. São grupos que já pagam muito pouco", diz Marcos Lisboa, economista e secretário do Ministério da Fazenda no primeiro mandato de Lula. O relator da reforma tributária no Senado, Eduardo Braga (MDB-AM), por exemplo, foi um dos que defenderam o regime diferenciado para áreas de comércio como a Zona Franca de Manaus, que tiveram o benefício estendido até 2073. Entre os vários triunfos inexplicáveis de grupos de pressão, a direita conseguiu a proeza de excluir armas e munições do imposto seletivo, o chamado "imposto do pecado", que prevê alíquotas maiores para produtos que fazem mal à população — como se não fosse o caso desse tipo de produto.

Outro exemplo da prevalência de interesses específicos sobre o cotidiano foi dado na discussão dos supersa-


MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO

OFENSIVA Braga, relator da reforma tributária no Senado: vitória dos lobbies

lários. Incluída pelo governo no pacote do corte de gastos, ela ruiu após intensa movimentação de entidades de juízes, procuradores e membros do Judiciário, do Ministério Público e da Defensoria, setores onde é comum encontrar generosas extrapolações do teto salarial do país — que já é de mais de 44 000 reais mensais — por meio dos imorais penduricalhos, que não só sobrevivem como crescem ao longo dos anos. Associações de magistrados chegaram a divulgar notas públicas prometendo um "êxodo" de profissionais da categoria caso o fim dos benefícios extras passasse no Legislativo. Representantes das categorias se deslocaram em peso até Brasília para pressionar os parlamentares. Apesar de os supersalários serem menos de 1% de todo o gasto com funcionalismo público, eles custaram 33 bilhões de reais ao erário nos últimos cinco anos. "O extrato com privilégios imorais e ilegais é uma fração muito pequena. O servidor público, no geral, não é bem remunerado. A cúpula é que é, como as carreiras jurídicas e os militares", diz o professor de direito do Estado da USP, Conrado Hubner. Não é por menos que a reforma administrativa, que poderia enfrentar a questão, dormita nas gavetas do Congresso desde 2020. É a única das grandes reformas que não deu um passo à frente — a trabalhista, a previdenciária e a tributária foram aprovadas nos últimos anos. "Uma reforma administrativa séria precisa enfrentar os supersalários", completa Hubner.

Se o Congresso é, de fato, alvo de chantagens que travam ou desvirtuam as mudanças cruciais, também é verdade que deputados e senadores não abrem mão do "espírito de corpo" em relação aos seus interesses. Um exemplo eloquente foi a crise política e quase institucional no final de 2024 por conta das emendas, que entraram na mira do ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal *(veja a reportagem na pág. 36)*. A luta desesperada por nacos bilionários do Orçamento ameaçou travar o andamento de pautas prioritárias, como o corte de gastos. Sem muito barulho, como é de costume, os parlamentares também tentaram aumentar o Fundo Eleitoral, direcionado a campanhas políticas, na Lei de Diretrizes Orçamentárias de 2025. A ideia era que o valor, já em indecentes 4,9 bilhões de reais, fosse reajustado pela inflação desde 2020. Lula vetou, mas poucos duvidam que o veto cairá no Congresso, como ocorreu em anos anteriores.

A falta de sintonia do Congresso e da classe política com os interesses reais do país não se dá somente quando o assunto é dinheiro. Ao longo de 2024 não foram poucas as vezes em que o Parlamento perdeu tempo e energia e contaminou o debate público com a imposição de pautas secundárias, anacrônicas ou mesmo irrelevantes para a sociedade. Temas como a volta do voto impresso, uma velha obsessão da direita brasileira, que parecia um assunto superado, voltou à cena e chegou a ser aprovado na Comissão de Constituição e Justiça, a mais importante da Câmara, nos últimos dias de 2024. A mesma comissão encontrou tempo para aprovar a proibição do aborto em qualquer circunstância, inclusive as legalmente previstas (casos de estupro, anencefalia ou risco de morte da mãe). "É uma agenda oposta a tudo que precisamos em um país cujas deficiências educacionais são bem conhecidas", diz o cientista político Eduardo Grin, da FGV.

Enquanto gasta energia política para defender privilégios ou pautas eivadas de demagogia barata, o poder público patina — quando não atola — na hora de resolver questões


RAFA NEDDERMEYER/AGÊNCIA BRASIL

PRESSÃO Protesto no Supremo contra o marco temporal: imbróglio sem fim

fundamentais para os cidadãos. É o caso da segurança pública, preocupação crescente do brasileiro que só aparece em pautas como a imposição da castração química de estupradores, a flexibilização de armas para civis e o fim da saidinha de presos, que rendem votos fáceis em uma sociedade assustada, mas estão longe de resolver o problema. O ministro da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, tenta fazer andar a PEC da Segurança, que aumenta as atribuições do governo federal e empodera corporações como a Polícia Federal e a Polícia Rodoviária Federal para fortalecer o cerco às organizações criminosas, mas esbarra na má vontade de governadores que temem a perda de poder. Enquanto nada acontece e a violência continua pressionando a população, os prefeitos vão armando cada vez mais suas guardas embalados pelo eco que encontram no eleitorado, como mostraram claramente as últimas eleições.

Outro bom exemplo da incompetência atual do poder público para destravar agendas importantes é a questão ambiental. Prestes a receber o maior evento do planeta nesta seara, a COP30, conferência ambiental da ONU, em Belém, o país não consegue deslanchar um movimento efetivo para explorar de forma civilizada o seu vasto capital ambiental. Um bate-cabeça interminável e aparentemente insuperável opõe ambientalistas a agentes econômicos, em especial produtores rurais, arrastando comunidades e povos tradicionais. Na luta sem trégua, ficam pelo caminho projetos estratégicos, como a exploração de petróleo na Margem Equatorial e a construção da Ferrogrão, suspensa desde 2021 pelo STF a pedido do PSOL. Também cabe nesse balaio a questão do marco temporal para demarcação de terras indígenas, que, a pretexto de resolver o problema, virou um grande imbróglio envolvendo Judiciário, Executivo e Legislativo, enquanto conflitos armados pipocam pelo país, como o que deixou quatro indígenas baleados no oeste do Paraná no início do ano.



PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

ALEGRIA Manifestante pró-armas em Brasília: livres do "imposto do pecado"

Esse grande hiato entre o que o país precisa e aquilo a que os agentes do Estado têm se dedicado é nocivo, porque aumenta a desesperança quanto à capacidade do Estado de melhorar a vida dos brasileiros. Um dos efeitos mais graves pode ser um indesejado descrédito da política, que, como se sabe, é fundamental para um país. "Os partidos têm ficado cada vez mais irrelevantes, o que enfraquece a democracia e privilegia uma atuação política muito centrada no Congresso. O papel das organizações e movimentos sociais se reduz, e a sociedade vai perdendo o elo com o sistema político", avalia Eduardo Grin. Também é preciso ressaltar a juventude da moderna democracia brasileira, que sobreviveu a longos e recentes períodos ditatoriais, subjugados também pelo patrimonialismo de grupos de interesse. "Países como o nosso ainda não têm na população uma cultura cívica que entenda que a participação popular pode afetar as decisões governamentais e políticas", avalia a cientista política e professora da UFRJ Mayra Goulart. Os problemas são muitos, mas podem ser enfrentados. Nada acontecerá, porém, se houver inadequação econômica e alienação política. Brasília, reafirme-se com estridência, precisa ouvir o Brasil. ■


TOMAZ SILVA/AGÊNCIA BRASIL

TRISTEZA Ato em memória de crianças mortas no Rio: vítimas de bala perdida



CONEXÃO
EMPRESARIAL



MÁRCIO LIMA LEITE

Vice-Presidente Sênior de Relações Institucionais e Jurídico na Stellantis South America e Presidente da Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores)

17/02/2025 . 12H AS 14H30

ESPAÇO MEET - Avenida Raja Gabáglia, 2671, São Bento - Belo Horizonte

Realização VB Comunicação ViverBrasil OTEMPO

DESAFINADO

O astro sertanejo Gusttavo Lima diz que tentará a Presidência e atrai a atenção de partidos, mas terá de superar histórico de suspeitas, inclusive com dinheiro público **RAMIRO BRITES**



INSTAGRAM @GUSTTAVOLIMA

DANDO A LETRA O cantor no palco: fala conservadora voltada para os "pobres"

O CANTOR sertanejo Gusttavo Lima — 35 anos de idade e 25 de carreira — tem na sua estante dois discos de diamante triplo, cada um deles conquistado depois de superar a impressionante marca de 450 milhões de reproduções nas plataformas de streaming de áudio. No Instagram, ele reúne 45,5 milhões de seguidores, quase o dobro do ex-presidente Jair Bolsonaro, a quem apoiou na eleição de 2022. Astro musical, garoto-propaganda, multimilionário e empresário, ele chamou a atenção na semana passada ao fazer um anúncio inusitado: quer disputar a Presidência da República em 2026. "Estou cansado de ver o povo passar necessidade sem poder fazer muito para ajudar", disse ao portal *Metrópoles*. As reações foram da incredulidade aos memes, mas a ideia ganhou tração nos dias seguintes, atraindo interesse de siglas partidárias como PP e União Brasil — e escancarou o labirinto em que se encontra a direita brasileira.

O partido mais próximo de abrigar o astro é o União Brasil. O presidente, Antonio Rueda, encomendou até pesquisa de opinião para testar a receptividade do eleitor. Segundo o governador de Goiás, Ronaldo Caiado, filiado à legenda, amigo do cantor e presidenciável declarado, a agremiação aposta na pluralidade de nomes para ganhar competitividade. "Vamos viabilizar uma chapa que tenha chance de ganhar as eleições", disse Caiado. Outra possibilidade seria a disputa ao Senado por Goiás, onde o cantor fixou domicílio (ele é mineiro). Essa possibilidade também havia sido aventada pelo presidente do PP, Ciro Nogueira, e até pelo próprio PL, que antes da declaração cogitava filiá-lo para a disputa ao Senado, uma das prioridades do bolsonarismo no próximo pleito.

Caso consiga viabilizar sua incursão na política, Lima não terá vida fácil. O primeiro obstáculo será contornar os questionamentos sobre as várias confusões que permeiam sua carreira.


PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

DIREITA, VOLVER Com Bolsonaro em 2022: de apoiador a acusado de traição


REPRODUÇÃO

BELICISTA Defensor do armamento civil: "De vez em quando, sapeco uns tiros"

No ano passado, o cantor chegou a ter a prisão preventiva decretada por envolvimento em suspeitas ligadas a site de apostas. A principal delas é que duas empresas suas, a Balada Eventos e a GSA Empreendimentos, tenham ocultado 49,4 milhões de reais em 2023 e 2024 oriundos das chamadas bets. Deflagrada pela Polícia Civil pernambucana, a Operação Integration também investigou contratos de publicidade dos sites Vai de Bet e Esportes da Sorte com o cantor. Além disso, os donos das duas empresas compraram o mesmo avião de um dos CNPJs do cantor. Primeiro, uma firma de Darwin Henrique da Silva Filho, sócio da Esportes da Sorte, adquiriu a aeronave e devolveu dois meses depois, alegando problemas técnicos. Depois, o mesmo veículo foi comprado por José André da Rocha Neto, dono da Vai de Bet. O pedido de prisão foi feito porque a juíza Andréa Calado da Cruz, da 12ª Vara Criminal de Recife, entendeu que ele ajudou na fuga de Rocha Neto e sua esposa, ambos com pedidos de prisão decretada, cedendo uma aeronave para viagem deles à Grécia. "Nivaldo Batista Lima *(nome verdadeiro de Gusttavo Lima)*, ao dar guarida a foragidos, demonstra uma alarmante falta de consideração pela Justiça. Sua intensa relação financeira com esses indivíduos, que inclui movimentações suspeitas, levanta sérias questões sobre sua própria participação em atividades criminosas", afirmou a juíza. O cantor obteve um habeas corpus no Tribunal de Justiça de Pernambuco. No fim do ano passado, a Procuradoria-Geral de Justiça do estado pediu o arquivamento do inquérito por falta de provas. Na última quinta, 9, a juíza atendeu ao pedido, mas ressalvou a "possibilidade de reabertura do procedimento caso surjam novas provas". As suspeitas continuarão sendo investigadas pelo Ministério Público.

As suspeitas contra Gusttavo Lima não param por aí. Há mais de dois anos, os contratos do músico com prefeituras de cidades do interior levantam suspeitas de superfaturamento e má administração do recurso público em ao menos sete estados brasileiros. Alguns processos foram encerrados, enquanto outros ainda estão em andamento. A maioria dos shows fica em torno de 1 milhão de reais, às vezes em cidades que têm menos de 10 000 habitantes. Em setembro de 2024, por exemplo, a prefeitura de Petrolândia (PE) contratou por 1,1 milhão de reais um show no mesmo dia em que ele teve a prisão decretada no caso das bets — com a repercussão negativa, foi cancelado. Meses antes, Icó (CE) tentou contratar o cantor com verba destinada à educação, que, por óbvio, não poderia ser remanejada para esse fim. Em outro show que entrou na mira do MP, em Magé (RJ), em 2022, o cantor fez até aceno ao gestor da cidade, Renato Cozzolino (PP). "Alô, prefeito, aquele abraço. Tamo junto", disse.





REPRODUÇÃO

NEGÓCIO SUSPEITO Com a aeronave apreendida em operação policial *(à esq.)*: transação com empresa de apostas levou à investigação por lavagem de dinheiro

Na época em que as autoridades colocaram uma lupa para vasculhar as suspeitas de superfaturamento em shows, Gusttavo Lima desfez um de seus empreendimentos que mostravam não só a diversificação dos negócios — ele é dono de fazendas de gado em Mato Grosso e Minas Gerais e tem patrimônio avaliado em cerca de 1 bilhão de reais —, como também seu alinhamento ideológico. O cantor era sócio do Frigorífico Goiás, que vendia a "picanha do mito". Os pacotes vinham com uma caricatura de Bolsonaro e custavam 1 800 reais o quilo da picanha de wagyu, o gado com a carne mais cara do mercado.

Se virar de fato político, Gusttavo Lima certamente estará inclinado bem à direita. Em 2022, em uma "superlive" patrocinada por Bolsonaro, então candidato à reeleição, Lima elencou os motivos pelos quais apoiava o presidente, como a defesa do armamento civil. "De vez em quando, vou na fazenda e sapeco uns tiros. Tenho um 38, é confusão na certa", afirmou. Também se disse favorável à liberdade de expressão porque "daqui a pouco não vai poder contar umas piadinhas" e fez crítica ao uso de drogas. Dois anos antes, no entanto, na pandemia, foi alvo de representação ética ao Conar por abuso de bebidas alcoólicas nas lives *Buteco em Casa*. Bolsonaro, à época, saiu em sua defesa. O apoio mútuo, porém, foi abalado nos últimos dias. O ex-presidente se sentiu traído porque Lima havia dito a ele que tentaria o Senado. Bolsonaristas passaram a espalhar a versão de que seria armação de Lima e Caiado contra o deputado goiano Gustavo Gayer, que pretende se candidatar ao Senado. "Não tem nenhum jogo casado. O Gusttavo Lima tem uma vertente de princípios ideológicos que comungam com o partido", disse o governador.

A direita brasileira, que vive um clima de barata-voa desde que Bolsonaro foi declarado inelegível, viu sua situação piorar na última semana. Além de Gusttavo Lima, o coach Pablo Marçal, terceiro lugar na disputa pela prefeitura de São Paulo, confirmou que será candidato ao Planalto pelo PRTB, que passará a se chamar Brasileiro. "É um campo que está perdido neste momento porque o principal nome não pode competir", avalia Yuri Sanches, diretor de análise política da AtlasIntel. Para ele, novos nomes terão de pedir a bênção a Bolso-



BROOKS KRAFT LLC/CORBIS/GETTY IMAGES

FIM DA PIADA Schwarzenegger: o musculoso virou governador da Califórnia


REPRODUÇÃO

naro para viabilizar suas pretensões eleitorais. Murilo Hidalgo, diretor do instituto Paraná Pesquisas, diz que o sertanejo precisa passar a se posicionar com frequência sobre os grandes assuntos do país e conceder entrevistas, para ser questionado, já que no palco ele não é confrontado. "O ponto forte é que ele é muito popular. As músicas dele são muito conhecidas de Norte a Sul", diz. Um problema para Gusttavo Lima é que, diferente do que fez Bolsonaro em 2018 e Marçal em 2024, ele não poderá explorar o discurso antipolítica porque isso soaria contraditório para um profissional que coleciona contratos milionários com prefeituras e tem políticos relevantes em seu grupo de amigos.

O anúncio de que entraria para a política fez o cantor ser alvo de muita desconfiança e algumas brincadeiras. "Gusttavo Lima por Goiás, que parece até mais para ser candidato a senador. Wesley Safadão pelo Ceará. Vamos convidar Bell Marques para candidato a senador pela Bahia", disse, rindo, o prefeito de Salvador, Bruno Reis, um dos campeões de votos do União Brasil na eleição de 2024. A história política, no entanto, é recheada de nomes que foram vistos como piada e triunfaram. Ronald Reagan era um ator de segundo escalão antes de entrar para a política, mas foi eleito duas vezes presidente dos Estados Unidos. O musculoso Arnold Schwarzenegger foi eleito e reeleito governador da Califórnia, o estado americano mais populoso e um dos mais influentes. Mas nem todos deram certo. Outro americano, o rapper Kanye West criou um partido para concorrer à Casa Branca em 2020 e recebeu apenas 60 000 votos de um colégio de 160 milhões.

O eleitorado de direita representa um percentual significativo da sociedade. Pesquisa Ipec feita em 2024 mostra que 35% dos eleitores brasileiros se identificam como de direita, 37% com de centro e 26% de esquerda. Nomes como Gusttavo Lima e Pablo Marçal tendem a ter alguma tração nesse eleitorado, mas falta muito para 2026 e nomes de peso podem entrar na disputa, como os governadores Tarcísio de Freitas (São Paulo) e Ratinho Junior (Paraná), além da incógnita sobre quem será o candidato de Bolsonaro — o ex-presidente, caso não consiga reverter a sua inelegibilidade, pode lançar o filho e deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP).

Mesmo com a pulverização momentânea da direita e a descrença de parte do eleitorado no sistema político, o atual cenário está longe de um colapso institucional que favoreceria a vitória de uma figura tão excêntrica. Gusttavo Lima pode, por enquanto, fazer o seu "tchererê tchê tchê", como diz um pegajoso refrão de hit seu, mas será questionado pelo eleitor e pela sociedade sobre sua visão de mundo, o conhecimento dos problemas do país, as propostas, a capacidade de gestão e articulação política e, claro, pelas muitas suspeitas que foi acumulando — embora, é evidente, tenha todo o direito democrático de se defender, com o benefício da dúvida. ■



LAUREN PETRACCA IPETRACCA/THE POST AND COURIER/AP/IMAGEPLUS

FIASCO Kanye West: candidatura independente naufragou em 2020 nos EUA

CADU GOMES/VPR



DE CARONA Lula: atento ao sucesso de *Ainda Estou Aqui*, presidente criou o Prêmio Eunice Paiva pela democracia

FERIDA ABERTA

Debate sobre a anistia, denúncia da PGR no caso da tentativa de golpe e turbulência na relação entre governo e militares mostram que o 8 de Janeiro ainda não acabou **MARCELA MATTOS**

NÃO HÁ DÚVIDA: a invasão e a depredação das sedes dos Três Poderes, em 8 de janeiro de 2023, deram a Lula uma oportunidade de ouro para pacificar o país. Depois de vencer Jair Bolsonaro pela menor margem de votos desde a redemocratização e assumir o cargo acossado pela polarização, o presidente convenceu algumas das principais autoridades nacionais, inclusive integrantes da oposição, a deixarem as diferenças de lado e unirem forças para repudiar as agressões dos radicais e defender a democracia brasileira, que esteve ameaçada. Desde então, Lula usa o caso como trunfo, alegando ser um autêntico republicano, diferentemente de seu antecessor, chamado de golpista e entusiasta da ditadura. A estratégia faz sentido.

Segundo pesquisa Genial/Quaest, 86% dos entrevistados desaprovam o vandalismo ocorrido na Praça dos Três Poderes. É por isso que Lula faz questão de, sempre que pode, explorar politicamente o tema. Ele conta com a suposta ameaça ao estado democrático de direito para formar uma frente ampla, como fez na campanha eleitoral passada, a fim de impedir a



LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

ASTRO Alexandre de Moraes: ministro do STF foi ovacionado pelos esquerdistas

volta de "fascistas" ao poder em 2026. Conta também com o episódio para, num momento de estabilidade em sua popularidade, tentar capitalizar agendas positivas e boa vontade.

Foi o que ocorreu na quarta-feira 8, na solenidade realizada no Palácio do Planalto para lembrar os dois anos da quebradeira promovida por extremistas bolsonaristas. Diante de uma plateia formada principalmente por aliados e subordinados, Lula, agora com uma nova equipe de comunicação, pegou carona no filme *Ainda Estou Aqui* — que rendeu um Globo de Ouro à atriz Fernanda Torres *(leia na pág. 60)* e parte do sumiço e assassinato do ex-deputado Rubens Paiva pela repressão, em 1971 — para exaltar seu governo e as instituições e, na outra ponta, desgastar Bolsonaro, que, apesar de inelegível, continua como seu mais poderoso rival. "Hoje é dia de dizer, em alto e bom som, ainda estamos aqui. Estamos aqui para dizer que estamos vivos, que a democracia está viva, ao contrário do que planejavam os golpistas de 8 janeiro de 2023", disse o presidente ao iniciar a leitura de seu discurso. "Estamos aqui para dizer em alto e bom som ditadura nunca mais. Estamos aqui para lembrar que, se estamos aqui, é porque a democracia venceu", acrescentou. A plateia aplaudiu com entusiasmo, mas Lula não conseguiu colher todos os dividendos que gostaria com a cerimônia.

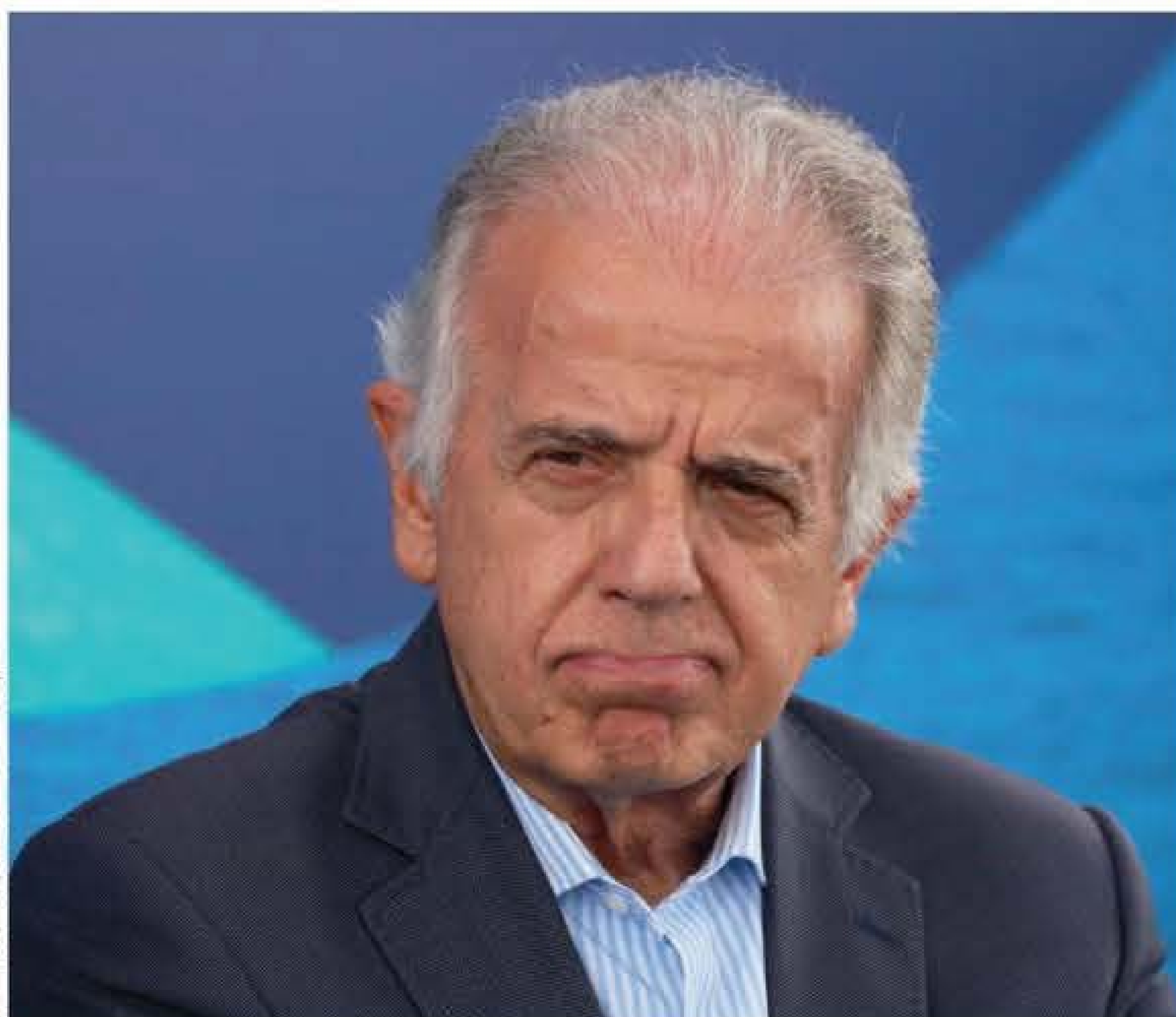
O plano do presidente era reunir no Planalto os chefes dos Três Poderes, governadores e a nata dos líderes partidários, de modo a dar uma demonstração de prestígio. Na última reunião ministerial do ano passado, Lula convocou os auxiliares de primeiro escalão para a solenidade. Muitos já estavam com férias agendadas, mas suspenderam o descanso, mesmo que por um dia, após a intimação do chefe. Também foram chamados os presidentes da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), além de seus prováveis sucessores, o deputado Hugo Motta (Republicanos-PB) e o senador Davi Alcolumbre (União Brasil-AP). Alegando compromissos pessoais e viagens ao exterior, nenhum deles compareceu. Pacheco enviou o vice-presidente do Senado, Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB), para representar a Casa. Já a responsabilidade pela Câmara ficou com a segunda-secretária, a deputada Maria do Rosário (PT-RS). Líderes do Centrão e dirigentes de legendas que compõem a base governista, com as quais Lula espera contar na próxima corrida presidencial, também não estiveram presentes, assim como a ampla maioria dos governadores. O pretendido sinal de força deu lugar a um retrato de certo isolamento, compreensível diante das implicações políticas do caso.

Favoritos para comandar a Câmara e o Senado, Hugo Motta e Davi Alcolumbre foram cobrados por oposicionistas durante as negociações de suas respectivas campanhas sobre a possibilidade de colocarem em votação um projeto que prevê a anistia aos condenados por atos golpistas. Quase 400 pessoas, entre mais de 2 000 investi-



TON MOLINA/AFP

VANDALISMO Punições: quase 400 pessoas condenadas por atos golpistas



CHARLES SHOLL/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP

SOBREVIVENTE Múcio, da Defesa: ministro já disse querer deixar o governo

gadas, já foram condenadas a penas que variam de prestação de serviços à comunidade a dezessete anos de prisão. Além disso, cerca de 500 pessoas assumiram a prática de crimes de menor gravidade e firmaram um acordo com o Ministério Público Federal. O projeto de anistia, no entanto, tem como horizonte o futuro, e não o presente, e seu maior beneficiário pode ser o próprio Bolsonaro, caso ele seja condenado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) por tentativa de golpe. Até agora, são mantidos em segredo os acordos que Motta e Alcolumbre fecharam para ascenderem à cúpula do Congresso. Enquanto não são eleitos, em votação marcada para fevereiro, os dois preferem não se manifestar publicamente sobre a anistia. Querem evitar problemas, como fez Arthur Lira, o parlamentar mais poderoso do Brasil, ao dizer no ano passado que resolveria a questão ainda em sua gestão, mas depois mudou de planos.

Salvo raras exceções, a classe política condena os ataques do 8 de Janeiro. Há divergências, no entanto, sobre o que ocorreu: se houve apenas vandalismo, como dizem os bolsonaristas, ou foi um atentado contra a democracia, como alegam os petistas. Há divergências também sobre as penas impostas pelo STF — se são corretas ou exageradas. Expoentes da esquerda e da direita concordam que uma eventual anistia dependerá da popularidade do governo Lula. Se o mandatário estiver forte, o projeto não deve avançar. Em seu discurso no Planalto, diante de um painel no qual estava escrito "Democracia Fortalecida", o presidente defendeu punição exemplar aos golpistas. Ouviu-se também o coro "Sem anistia". O fato é que o assunto continuará a dominar a pauta do Legislativo e caminhará lado a lado com a expectativa de apresentação de denúncia ao STF, pela Procuradoria-Geral da República, contra Bolsonaro, o general Braga Netto e outros trinta militares e civis investigados por suposta tentativa de golpe para manter o ex-presidente no poder. No fim do ano passado, a Polícia Federal indiciou Bolsonaro e companhia por uma série de crimes. No Supremo, o inquérito tem como relator o ministro Alexandre de Moraes, que compareceu à solenidade no Planalto e foi ovacionado pelos presentes.

Enquanto essas questões não forem resolvidas no Legislativo e no Judiciário, o 8 de Janeiro continuará a ecoar em Brasília. E enquanto o presidente explorar politicamente o tema, como fez na última quarta-feira, ele terá dificuldade para cicatrizar a relação com as Forças Armadas. Os comandantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica foram ao palácio e se sentaram em uma das últimas fileiras reservadas aos convidados. A VEJA, o general Tomás Paiva disse que a solenidade transcorreu dentro da normalidade e lembrou que os comandantes também compareceram ao ato de 2024. Apesar do aparente clima de tranquilidade, a véspera da solenidade foi marcada por momentos de tensão. Representantes das cúpulas militares reclamaram de ter de participar, mais uma vez, de um ato com forte componente político, pensado para servir de palanque para Lula e organizado pela primeira-dama Rosângela da Silva, que até hoje não aceita ter sua segurança direta feita por militares. Eles também consideraram a iniciativa inoportuna por ser capaz de desfazer o duro trabalho de aproximação entre a caserna e o governo petista, cuja relação nunca teve a confiança como marca principal.

Em meio às investigações que apuram o envolvimento de militares da ativa e da reserva no planejamento dos inaceitáveis ataques com o objetivo de anular a vitória de Lula, havia o temor de que os chefes das Forças fossem submetidos a constrangimentos e vaiados pela militância. Logo no início da cerimônia, houve um grito isolado de "Fora, militares golpistas", mas a bordoada civil não ganhou



ANDRE BORGES/EFE

RESTAURAÇÃO Di Cavalcanti: tela do pintor brasileiro foi apresentada como símbolo de resistência republicana



EVARISTO SA/AFP

RECUPERAÇÃO O relógio do século XVII: refeito depois da destruição

adesão. O presidente, que sabia do mal-estar, intercalou um afago e uma cutucada em seu discurso. Logo na abertura, ele agradeceu ao ministro da Defesa, José Múcio, que já manifestou ao chefe a vontade de deixar o governo, por ter levado os comandantes, os quais mostrariam que é possível ter as Forças Armadas "com o propósito de defender a nossa soberania nacional". Mais à frente, porém, Lula fez questão de mencionar o planejamento feito por "um bando de aloprados" — todos militares, segundo as investigações em curso no STF — para assassinar o presidente, o vice Geraldo Alckmin e o ministro Alexandre de Moraes, em postura cômica, não fosse trágica e criminosa.

No roteiro pensado pela primeira-dama Janja, Lula, ministros e integrantes de movimentos sociais dariam um abraço simbólico na Praça dos Três Poderes como forma de abraçar a própria democracia. Em razão da chuva e da escassez de público, o retrato não saiu como o esperado. Antes da solenidade oficial, o Planalto aproveitou para apresentar obras de artes e outros objetos que foram restaurados após serem vandalizados. Entre eles, a tela *As Mulatas*, de Di Cavalcanti, rasgada em sete pontos pelos radicais, e um relógio do século XVII. Foi uma forma singela — e simbolicamente poderosa — de dizer que a democracia resistiu e venceu. Ela continua de pé, mas só estará livre de ameaças quando toda a intentona golpista for passada a limpo e seus líderes devidamente punidos, permitindo que a ferida seja, de uma vez por todas, cicatrizada. ■

CASO DE POLÍCIA

Ministro Flávio Dino mantém cruzada por transparência nas emendas e aciona a Polícia Federal para apurar indícios de corrupção e desvio de verba pública **LARYSSA BORGES**



MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

PARCERIA Dino e Andrei Rodrigues, da Polícia Federal: na trilha do dinheiro

NA VIRADA DO ANO, as emendas parlamentares voltaram a provocar uma queda de braço entre os poderes. O governo corria para aprovar projetos prioritários, como a regulamentação da reforma tributária e o novo pacote fiscal. Sem maioria no Congresso, dependia do apoio de deputados e senadores do centro e da direita, que condicionavam a votação dos textos à liberação de recursos indicados por eles a seus redutos eleitorais. Negociados os termos da transação, o Palácio do Planalto pagou quase 6 bilhões de reais em apenas um dia e, assim, conseguiu a ajuda necessária para triunfar nos plenários da Câmara e do Senado. O fluxo de verbas parecia restabelecido — e a relação entre as partes, pacificada —, até que o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Flávio Dino voltou à carga para tentar, mais uma vez, acabar com o que ele chamou de "ápice da balbúrdia orçamentária": a liberação de emendas sem transparência, eficácia e, em alguns casos, sob forte suspeita de desvio de recursos públicos. Em decisões tomadas após o início do recesso do Legislativo, Dino suspendeu o desembolso de cerca de 4 bilhões de reais em emendas de comissão e repasses previstos para quinze organizações não governamentais.

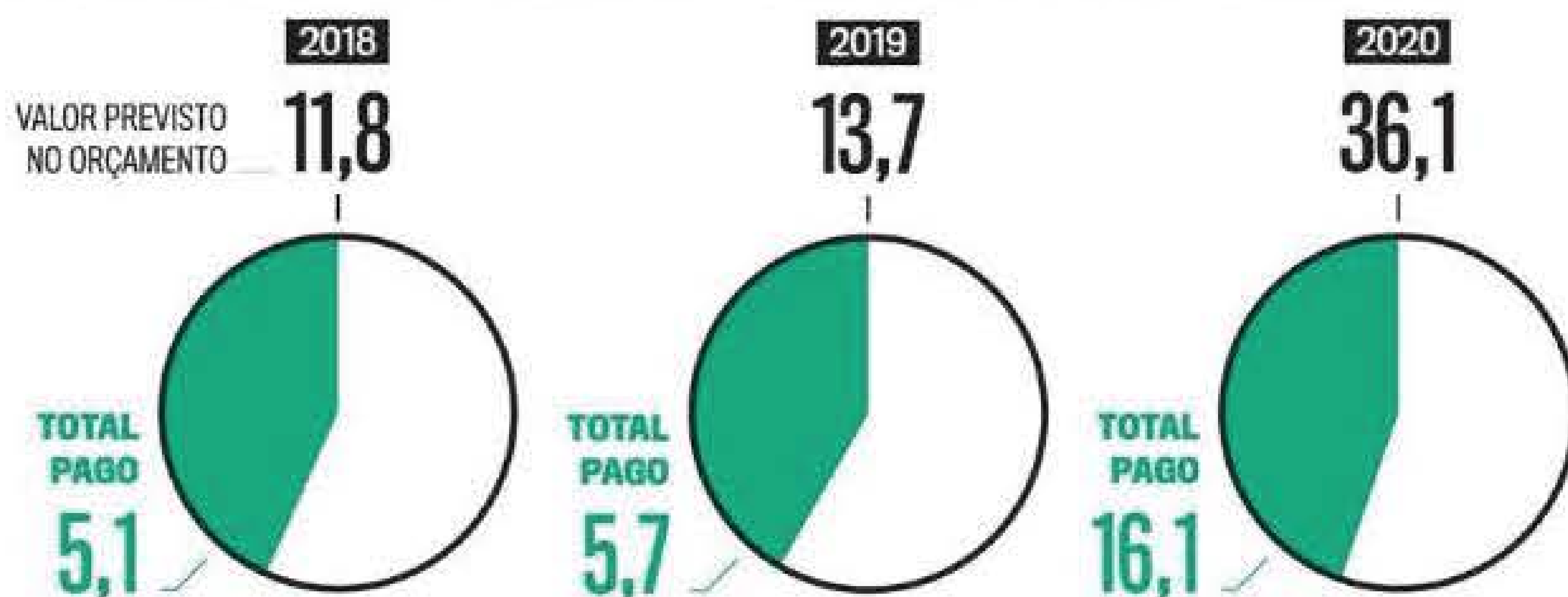
Em ambos os casos, o ministro alegou que uma emenda só pode ser paga se o parlamentar responsável por ela for identificado, assim como a prefeitura ou o governo estadual beneficiado, a empresa ou entidade contratada para realizar o serviço, além do projeto em que a verba será aplicada. O caminho do dinheiro, do início ao fim, tem de ser conhecido. Ou rastreável. É uma exigência constitucional, mas os congressistas sempre se recusaram a observá-la. Nos últimos anos, deputados e senadores passaram a controlar fatias cada vez maiores do Orçamento na forma de emendas *(veja no quadro abaixo)* e, ao mesmo tempo, instituíram mecanismos contrários à transparência, como o notório orçamento secreto. Na campanha de 2022, Lula prometeu pôr um freio na farra, mas, sem poder político, nada fez. Indicado pelo presidente ao STF, Dino, então, entrou em cena. Em meados do ano passado, o ministro suspendeu o pagamento de variadas formas de emendas porque, entre outros motivos, investigações da Polícia Federal, corporação que foi subordinada a ele antes de assumir a toga, colheram evidências de esquemas de desvios de verbas alimentados por emendas.

A questão, antes restrita ao respeito a princípios constitucionais, passou a ser, cada vez mais, também um caso de polícia. Impactado com um "ciclo de denúncias" e "malas de dinheiro sendo apreendidas em aviões, cofres, armários ou jogadas por janelas", Dino designou uma equipe de seu gabinete para cuidar dos inquéritos sobre políticos e determinou à PF, comandada por Andrei Rodrigues, que apure, por exemplo, a tentativa de líderes partidários de assumir a paternidade

VESPEIRO BILIONÁRIO

*Com o fortalecimento do Congresso, deputados e senadores passaram a controlar fatias cada vez maiores de recursos públicos (em bilhões de reais)**

* Os dados não levam em consideração valores liberados de restos a pagar de anos anteriores



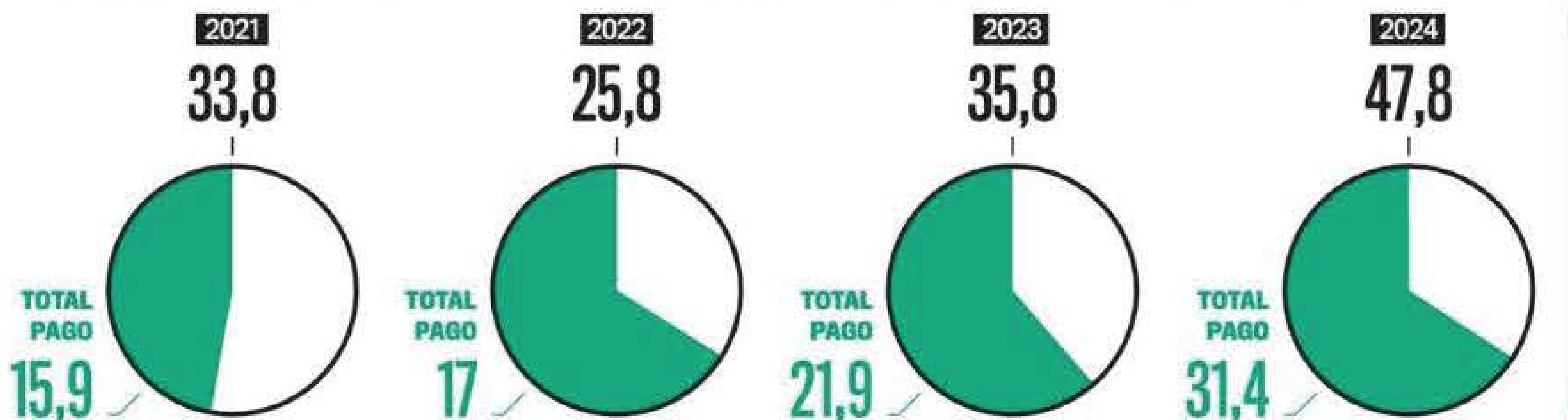




ALVO Júnior Mano: deputado do PSB do Ceará foi acusado de ficar com parte das quantias parlamentares

de emendas de comissão, a fim de ocultar os nomes dos verdadeiros autores de cada centavo indicado por esses colegiados. "Sabemos os nomes de todos os nossos clientes vips e famosos", disse a VEJA um ministro do STF, que pediu para não ser identificado. Sob sigilo no tribunal, as investigações em tramitação tratam de compra de votos com dinheiro de emendas, direcionamento de valores para empresas de aliados, recolhimento de propina em obras e rateio de dinheiro público entre integrantes de organizações criminosas, sejam eles parlamentares, servidores públicos, lobistas ou empresários.

No Orçamento da União de 2024, havia quase 50 bilhões de reais em emendas. Um estudo dos pesquisadores Hélio Tollini, ex-secretário de Orçamento Federal, e Marcos Mendes, doutor em economia e associado ao Insper, mostrou que as emendas chegam a 23% das despesas discricionárias no Brasil. Já nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) não passam de 1%. Aqui, o dinheiro quase sempre é aplicado para premiar redutos eleitorais, e não para ajudar quem mais precisa. Tudo isso, muitas vezes, é feito longe da necessária luz do sol. Em sua cruzada, Dino quer reverter essa situação, permitir o escrutínio da sociedade e priorizar também a apuração de indícios de corrupção. "Esse orçamento virou um caso de polícia de maneira geral. É uma forma de corrupção institucionalizada", diz o diretor-executivo da Transparência Internacional no Brasil, Bruno Brandão. "Houve o surgimento de braços executivos do orçamento secreto, como a Codevasf. É uma bomba atômica de desgovernança", acrescenta, referindo-se à estatal que, responsável por reduzir desigualdades regionais, protagoniza uma série de denúncias de mau uso de recursos indicados por parlamentares.



Fonte: *Consultoria de Orçamento do Congresso*

Ao resistirem a aderir a regras de necessário controle, deputados e senadores correm o risco de cair em investigações da PF, o que já tem acontecido. Há poucos dias, o STF recebeu mais um relato de crime com emendas. Em depoimento ao Ministério Público, a prefeita de Canindé, um município do sertão do Ceará, acusou o deputado federal Júnior Mano, que trocou o PL pelo PSB, de integrar um esquema de corrupção e lavagem de dinheiro que englobaria quase 30% das cidades cearenses. De acordo com a denúncia da prefeita, Mano destinaria emendas a aliados em localidades específicas, que, na sequência, acionariam um operador previamente combinado, a quem caberia esquentar o dinheiro e devolver parte dele ao parlamentar. Apesar de ser desconhecido do grande público, Mano tem resultados expressivos na seara orçamentária. Com pouco mais de 30 000 habitantes, o município cearense de Nova Russas, cuja prefeita é a esposa do deputado, chegou a receber 80 milhões de reais em emendas do orçamento secreto. Procurado por VEJA, Mano não quis comentar o caso, alegando correr em sigilo de Justiça.



REPRODUÇÃO

REI DO LIXO Marcos de Moura: suspeita de distribuição de propina a políticos

Enredos desse tipo são frequentes. No fim do ano passado, a Polícia Federal prendeu um empresário suspeito de integrar uma organização criminosa que movimentou quase 200 milhões de reais a partir de desvios de recursos e de contratos de obras públicas contra a seca. José Marcos de Moura, o alvo, conhecido como "o rei do lixo", tem extensas relações com o mundo político, e a mera especulação de que ele poderia fazer uma delação premiada deixou parlamentares preocupados. Em outra parte da mesma operação, um primo do deputado Elmar Nascimento (BA), líder do União Brasil, foi flagrado pelos policiais jogando 220 000 reais em dinheiro vivo pela janela. O episódio foi mencionado numa das decisões de Dino, que se tornou alvo predileto das críticas do baixo clero e da cúpula do Congresso, que o acusam de criminalizar a política e ajudar Lula a colocar um cabresto nas emendas. A chiadeira contra o ministro ocorre desde que ele chefiava a Justiça e tinha sob seu guarda-chuva a Polícia Federal. Nessa função, ele quase implodiu a relação do governo com a Câmara, conforme análise de auxiliares de Lula.



CGU/DIVULGAÇÃO

VERGONHOSO Investigadores em ação: reais em espécie jogados pela janela

Em 2022, a PF iniciou uma investigação que apontava indícios de superfaturamento e lavagem de dinheiro em uma compra milionária de kits para aulas de robótica em escolas públicas de Alagoas. Em 2023, já no atual governo, um assessor do atual presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), chegou a ser preso nesse caso. Em reação, aliados do deputado acusaram Dino de estar por trás da ofensiva, com o objetivo de enfraquecê-lo. A situação só não se agravou porque a apuração contra o assessor de Lira acabou anulada pelo ministro do STF Gilmar Mendes, com base em alegadas irregularidades processuais. "As emendas são provenientes de dinheiro público, que deve ser


POLÍCIA FEDERAL

empenhado garantindo critérios de transparência, para que a sociedade saiba como está sendo investido, evitando, assim, desvios e corrupção", diz a deputada Erika Hilton (SP), do PSOL, partido que recorreu ao STF para suspender os pagamentos. "As determinações do ministro Dino são exatamente o que precisamos. Transparência absoluta, de ponta a ponta, desde quem indicou a emenda até para qual projeto está sendo empenhada."

Como a bancada psolista, os elogios a Dino no Congresso são minoria. "A decisão do Supremo sobre as emendas parlamentares causou muito embaraço, porque atinge prefeituras que dependem desses recursos. Isso criminaliza a política", afirma o líder do PL na Câmara, Altineu Côrtes. "Se existem problemas pontuais em emendas, aqueles que causam esses problemas devem pagar com rigor máximo, mas acredito que em 99% das emendas não existe isso." As investigações da PF separarão, enfim, o joio do trigo. É um bom caminho. ■

Colaboraram Hugo Marques e Ricardo Chapola



MURILLO DE ARAGÃO

FATOS, VERSÕES E AUTOENGANO

Para salvar 2025, poderes têm que, juntos, restaurar expectativas

A. T. CHOLERTON, um renomado jornalista inglês, certa vez afirmou que "tudo era verdade, menos os fatos". Essa observação irônica e perspicaz ecoa no Brasil atual, onde narrativas distorcidas frequentemente obscurecem a realidade, dificultando a compreensão dos desafios que enfrentamos. Vamos aos fatos.

O desemprego está em seu menor patamar em anos, o crescimento em 2024 será significativo e houve melhorias na distribuição de renda. Porém, o país queimou reservas internacionais devido à aguda perda de credibilidade na condução da política econômica. Cruelmente, as boas notícias ficaram no passado, enquanto as decisões sobre gastar e investir são tomadas com base em expectativas agora contaminadas por incertezas.

Se o governo tivesse adotado uma postura mais firme na questão fiscal e evitado declarações desastrosas, poderíamos ter iniciado o ano com um horizonte mais promissor, sustentado pelos resultados positivos do ano anterior. No entanto, a equipe econômica parece isolada, sem respaldo político e incapaz de convencer que a fragilidade fiscal pode comprometer o governo como um todo.

O Brasil enfrenta três cenários potenciais. O pior seria uma perda total de credibilidade fiscal, com o dólar ultrapassando os 7 reais, agravando inflação e juros. Um cenário intermediário manteria o atual ambiente de instabilidade. O cenário mais positivo dependeria de ações fiscais contundentes, melhor comunicação do governo e revitalização de uma equipe econômica sob severos questionamentos internos e externos.

Comunicar, insisto, não é apenas gastar em publicidade. É dialogar, ouvir e construir uma narrativa consistente de credibilidade. É abandonar o deslumbramento que setores do governo ainda demonstram com o poder e priorizar o que realmente importa: estabilidade e confiança. Para reverter as expectativas, algumas questões cruciais precisam ser respondidas com sinceridade.

O governo cortará mais despesas? O Congresso aprovará ajustes fiscais? Uma reforma ministerial dará mais unidade ao Executivo? O governo dialogará mais com agentes econômicos? Declarações "lacradoras" serão arquivadas? A reflexão sobre essas perguntas é desanimadora. Entre o sucesso absoluto e o fracasso total, parece que o Brasil caminha para um cenário de mediocridade, insistindo em medidas paliativas e improvisações.

> **"Parece que o país caminha para um cenário de mediocridade, insistindo em medidas paliativas"**

É o típico "sambarilove" — empurrar a crise até que as circunstâncias externas melhorem ou o caos se torne inevitável. A verdade é que o Brasil não pode ignorar os sinais de alerta que se acumulam. Fuga de capitais, desvalorização do real e juros futuros em alta não são números isolados, mas sintomas de uma crise mais profunda. A crescente demanda por dólares não reflete um ataque especulativo imaginário, mas a reação à falta de credibilidade fiscal.

Os três poderes precisam conciliar agendas e organizar um esforço conjunto para restaurar expectativas. Caso isso seja feito de maneira séria, os resultados positivos aparecerão rapidamente. Como dizia Delfim Netto, o Brasil flerta com o abismo, mas, na hora H, costuma dar um passo atrás. É o que esperamos para este ano: que o Brasil tenha juízo, dialogue mais e aja com pragmatismo. Que deixemos o autoengano e encaremos os fatos antes que seja tarde. Ainda dá tempo. ■



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

ÁREA CRÍTICA A ministra sob pressão: desempenho fraco em tema explorado para derrotar Jair Bolsonaro em 2022

FOCO DE PROBLEMAS

Ministério da Saúde falha em um ponto sensível como a vacinação e fragiliza a situação da ministra Nísia Trindade, em um dos cargos mais cobiçados na Esplanada **BRUNO CANIATO**

A GESTÃO DA SAÚDE da Presidência de Jair Bolsonaro foi um desastre humanitário. A pandemia de covid-19, que deixou quase 700 000 mortos entre 2020 e 2022, escancarou o desleixo do governo, que, na contramão da corrida global para vacinar a população, abraçou o negacionismo, promoveu tratamentos sem respaldo científico e trocou o comando do Ministério da Saúde três vezes, incluindo a nomeação de um general, Eduardo Pazuello, absolutamente inexperiente em políticas sanitárias. As fake news em torno dos imunizantes, que demoraram a ser comprados, eram a regra. Medicamentos ineficazes, como a hidroxicloroquina, viraram bálsamos (inúteis, reafirme-se) do dia para a noite. O fracasso foi amplamente explorado pela campanha de Lula em 2022. "Depois de um triste período de negacionismo e descrença na nossa ciência, o governo e o Ministério da Saúde voltarão a cuidar do povo", disse o presidente ao tomar posse.

Dois anos depois, no entanto, o governo tem pouco a comemorar e está a um passo de trocar o comando da pasta. A socióloga Nísia Trindade, ex-presidente da Fiocruz, respeitada no meio acadêmico e de reputada capacidade de gestão, tem tido dificuldades de pôr os cuidados com a saúde pública no trilho — ainda que tenha conseguido resgatar a sensatez científica, ao avesso dos disparates. A realidade, contudo, insiste em desafiar os planos inicialmente desenhados, que podem terminar como meras promessas. Uma pesquisa do instituto Ipec divulgada em dezembro mostra que a área é uma das mais mal avaliadas: 44% consideram o trabalho "ruim ou péssimo"; 26% dizem ser "ótimo ou

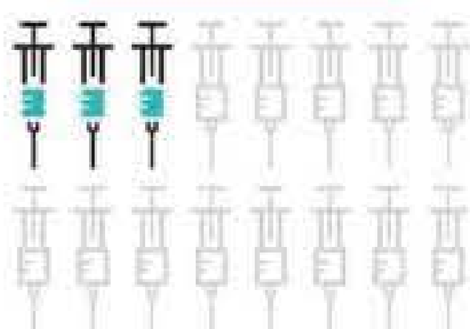
IMUNIDADE BAIXA

Tropeços nas campanhas de vacinação no Brasil em 2024



64%

DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS REGISTRARAM FALTA DE IMUNIZANTES NOS POSTOS DE SAÚDE PARA DOENÇAS COMO COVID-19, VARICELA INFANTIL E MENINGITE



3 DAS DEZESSEIS

VACINAS DO CALENDÁRIO INFANTIL CUMPRIRAM A META DO ANO ATÉ AGORA: **BCG, POLIOMIELITE E TRÍPLICE VIRAL**



▼ 18%

FOI A QUEDA NO NÚMERO DE DOSES APLICADAS EM 2024 EM RELAÇÃO AO ANO ANTERIOR

Fontes: *Confederação Nacional dos Municípios, Ministério da Saúde, Programa Nacional de Imunizações*



ROVENA ROSA/AGÊNCIA BRASIL

FRACASSO Ação contra a dengue: o número de casos quadruplicou em 2024

bom"; e somente 28% colam o rótulo de "regular". A avaliação negativa, a título de comparação, é semelhante às da segurança pública (45%) e do combate à inflação (47%).

O mais decepcionante para a administração petista é que a pasta vai mal exatamente onde prometeu brilhar: a vacinação. Das dezesseis metas de imunização no calendário infantil obrigatório, apenas três foram atingidas em 2024: BCG, poliomielite oral e primeira dose da tríplice viral. Para piorar, o principal entrave ao avanço da cobertura é a falta de doses nos postos de saúde — quase dois em cada três municípios (64%) relataram alguma escassez, de acordo com levantamento feito em dezembro pela Confederação Nacional dos Municípios (CNM). As três maiores queixas são referentes às vacinas contra catapora (52%), covid-19 para adultos (25%) e DTP (18%), que previne difteria, tétano e coqueluche. "Todo mês, a ministra vai à TV divulgar as campanhas nacionais, mas o governo não reconhece publicamente a escassez e empurra a responsabilidade aos estados e municípios", critica Paulo Ziulkoski, presidente da CNM.

As autoridades, como de hábito, se defendem apontando o dedo para a herança do bolsonarismo, apesar de metade do atual mandato já ter passado. Responsável pela compra e distribuição das doses, o ministério trata os episódios de carência como pontuais. Atribui os problemas a falhas dos fornecedores, desafios logísticos, desordem nos contratos e a péssima mensagem transmitida para a sociedade pela turma anterior. "O fortalecimento do discurso antivacina prejudicou muito a proteção contra a covid-19 e impacta, ainda hoje, na cobertura de outros imunizantes", diz Eder Gatti, diretor do Programa Nacional de Imunizações do ministério.

Os tropeços na vacinação chamam atenção, mas não são os únicos. Um problema gravíssimo é o avanço da dengue: as mortes subiram de 1 179 em 2023 para 5 972 no ano passado, enquanto os casos quadruplicaram, de 1,6 milhão para mais de 6,6 milhões. O argumento para o desastre: as mudanças climáticas, principalmente no regime de chuvas, e o saneamento básico precário em muitas regiões vêm contribuindo para a disseminação da doença — que não deve refluir no ano que se inicia. A propagação da covid-19, ainda que em patamares longe do pânico, também preocupa. Houve picos de casos no primeiro trimestre de 2024 e, novamente, no final do ano — na primeira semana de dezembro foram mais de 20 000 registros da infecção, uma alta de 60% em relação aos sete dias anteriores e a maior onda desde março.

O mau desempenho em questões sensíveis é natural fermento para movimentações políticas. Desde o início do mandato, o cargo de Nísia Trindade é cobiçado pelo Centrão, em especial pelo PP do presidente da Câmara, Arthur Lira. A sigla já comandou a Saúde no governo Michel Temer (MDB), com Ricardo Barros e Gilberto Occhi, depois de longa hegemonia do PT nas duas gestões iniciais de Lu-

la e Dilma. O principal motivo para a cobiça é o volume de recursos movimentado pelo ministério, e não o interesse em resolver os problemas do setor. Surpresa? Nenhuma. Segundo maior orçamento de toda a Esplanada neste ano (210,5 bilhões de reais), atrás apenas da Assistência Social (285,8 bilhões de reais), a pasta é também a que concentra o maior volume de emendas parlamentares: 60% dos 40 bilhões de reais pagos em 2024 saíram de seus cofres.

Não por acaso, Nísia caminha na corda bamba, em frágil equilíbrio, citada à exaustão na bolsa de apostas para a reforma ministerial que deve ocorrer ao longo do ano. Outro nome em evidência, Paulo Pimenta, da Secretaria de Comunicação, já recebeu o aviso de demissão de Lula e será substituído pelo marqueteiro Sidônio Palmeira. Arthur Lira, terminando seu mandato como presidente da Câmara em fevereiro, passou a ser cogitado para a Saúde, mas é difícil que aceite — o mais provável é emplacar um aliado. O problema, à margem da resistência de Lula em politizar um posto relevante: contornar o PT, que tem ampla influência na pasta. O número 2 do ministério, o secretário-executivo Swedenberger Barbosa, foi o braço direito de José Dirceu quando ele chefiou a Casa Civil no governo Lula. O ex-ministro da Saúde sob Dilma e hoje titular de Relações Institucionais, Alexandre Padilha, bancou a nomeação de Nísia e emplacou vários detentores de cargos de segundo e de terceiro escalão — vem daí, aliás, boa parte da motivação para as escaramuças frequentes entre ele e Arthur Lira.


MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

A ministra se defende como pode. Em balanço no final de 2024, fez questão de lembrar que, apesar dos relatos de desabastecimento, a vacinação aumentou em relação a 2022, último ano de Bolsonaro. Também citou a redução da mortalidade materna, a recertificação de país livre do sarampo e a retomada do Farmácia Popular, que distribui 39 medicamentos a 70 milhões de brasileiros. Os sucessivos tropeções, porém, e não há como escondê-los, vão minando a ministra. Os aliados de Bolsonaro não perdem chance de atacar, especialmente nas redes sociais. Com deboche, retrucaram o infeliz comentário de que a explosão da dengue estivesse atrelada ao fenômeno El Niño. "Em 2024, mais casos de dengue do que nos últimos oito anos. El Niño ou El Nísia?", postou o ex-ministro da Saúde Marcelo Queiroga. "A alta em casos de dengue vem desde 2023, e o governo não deu



EVARISTO SA/AFP

TRISTES TEMPOS Queiroga *(à esq.)* e Pazuello: 700 000 mortes pela covid-19

PADRINHO Alexandre Padilha: ex-ministro da Saúde, ele bancou a nomeação de Nísia e emplacou aliados na pasta

a mínima", disse ele a VEJA. O próprio Bolsonaro também tira uma casquinha. "Numa pandemia sob comando da organização completa *(o PT)*, o país já teria sido destruído, sob todos os aspectos: saúde, economia e liberdade do povo", postou no final de 2024.

Fragilizada, atacada pela oposição e cercada pelo Centrão, Nísia terá dias difíceis pela frente. Como a intenção de Lula é aproveitar a segunda metade do mandato para colher os frutos de seu governo, a Saúde pode vir a representar um calcanhar de Aquiles. Em pesquisa Datafolha de dezembro, a área foi apontada como o maior problema do país, com 21% de citações, bem à frente de segurança (14%) e economia (9%). Diante desse quadro, soa urgente para Lula aumentar a imunidade, consideravelmente baixa, em um quadro tão sensível. A vacina não se chama Nísia Trindade. ■

Colaborou Laísa Dall'Agnol



CRISTOVAM BUARQUE

DUAS ARMADILHAS

Os desencontros: renda média baixa e renda mínima permanente

POR DÉCADAS, perdurou a ideia de que a renda do crescimento econômico se espalharia do topo para a base da pirâmide social em quantidade suficiente para abolir a pobreza. A história mostra que essa distribuição não ocorreu e sabe-se que a renda chegada aos pobres não seria suficiente para comprar no mercado os bens e serviços essenciais: educação, saúde, segurança. Dessa constatação surgiu a ideia do "keynesianismo social e produtivo": renda mínima condicionada à produção para atender às necessidades, sobretudo educação. O Bolsa-Escola foi o mais reconhecido desses incentivos: pagar à mãe para que assegure a frequência dos filhos à escola. Previa-se que em poucas décadas a pobreza seria superada, não pela pequena renda, mas pelas consequências da educação, desde que a frequência ocorresse com aprendizado em escolas de qualidade. E que, paralelamente, fossem feitas as reformas adequadas para livrar o país da armadilha da baixa renda média.

> "O Brasil precisa de uma estratégia para eliminar a necessidade de assistência no futuro"

Lamentavelmente, a estratégia do incentivo social e produtivo foi substituída pela visão da renda mínima para reduzir a penúria, mas não para erradicar a pobreza; e pela opção de ampliar o número de vagas no ensino superior, e não de implantar um sistema nacional de educação de base com qualidade. É como se, em vez de abolir a miséria, os governos tivessem preferido subsidiar a ineficiência econômica da escravidão, oferecendo alforria para alguns escravos viverem na casa-grande. O Brasil escolheu a assistência social para os pobres e subsídios fiscais para os ricos. O resultado é que, depois de duas décadas, o Brasil só tem o Bolsa Família para mitigar a penúria de 54 milhões de pessoas, mas infelizmente tudo indica que em 2045 ele ainda será necessário para 100 milhões. O fim do Bolsa Família hoje seria uma tragédia social, sua necessidade daqui a vinte anos será uma tragédia histórica.

O Brasil precisa manter a tática da mitigação da penúria no presente com a renda mínima do Bolsa Família, mas deve também implantar uma estratégia para eliminar a necessidade de assistência no futuro, salvo a idosos ou deficientes. Isso é possível com a adoção de incentivos sociais produtivos que empreguem as pessoas para a construção de moradia, água, esgoto, sobretudo para implantar um sistema escolar com máxima qualidade, garantindo frequência, assistência e aprendizado.

Sem isso, no lugar da construção de uma economia sólida, com renda alta e bem distribuída, e de uma sociedade com serviços públicos essenciais acessíveis para todos, o Brasil estará condenado a não escapar da armadilha da renda média baixa, nem da armadilha da renda mínima permanente: a primeira por causa da baixa produtividade, devido à falta de preparo da mão de obra; a segunda devido à dependência de assistência social para parte da população. As duas armadilhas se retroalimentando.

Pesquisa recente mostra que os brasileiros felizmente apoiam o Bolsa Família para diminuir a pobreza, mas já não acreditam na abolição do vergonhoso quadro, inclusive os líderes dos partidos progressistas. O Brasil parece viciado nos dois caminhos: acostumado com a assistência para os pobres e com os subsídios para os ricos, sem acreditar no propósito de economia eficiente e sociedade sem pobreza. Deseja-se aliviar a penúria, não abolir a pobreza. ■


TON MOLINA/FOTOARENA

BRECHA Otoni de Paula, com Lula: os petistas tentam aproveitar a rixa interna para se aproximar dos evangélicos

QUESTÃO DE FÉ

A liderança da poderosa Frente Parlamentar Evangélica, desde sempre um acordo entre amigos, neste ano virou uma guerra santa entre bolsonaristas e não bolsonaristas **LUDMILLA DE LIMA**

COM 220 DEPUTADOS federais e dezessete senadores, a poderosa Frente Parlamentar Evangélica (FPE) sempre foi uma das bancadas, digamos, ideológicas mais coesas do Congresso, um oásis de consenso cuja capacidade de influenciar decisões tanto ofertou quanto amealhou benefícios nos quatro anos de governo de Jair Bolsonaro. Agora, pela primeira vez na sua história, iniciada em 2003, o grupo vive uma fissura interna: a escolha do novo líder, um acordo de compadres decidido a cada dois anos, desta vez é alvo de inten-

sas costuras de bastidores que, se não prosperarem, podem desembocar em uma inédita votação.

Até recentemente tudo parecia caminhar para uma passagem de bastão sem rusgas para o deputado-pastor Otoni de Paula (MDB-RJ), que conta com o apoio do atual líder, Silas Câmara (Republicanos-AM). Otoni, no entanto, atritou-se com o clã Bolsonaro, deu passos para se distanciar dele e virou alvo da virulenta oratória do pastor bolsonarista Silas Malafaia. Sob o argumento de que "o mais novo comunista gospel" tem o governo Lula por trás de sua candidatura, Malafaia faz pressão para que outro deputado, Gilberto Nascimento (PSD-SP), assuma a liderança da FPE.

O racha, de fato, favorece Lula, que trabalha para melhorar sua relação com o segmento evangélico, no qual, segundo pesquisa recente, seu governo é desaprovado por 56%. Ao se descolar de Bolsonaro, Otoni, mesmo não caindo nos braços do PT, abre uma brecha para o Planalto tentar aplainar a relação com a FPE — um bloco conservador que lidera polêmicas "pautas de costumes", como o PL do aborto, na contramão das bandeiras petistas. "Estou propondo que a frente deixe de ser um puxadinho ideológico do bolsonarismo e seja uma frente política dos interesses do conservadorismo. E para isso precisamos de um mínimo de entendimento", prega Otoni, que mantém bom trânsito com evangélicos governistas como Jorge Messias, advogado-geral da União, e Alexandre Padilha, ministro de Relações Institucionais da Presidência. Ele propõe, além de maior diálogo, uma mudança no perfil da frente, abrindo-se ao debate de "pautas cristãs" de cunho social.

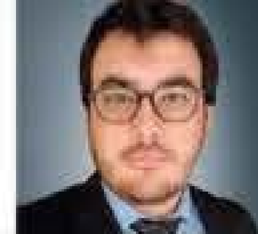
Malafaia, que não tem mandato mas exerce grande influência na bancada, vê nessa atitude um pecado capital e anuncia aos quatro ventos que Otoni "não é confiável". "Há até pouquíssimo tempo ele era um verdadeiro camicase contra Lula e seu governo e defensor ardoroso de Bolsonaro, com quem viajava no avião da Presidência. De repente, virou a casaca, e os deputados perceberam que o governo Lula quer interferir nessa brincadeira", dispara o pastor. A ruptura do deputado com o bolsonarismo é fruto da corrida municipal do ano passado — sua ambição de disputar a prefeitura do Rio de Janeiro foi atropelada pela preferência do PL e da família Bolsonaro pelo nome de Alexandre Ramagem. Otoni, em contrapartida, mergulhou de cabeça na candidatura vitoriosa de Eduardo Paes — que é unha e carne com Lula —, levando junto as principais lideranças evangélicas do Rio. Não é segredo que o deputado evangélico tem sido procurado pela ala governista — no calor da campanha pelo segundo turno, inclusive, ele apareceu orando ao lado do presidente em uma cerimônia no Palácio do Planalto. "Nunca declarei apoio a Lula", proclamou Otoni a VEJA. "Continuo conservador e de direita. Mudei foi no radicalismo ao qual servi por muito tempo."



BRUNO SANTOS/FOLHAPRESS

PREGAÇÃO Malafaia: campanha aberta contra o "comunista gospel"

Até a volta do recesso parlamentar, em 2 de fevereiro, as costuras para a liderança da frente devem seguir em conversas informais, envolvendo, inclusive, governistas, enquanto Malafaia, do lado de fora, insufla a guerra santa. Ele acusa Otoni e aliados de estarem de olho em cargos no governo Lula. "Otoni quer fazer graça para esse governo", ataca. Todos negam — embora seu desafeto-mor admita que o nome do novo superintendente do DNIT no Rio passou por seu crivo. Na prefeitura, comandada pelo amigo Paes, a influência do deputado é inegável — seu filho, que tem o mesmo nome, é o novo secretário de Cidadania e Família do Rio. "Na verdade, as lideranças atuais da frente já têm trânsito subterrâneo no Planalto", diz o pastor batista e pesquisador Sérgio Dusilek. "Boa parte da bancada evangélica é ligada a partidos do Centrão, mais conhecidos pelo fisiologismo do que pela fidelidade ideológica." Resta ver qual estandarte prevalecerá na cruzada pela liderança da FPE — e como Lula se beneficiará nesse belicoso jogo. ■



PEDRO GIL

Com reportagem de Diego Gimenes, Felipe Erlich e Juliana Machado



PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

ENXUTA Coelho, CEO da Americanas: empresa quer se desfazer de alguns ativos

Valor justo...

Em recuperação judicial há dois anos, a Americanas segue atrás de interessados na compra do hortifrúti Natural da Terra e da Uni.co, varejista dona das marcas Puket e Imaginarium. Há tratativas em andamento. "Mas não estamos em liquidação, buscamos valores justos", diz **Leonardo Coelho,** presidente da Americanas. "Se não tiver negócio, vamos expandir as marcas."

... mas sem pressa

Não há pressa para o duplo negócio, apesar de a promessa de desinvestimento estar no plano de recuperação. A Americanas quer recuperar o investimento. Em 2021, a Natural da Terra foi comprada por 2,1 bilhões de reais. O valor de transação da Uni.co não foi divulgado. "São ativos que geram valor, mas o perfil dos clientes é diferente no restante do grupo", afirma Coelho.

Pouso autorizado

A Abra Group, controladora das companhias aéreas Avianca e Gol, analisa possíveis questionamentos que virão do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) em relação à eventual fusão com a Azul. A tese da Abra é de que as empresas operam rotas complementares — e não concorrentes.

Jorrando mais

A Brava Energia deverá superar, em março, a marca de 100 000 barris de petróleo produzidos por dia. Atualmente, a produção está em 60 000 barris diários. Duas plataformas — Atlanta (Bacia de Santos) e Papa-Terra (Bacia de Campos) — serão reativadas.

Ativos à venda

A PetroReconcavo é uma das interessadas nos cinco ativos onshore — em terra — da Brava Energia, que anunciou a intenção de vendê-los. A negociação não deverá sair por menos de 3 bilhões de dólares.

No vermelho

Em grave crise financeira, a empresa brasileira de tecnologia Infracommerce trocou 640 milhões de reais em dívidas por ações cedidas aos bancos credores, que já possuem 80% da companhia na América Latina. A operação no Brasil é problemática. A empresa nunca registrou um trimestre de lucro desde que foi listada na B3, a bolsa de valores de São Paulo, em 2021.

Indefinição

Ainda não está claro quanto os bancos credores, Itaú, Santander, ABC Brasil e Banco do Brasil, vão abocanhar da operação da Infracommerce por aqui. Isso depende do processo de emissão de novas ações da companhia. Será o último grande movimento de reestruturação.

Ressaca

Com capital aberto na bolsa de Nova York e 2 bilhões de dólares em receitas, a Globant, gigante argentina de tecnologia, pisou no freio. Depois de três aquisições no Brasil nos últimos anos, a ordem agora é focar no crescimento orgânico. "Não descartamos uma eventual nova compra, mas estamos passando pela ressaca", diz Carlos Morais, diretor-executivo da Globant.

Abilio faz falta

A O3 Capital, responsável pela gestão dos bens da família de Abilio Diniz, demitiu funcionários. Desde a morte do empresário, há um ano, a ordem era simplificar a operação e manter o foco no que havia no portfólio. Procurada, a O3 disse que, "após revisão estratégica liderada pela Península, sócia e investidora da gestora, a O3 voltou a gerir exclusivamente o capital proprietário da família do empresário a partir de novembro de 2024". ■

OFERECIMENTO

kovr seguradora



AGORA EM JOINVILLE

FACULDADE DE MEDICINA

O sonho de cursar Medicina acaba de ganhar uma opção inovadora.
Marco importante não apenas para a instituição, mas para toda a região de Joinville, Santa Catarina, o novo curso chega com nota máxima em todos os indicadores de excelência do MEC.

PROCESSO SELETIVO / INSCRIÇÕES ABERTAS

life.unic EDUCATION

(47) 98862-0147
lifeunic.com.br

SEMPRE FORA DO ALVO

O estouro da inflação em 2024 foi o sétimo em 26 anos. O Brasil conhece as consequências caso não reverta a tendência: investidores em fuga, queda da economia e empobrecimento

JULIANA ELIAS E FELIPE ERLICH

Recém-empossado presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo terá como uma de suas primeiras tarefas à frente da instituição o envio de uma carta nada agradável a Fernando Haddad, seu ex-chefe no Ministério da Fazenda. Do alto de uma taxa básica de juros de 12,25% ao ano, uma das mais altas do mundo, o economista terá de explicar os motivos que levaram a inflação a ter estourado o teto da meta estabelecida para 2024. Galípolo prestará os esclarecimentos porque é o novo comandante da política monetária, o braço que cuida oficialmente do índice de preços e dos juros do país. Entre especialistas e investidores, contudo, os dedos estão apontados para o outro lado, o da política fiscal capitaneada por Haddad e submetida aos desejos do presidente Lula, e que vem sendo marcada por um contínuo aumento dos gastos e da dívida pública.

O resultado de 2024 do Índice de Preços ao Consumidor Amplo, o indicador oficial de inflação do país, seria divulgado na sexta-feira 10, depois do fechamento desta reportagem. Independentemente do número exato, o IPCA extrapolou o limite anual determinado pelo Comitê Monetário Nacional. A inflação veio mais alta do que se esperava no início do ano, está bem longe da meta atual de 3% e acima, ressalve-se, do teto de 4,5% da banda de tolerância na qual deveria oscilar. Essa espécie de margem de erro existe para comportar choques eventuais, e a carta aberta a ser escrita pelo presidente do Banco Central ao ministro da Fazenda é uma formalidade prevista apenas para as vezes em que a inflação termina o ano descumprindo a banda

RUIM DE MIRA

Em 26 anos de metas para a inflação, o Brasil só acertou o centro uma vez — em julho de 2009 — e passou boa parte do tempo com o índice de preços acima do teto

METAS PARA A INFLAÇÃO E RESULTADO REALIZADO EM 12 MESES *(em %)*



* Projeção

Fontes: *IBGE e Banco Central*



MATTOMATTEO/E+/GETTY IMAGES

CADA VEZ MAIS CAROS No supermercado: alimentos puxaram a fila dos itens que mais subiram de preço em 2024



DESAFIO Galípolo, presidente do BC: juros continuarão altos para conter a escalada do IPCA

TON MOLINA/FOTOARENA

de tolerância. A ideia original é que esses eventos sejam exceção — mas, no Brasil, são incomodamente presentes. "Temos um Estado que gasta muito e governos que querem fazer a economia crescer a qualquer custo, uma das principais razões para passarmos tanto tempo sem a inflação estabilizada", diz Heron do Carmo, professor de economia da Universidade de São Paulo e que coordenou os índices de preços da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas por mais de duas décadas. "Se tivéssemos uma situação fiscal mais organizada e visando o longo prazo, seria mais fácil termos inflação e juros mais baixos, com investimentos e crescimento maiores."

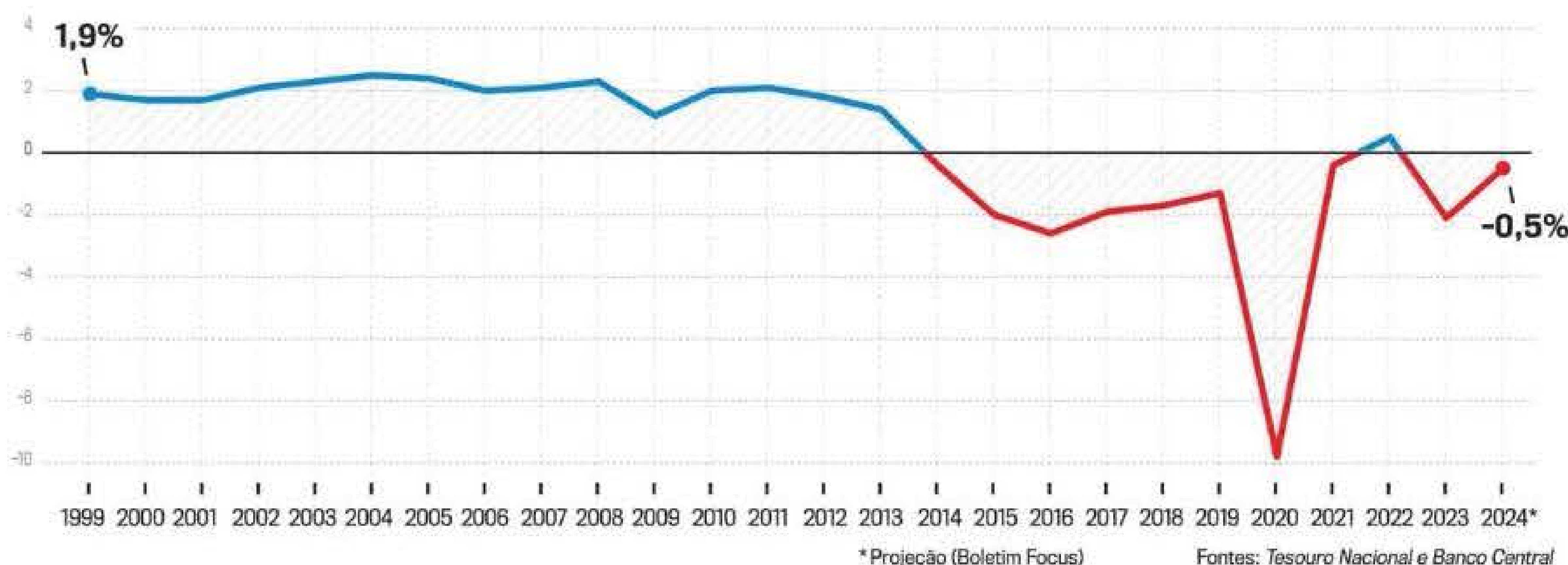
Com o estouro do teto em 2024 completa-se o oitavo ano em que a inflação desrespeita os limites desde que o regime de metas foi implementado no Brasil, em 1999, quando Arminio Fraga assumiu o BC, durante a Presidência de Fernando Henrique Cardoso, com a missão de substituir o falido sistema de câmbio fixo. Desses oito anos, em sete o erro foi para cima — 2001, 2002, 2003, 2015, 2021 e 2022, além de 2024. E 2025 já começa candidato a se juntar à lista, pois as expectativas preliminares dos economistas são de que o IPCA suba ainda mais e passe dos 5% até o fim do ano, pressionado por uma demanda persistentemente aquecida e pela disparada recente do dólar para a faixa dos 6 reais. A única vez em que o furo da inflação brasileira foi no piso e não no teto ocorreu em 2017, mesmo ano em que entrou em funcionamento o falecido teto de gastos, congelando o crescimento das despesas públicas em termos reais.

A partir de 2025, passará a valer a chamada "meta contínua", a primeira grande mudança no regime de alvos para a inflação em seus 26 anos de existência. Com a nova metodologia, a meta passa a ser considerada descumprida sempre que o índice de preços ficar fora das margens de tolerância por mais de seis meses seguidos, similar ao que ocorre em vários países. Até então, no Brasil só se cobrava a inflação den-

CONTA CARA

Os gastos elevados do governo dificultam a tarefa de baixar a inflação

EVOLUÇÃO DO SALDO DAS CONTAS PÚBLICAS (A DIFERENÇA ENTRE AS RECEITAS E AS DESPESAS, EM % DO PIB)



* Projeção (Boletim Focus)

Fontes: *Tesouro Nacional e Banco Central*





ALAN MARQUES/FOLHAPRESS

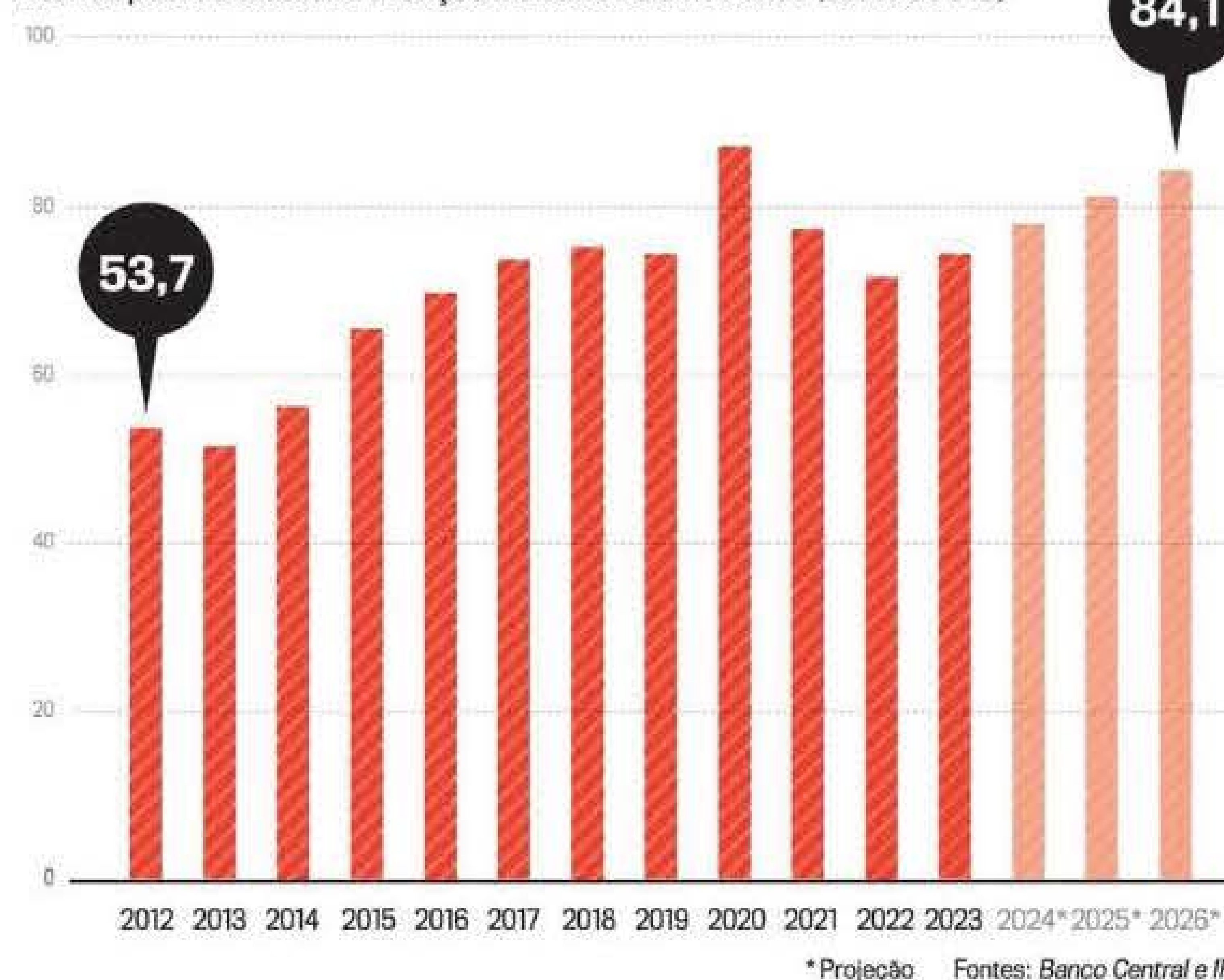
ÂNCORA Fraga *(à dir.)* em 1999: criado naquele ano, regime de metas substituiu o câmbio fixo

tro dos limites do alvo ao fim de cada ano, em dezembro. Ainda não se sabe qual será o efeito disso para o controle da inflação. De toda maneira, mesmo se as metas contínuas sempre tivessem valido, o Brasil teria sido igualmente reprovado. Um levantamento feito por VEJA identificou que, dos 307 meses de vida do regime de metas até aqui, em 133 o IPCA ficou rodando acima do teto vigente. É o equivalente a um terço do período com a inflação mais alta do que o tolerável. Nos meses restantes, em boa parte do tempo o índice ficou mais perto do limite superior do que do centro da meta.

Ser um país com dificuldades crônicas no campo da inflação traz graves consequências. Elas afetam não só a economia, que se torna refém de juros altos e de ciclos de crescimento de fôlego curto, mas também as empresas e os cidadãos, sempre as vítimas mais imediatas dos incômodos causados por preços altos demais. “Já sentimos os custos maiores e não temos como não repassar esse aumento para os preços agora”, diz Rodrigo Garcia, diretor da Kidy, fabricante de calçados infantis de Birigui (SP). Ele conta que as vendas foram bem no ano passado porque a empresa se esforçou para se-

ESCALADA

A dívida pública brasileira avançou muito nos últimos anos (em % do PIB)



gurar esse repasse, mas, agora, com muitos de seus insumos importados encarecendo com o dólar, não será mais possível evitar o reajuste. “A impressão é de que as nossas receitas pararam no tempo e as despesas continuaram aumentando”, afirma Camila Brandão de Souza, 36, que tem uma hamburgueria em Paraisópolis, comunidade da Zona Sul de São Paulo. O aluguel subiu, as contas de luz e de internet aumentaram e as compras no supermercado estão bem mais caras, diz ela. “Mas eu não consigo repassar tudo para os clientes, então o jeito é cortar gasto.” O resultado é que, caso

ENTRE OS MAIS ALTOS DO MUNDO

O ranking das taxas reais de juros de 40 países em dezembro/2024 (em %)

1	TURQUIA	13,3
2	**BRASIL**	**9,2**
3	RÚSSIA	8,9
4	COLÔMBIA	6,5
5	MÉXICO	5,8
6	ÁFRICA DO SUL	4,5
7	INDONÉSIA	4,2
8	FILIPINAS	2,9
9	ÍNDIA	2,4
10	HONG KONG	2,1
11	REINO UNIDO	2,1
12	HUNGRIA	1,9
13	ESTADOS UNIDOS	1,7
14	TAILÂNDIA	1,4
15	SINGAPURA	1,3
16	CHILE	1,3
17	MALÁSIA	1,2
18	AUSTRÁLIA	1,2
19	ISRAEL	1,2
20	COREIA DO SUL	0,8
21	REPÚBLICA TCHECA	0,6
22	FRANÇA	0,5
23	ITÁLIA	0,4
24	NOVA ZELÂNDIA	0,4
25	ÁUSTRIA	0,3
26	ALEMANHA	0,3
27	POLÔNIA	0,2
28	ARGENTINA	0,1
29	CHINA	0,0
30	GRÉCIA	-0,1
31	ESPANHA	-0,2
32	SUÍÇA	-0,2
33	PORTUGAL	-0,2
34	TAIWAN	-0,6
35	SUÉCIA	-0,6
36	CANADÁ	-0,8
37	BÉLGICA	-1,1
38	JAPÃO	-1,5
39	DINAMARCA	-2,1
40	HOLANDA	-3,9

Fonte: *MoneYou*



FABIO TEIXEIRA/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

não seja controlada, a inflação, no mais das vezes gerada onde a renda e o consumo estão aquecidos, acaba crescendo e corroendo a mesma renda e o consumo que a alimentaram.

Não à toa, em todas as vezes em que os períodos de inflação fora do teto se prolongaram, o Brasil teve troca de poder na Presidência. Lula foi eleito para substituir FHC em outubro de 2002, quando a alta de preços já estava há dezesseis meses rodando entre 6% e 7%, e Dilma Rousseff foi defenestrada, em agosto de 2016, após uma impressionante sucessão de quase 25 meses de inflação estourando o limite da banda. Jair Bolsonaro, presidente durante a pandemia e o choque global de preços que ela causou, perdeu a reeleição para Lula em 2022 quando o IPCA completava, em outubro, o vigésimo mês consecutivo acima da meta. "O Brasil tem uma persistência de descontrole de preços ainda alta, ligada ao nosso passado hiperinflacionário, à baixa produtividade e à questão fiscal", diz o economista-chefe da gestora Equador Investimentos, Eduardo Velho.

Essa persistência é calculável e, nas contas de Velho, está próxima dos 4,7% atualmente. Representa uma espécie de piso estrutural da inflação do país e um valor abaixo do qual fica difícil derrubá-la sem que haja mudanças na maneira como a economia funciona. Trata-se de um piso alto comparado à meta de 3% que o Brasil se propôs a perseguir e que precisará ser melhorado caso ainda queira convergir para os níveis observados em pares emergentes. No Chile e no Peru, as metas de inflação são, respectivamente, 3% e 2%, e eram razoavelmente cumpridas até a pandemia sem precisar de juros a dois dígitos como os que o Brasil quase sempre ostenta.

O núcleo do problema, e, portanto, a chave para a solução, passa, de acordo com os especialistas, por redimensionar o tamanho dos gastos públicos, que por natureza já são um gerador de estímulos ao consumo e à inflação. Como, por aqui, tanto os gastos quanto a dívida pública são historicamente elevados na comparação com os demais emergentes, e estão crescendo rapidamente, esse fardo fiscal tem servido, também, para aumentar a desconfiança dos investidores. Isso se materializa em saída de capitais, dólar subindo e, de novo, inflação ficando mais alta. "A história mostra que o Brasil não precisa convi-



CHOQUE Dias de pandemia: a crise sanitária abalou os preços em todo o mundo

ver com inflação elevada", afirma Henrique Meirelles, mencionando os anos em que presidiu o Banco Central, nos dois primeiros governos de Lula (2003-2010), e que chefiou o Ministério da Fazenda, com Michel Temer (2016-2018).

Quando esteve no BC com Lula, houve um esforço do governo para manter as contas no azul por todo o período, o oposto do que se dá hoje. Na segunda passagem, com Temer, foram feitas as primeiras grandes reformas, como o teto de gastos e a trabalhista. Em ambas, Meirelles saiu com inflação e juros menores do que quando entrou. "Fizemos um rígido controle de gastos, e a política fiscal andava na mesma direção que a monetária", diz ele. "Isso prova que, com a política fiscal controlada, é possível conter a inflação." Enquanto o equilíbrio das contas públicas não for uma prioridade, o Brasil permanecerá preso ao ciclo de inflação alta, juros elevados e crescimento insustentável. ■



ALEXANDRE SCHWARTSMAN

ALÉM DA RETÓRICA

Os sofismas do governo não resolvem o problema fiscal do país

IMAGINE QUE UMA PESSOA bem acima do peso, tendo recebido do médico a recomendação de diminuir a ingestão de calorias, resolva adotar a seguinte estratégia: no mês seguinte ao do conselho, ela dobra a quantidade ingerida; logo depois a reduz em 20%, portanto ainda acima do que ingeria antes da consulta. Mas agora afirma que "ninguém cortou as calorias tanto quanto ela naquele período".

O argumento é obviamente ridículo. No entanto, é o mesmo empregado pelo ministro da Fazenda em artigo recente, no qual afirma que o país "fez o sexto maior ajuste fiscal do mundo" em 2024, ao que parece tendo esquecido que, entre 2022 e 2023, o resultado primário do governo federal passou de superávit de 63 bilhões de reais para déficit de 275 bilhões (valores devidamente corrigidos pelo IPCA). Em 2024, o resultado permaneceu negativo.

A questão central, que, dentre outras coisas, propeliu o dólar no final do ano passado e ainda o mantém pressionado no começo deste ano, diz respeito ao compromisso do atual governo com as contas públicas.

O compromisso não é medido pelo número de bravatas proferidas pelo presidente, nem pelos simplórios sofismas do ministro da Fazenda. Mas por indicações sólidas de que o governo está preparado para, num horizonte minimamente razoável, produzir resultados fiscais que levem, primeiramente, à estabilização do endividamento e, em seguida, à sua redução na direção de níveis similares aos observados em países comparáveis ao Brasil.

Qualquer economista com alguma familiaridade com a questão fiscal sabe que um ajuste desse naipe envolve, sob condições mais favoráveis do que as observadas neste momento, valores da ordem de 200 bilhões a 300 bilhões de reais.

Nota-se ao mesmo tempo que as receitas não têm muito mais o que crescer. Já superam com folga a média histórica e são batidas apenas por momentos de arrecadação anormalmente elevada, associados a eventos pontuais. Adicionalmente, como ficou aparente no desempenho recente das contas públicas, por força do retorno da vinculação dos pisos de saúde e educação à receita, o aumento do ingresso hoje vira despesa maior amanhã, desfazendo à noite o que se teceu durante o dia.

Por outro lado, a resistência do governo e do PT à redução de gastos ficou explícita na aprovação do pacote de ajuste fiscal, que não corta nem em 1 real sequer as despesas federais; na melhor das hipóteses apenas modera seu ritmo de crescimento.

"Não há como chegarmos em breve a resultados que estabilizem, muito menos reduzam, a dívida"

Dito de outra forma, não há perspectiva de chegarmos nos próximos anos a resultados que estabilizem a dívida, muito menos que a reduzam. Pelo contrário, à parte fenômenos efêmeros, como a venda de reservas, ela deve seguir em alta persistente.

À medida, porém, que a dívida cresce, o governo enfrenta o desafio de convencer o distinto público a comprar cada vez mais seus papéis. A única maneira de fazer isso é aumentando a remuneração dos títulos, ou seja, com taxas de juros cada vez mais elevadas. Juros altos são, portanto, efeito, não causa, do desequilíbrio fiscal.

Nesse caso, se o governo realmente pretende derrubar os juros de maneira sustentável, sem gerar um surto inflacionário ainda mais sério do que o atual, precisa abandonar os sofismas fáceis e se engajar de fato em medidas de redução contínua do gasto público.

O tempo passou na janela e só o ministro não viu. ■


BRANDON BELL/GETTY IMAGES

PARÇAS Musk, com Trump: primeiro a subir na canoa da não regulamentação

"VOLTA ÀS RAÍZES" O dono da Meta: fim da fiscalização de fake news em nome de suposta liberdade de expressão

AGORA VALE TUDO

Dono da Meta, Mark Zuckerberg se curva aos novos tempos trumpistas, remove controles de conteúdo e instaura o "liberou geral" em suas plataformas sociais

ERNESTO NEVES E **AMANDA PÉCHY**

Na interminável fila de beija-mão que se formou em Mar-a-Lago, na Flórida, após a vitória de Donald Trump na eleição presidencial de novembro, a presença mais comentada foi a de boa parte dos geniozinhos — hoje homens feitos — que fundaram os gigantes da tecnologia a mover o mundo. Foi uma surpresa: o mesmo conjunto de cabeças criativas e soberanamente independentes que passou anos lhe torcendo o nariz de repente pedia um convite, apertava a mão, jantava com sua família e presenteava com milhões de dólares a vaquinha para a cerimônia de posse e outros festejos da nova gestão. Na terça-feira 7, um dos primeiros da fila, Mark Zuckerberg, dono da Meta e, por tabela, do Facebook, do Instagram e do WhatsApp, foi mais longe no alinhamento e presenteou Trump com uma virada empresarial na me-



BRENDAN SMIALOWSKI/AFP

dida certa para quem pronuncia inverdades e manipula as redes: a extinção das ferramentas que monitoram discursos e checam a veracidade do conteúdo publicado nas suas plataformas. "É hora de a Meta voltar às raízes no que se refere à liberdade de expressão", afirmou em vídeo.

A iniciativa copia o que já é feito no X (ex-Twitter), de Elon Musk, primeiro e mais entusiasta magnata da tecnologia a pôr na cabeça o boné do MAGA (Make America Great Again). Ao comprar sua rede, há três anos, Musk tratou logo de transferir aos usuários a função de denunciar fake news. "Os checadores são politicamente motivados e mais destruíram do que construíram confiança", justificou agora o dono da Meta. Além do liberou geral nas postagens (com exceção de pornografia, promoção de ilegalidades e "violações de alta gravidade"), a Meta alçou ao cargo de presidente de assuntos internacionais um republicano de carteirinha, Joel Kaplan, e instalou no conselho da empresa Dana White, dono da franquia UFC, trumpista roxo e incentivador do jiu-jítsu, o esporte do coração de Zuck. Outra promessa é ajustar os algoritmos para sugerir mais conteúdo político aos usuários. "Estamos em uma nova era. Começamos a ver que as pessoas estão interessadas nesse assunto novamente", justificou.

Zuckerberg afirmou ainda que vai trabalhar com o novo governo americano para impedir a "censura" em outros países e citou dois exemplos. Um, a Europa, onde um número crescente de leis dificulta a "inovação". Outro, a América Latina, onde "tribunais secretos" agem "na surdina" para remover conteúdo indesejável — alusão mal dissimulada ao Supremo Tribunal Federal e ao ministro Alexandre de Moraes, que, no ano passado, suspendeu o X no país por descumprir ordens judiciais. A Meta também vai transferir a reduzida equipe de moderação que sobrou da Califórnia para o Texas — um ímã da direita no qual Musk, sempre ele, instalou boa parte de seu império —, onde acredita que o viés político não será tão forte.

O criador do Facebook e seus colegas do Vale do Silício — e, de certa forma, também Musk, um imigrante sul-africano que começou lá — fazem parte de uma geração criada em universidades onde as ideias progressistas sempre predominaram. O clube dos gênios da tecnologia, no entanto, pela própria linha de trabalho criativo destinado a mudar a vida do planeta, sempre proclamou apreço a um conceito mais libertário, de cada um fazer o que quiser nos limites da legalidade (ou até além dele). A chegada do furacão Trump e da direita radical a princípio não os atraiu, até porque mostravam certo desdém pela política.

Mas aí vieram a onda woke, a pressão cada vez mais intensa por controles na internet, a aprovação de leis responsabilizando os meninos bilionários pelo discurso em suas plataformas — e a ideia de embarcar na canoa antirregulamentação de Trump ganhou forma, apesar dos imensos riscos. Musk foi o primeiro a entrar, sem nem ter certeza de que o garantidor de sua liberdade para empreender — e ganhar muitos dólares — chegaria à Casa Branca. Uma vez proclamada a vitória, visitaram Mar-a-Lago não só Zuckerberg como também Bill Gates, Sergey Brin, do Google, e Jeff Bezos, da Amazon — que, na condição de proprietário do prestigiado *Washington Post*, já havia barrado o jornal de declarar apoio à democrata Kamala Harris nas eleições, e que anuncia para seu streaming, ainda este ano, um documentário sobre Melania Trump produzido pela própria. "Trata-se de um casamento por conveniência", resume James Dennis, professor de comunicação política na Universidade de Portsmouth. Os donos das big techs dão verniz ao governo Trump, que remove interferências desagradáveis em seus negócios. Consumada essa união de interesses, nem o céu é o limite. ■



CAINDO NA REAL

Surpresa: a duquesa Meghan volta às redes sociais e tenta se reinventar como guru de um estilo de vida simplesinho e saudável em um reality show na Netflix **AMANDA PÉCHY**

O ÚLTIMO ANO foi de raro silêncio para Meghan, a duquesa de Sussex. Desde que trocou a vida de atriz nos Estados Unidos pela de nobre britânica, ao se casar com o príncipe Harry e, sobretudo, após o casal deixar para trás os deveres reais e o próprio Reino Unido, em 2020, Meghan foi engolida por um furacão de drama — que, para o bem ou para o mal, ela alimentou ao expor picuinhas e denunciar racismo no Palácio de Buckingham. Mas sua turbulenta onipresença nas manchetes dos tabloides foi arrefecendo, ela saiu das redes sociais e recolheu-se à mansão em Montecito, na Califórnia, com uma ou outra aparição. Eis que no primeiro dia de 2025, Meghan ressurgiu no Instagram, depois de quase seis anos de ausência, em um vídeo enigmático, em que aparece correndo pela praia, toda sorrisos, e escreve "2025" com o dedo na areia. No dia seguinte, outra surpresa: um trailer de *Com Amor, Meghan*, série que estreia na Netflix no dia 15 e acompanha a duquesa em atividades como jardinagem, culinária e até apicultura ao lado de celebridades e chefs de renome. Bem-vindos à era de Meghan, influenciadora digital.

No Instagram, onde arrebanhou 1,4 milhão de seguidores em dois dias, a duquesa promete mostrar um pouco de sua vida doméstica. No reality show de oito episódios, gravado em uma casa alugada, pretende promover um estilo de vida descomplicado e saudável (ainda que com joias e maquiagem impecável). É torcer para dar certo. Tanto Meghan quanto Harry (que estreou uma mal falada série sobre o jogo de polo) entendem que o público cansou de ouvi-los desancar a



NETFLIX

INFLUENCER Em casa, flagrada para a TV: a ideia é estar no holofote



THE ARCHEWELL FOUNDATION

FAMÍLIA Cartão de Natal: foto raríssima com Harry e os filhos, além dos cães

monarquia e que precisam se reinventar como... bem, como outra coisa.

A trilha pela qual a duquesa envereda na Netflix lhe é familiar. Antes de integrar a nobreza, ela, então atriz do seriado *Suits*, cultivava um blog com dicas de beleza e viagem, moda e receitas — que fechou em 2017, quando assumiu o relacionamento com Harry.

O príncipe, aliás, aparece uns poucos segundos no trailer da série, em uma cena em que o casal se abraça. Mensagem 1: continuam juntos e bem. Mensagem 2: o palco é dela. "Duquesa" é palavra que não se vê em nenhum dos dois projetos — embora conste, discretamente, no cartão de Natal do casal, uma colagem de fotos que inclui a rara imagem (de costas) dos filhos ruivinhos, Archie, 5 anos, e Lilibet, 3. "Parece que ela quer provar que pode ser uma estrela lucrativa por si só", avalia Kathryn Lamontagne, professora de história britânica da Universidade de Boston.

O contrato milionário que assinaram com a plataforma de streaming já havia rendido uma série-documentário sobre o relacionamento dos dois, sem grande apelo. Em outra seara, a literária, Harry viu sua bombástica autobiografia, que no Brasil ganhou o título infame de *O que Sobra*, virar best-seller imediato — mas a reedição estacionou na rabeira da lista de mais vendidos. A aposta de Meghan no Spotify também fracassou, com o cancelamento do seu podcast, *Archetypes*, por falta de audiência. Por fim, a American Riviera Orchard, marca que a duquesa apresentou em março passado para comercializar geleias e compotas, nunca deslanchou.

A investida agora como influenciadora de estilo de vida terá de superar obstáculos, sendo o maior deles a vasta parcela dos admiradores de *royals* que coloca Meghan no papel de bruxa de seu conto de fadas — uma tropa que inundou as redes de memes e comentários depreciativos no seu retorno aos holofotes. Coincidência ou não, Thomas, o pai de Meghan, que fez de tudo para ganhar dinheiro com a fama da filha mas é retratado nos tabloides como um pobre velhinho abandonado, escolheu justo o começo do ano para anunciar que vai se mudar da casa no México para "o outro lado do mundo" para se afastar do "drama horrível" dos últimos anos.

Outra dor de cabeça é a variada concorrência, encabeçada pelas maluquices de Gwyneth Paltrow na plataforma Goop e pela decana Martha Stewart, que retomou seu espaço depois de uma temporada na prisão. "Meghan tem uma chance de tentar mostrar quem realmente é. Mas sua marca ainda parece desconectada da realidade", avalia a historiadora real e escritora Sue Woolmans. No mundo dos influenciadores, porém, os algoritmos não distinguem engajamento por amor e ódio. Goste-se ou não, a duquesa está de volta. ■

PÁGINA VIRADA

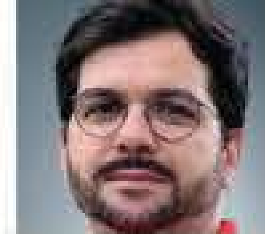
Cinco anos depois de terminar o tratamento contra um câncer de glândula salivar, a atriz **HELOÍSA PÉRISSÉ,** 58, resolveu contar toda a sua jornada até a cura, com passagens pela carreira, depressão e amor, no livro *Cheia de Graça*. "É um momento para comemorar. Sinto um renascimento, em nome de Jesus", desabafa Heloísa, que se apegou à fé durante o processo. "Sou cristã, sem religião. A fé na vida é o meu norte, como subir uma escada sem ver o resto", filosofa ela, que não teve tempo de pôr no livro a reviravolta mais recente: o término do casamento com o diretor Mauro Farias, 63, que, entre idas e vindas, durou quase 25 anos. Dessa vez, faz questão de frisar: "É definitivo".


INSTAGRAM @HELOISAPERISSE


FABIO ROCHA/TVGLOBO

APENAS BOAS AMIGAS

Entre as várias alterações recentes para tentar fisgar o telespectador que segue às turras com *Mania de Você*, João Emanuel Carneiro precisou abdicar de uma das histórias que desenvolveria na trama das 9 da TV Globo. Inicialmente, **MARIANA SANTOS,** 48 anos, que vive Fátima, se envolveria em um romance lésbico com a amiga Diana (Vanessa Bueno), após lutar contra o marido tóxico (Eriberto Leão). Com medo de mais rejeição, a direção mandou abortar a missão, o que Mariana diz entender e aceitar. "O principal dessa relação é mesmo a amizade e ela se mantém", defende. A atriz conta que já passou por uma relação manipuladora na vida real: "Tive um namorado que, se eu demorasse a chegar, logo achava que eu estava fazendo algo errado". Não mais: há oito anos, vive um casamento – sem cobranças – com o produtor teatral Rodrigo Velloni, 38. "Somos independentes, eu no Rio e ele em São Paulo. É muito mais leve", garante.



VALMIR MORATELLI

Com reportagem de Giovanna Fraguito e Nara Boechat



INSTAGRAM @ZECACAMARGOMUNDO

PAUSA (RÁPIDA) NAS VIAGENS

Após a saída repentina da Band, que nem mesmo ele sabe explicar, **ZECA CAMARGO,** 61 anos, se viu de repente com a agenda livre, mas por pouco tempo. Zeca será uma das estrelas da equipe da Times Brasil, emissora que acaba de chegar ao país, no comando de um programa sobre viagens, uma seara que domina muito bem. "Depois de 34 anos de carreira, quando você pensa em viagem e televisão, meu nome é um dos primeiros que surgem", diz, sem falsa modéstia, avisando que soma 117 países carimbados no passaporte. Enquanto define a linha do programa, planeja os próximos voos. "Quero conhecer os gorilas do Congo", adianta. No período longe dos aeroportos, aceita convites para ser DJ em festas pelo país. "Fiz a vida inteira, desde os tempos da fita cassete. Mas está longe de ser profissão. É puro prazer", afirma.

BILIONÁRIA ABNEGADA

Forçada por lei a declarar seus bens à Comissão Nacional Anticorrupção, a jovem primeira-ministra da Tailândia, **PAETONGTARN SHINAWATRA,** 38 anos, no poder desde agosto passado, revelou-se uma magnata de primeira grandeza, com fortuna acumulada de 13,8 bilhões de bahts (2,5 bilhões de reais) e uma queda por acessórios de luxo: a lista inclui 217 bolsas de grife e 75 relógios avaliados no equivalente a 31,7 milhões de reais, entre outros mimos. Paetongtarn é herdeira da dinastia política mais poderosa do país, filha do empresário e ex-primeiro-ministro Thakisn Shinawatra, 75. Ativa nas redes sociais, ela tem lá sua justificativa para o estilo de vida suntuoso que exibe: "Como mãe, filha e amiga, uso minha energia para fazer com que cada centímetro da Tailândia se torne área de oportunidades para sonharem".

TANG CHHIN SOTHY/POOL/AFP



LEIGH VOGEL/UPI/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

A MEDALHA DA PROVOCAÇÃO

Contando os dias para deixar a Casa Branca, **JOE BIDEN,** 82 anos, escolheu dezenove personalidades para receber a Medalha Presidencial da Liberdade, maior condecoração civil concedida anualmente pelo governo dos Estados Unidos. A maioria dos ganhadores da honraria foi selecionada a dedo entre pessoas que, de uma forma ou de outra, disseram ou fizeram algo que desagradou a Donald Trump — famosos como Bono Vox, Hillary Clinton, Denzel Washington, Ralph Lauren, Anna Wintour e o bilionário progressista **GEORGE SOROS,** 94, demônio número 1 da turma que quer exorcizar o "marxismo global". O único agraciado que não deu as caras nem enviou representante foi Lionel Messi, que, tímido vocacional, dribla como pode os eventos políticos. ■



CELEBRAÇÃO
Com o troféu: a primeira brasileira a levar o prêmio

ORGULHO NACIONAL

Ao arrebatar um histórico Globo de Ouro, Fernanda Torres prova que conquistou a atenção de Hollywood — e dá novo impulso ao filme *Ainda Estou Aqui* na acirrada corrida pelo Oscar

RAQUEL CARNEIRO

A primeira vez que Fernanda Torres leu o roteiro de *Ainda Estou Aqui* foi no papel de amiga de Walter Salles, e não como possível protagonista. O cineasta queria a opinião dela sobre o texto e já tinha outra atriz em mente — a paulistana Mariana Lima, que desistiu do projeto por razões de saúde. Tempos depois, em 2022, Fernanda então se surpreendeu quando Salles lhe pediu que interpretasse a figura central de seu novo filme: Eunice Paiva, advogada, ativista e viúva de uma das mais simbólicas vítimas da ditadura militar, o ex-deputado Rubens Paiva. A longa experiência como atriz — ela atua nos palcos desde os 13 anos — não a livrou de certo frio na barriga: dedicada principalmente à comédia, Fernanda encararia o drama acachapante da mulher que viu seu marido (vivido no filme por Selton Mello) ser tirado de casa por agentes da repressão e, após seu assassinato nos porões do regime, teve de se desdobrar entre a criação de cinco filhos e a luta para que o Estado brasileiro fosse responsabilizado. Um papel que exigia atuação contida em gestos e palavras, mas cirurgicamente expressiva em atitudes e olhares. Sem se acomodar na soberba dos calejados pela profissão, ela contratou a preparadora de atores Helena Varvaki. Treinou arduamente por um mês antes da reunião do elenco. "Sou uma atriz diferente hoje. Eunice me ensinou muito que eu não conhecia", disse a atriz a VEJA em novembro passado.

A personagem lhe trouxe algo não menos relevante: prestígio global notável para uma atriz brasileira de qualquer tempo — seus êxitos só encontram paralelo nos de sua mãe, a grande Fernanda Montenegro. A artista de 59 anos acumula elogios desde a estreia do filme no Festival de Veneza, em agosto de 2024. A jornada rendeu seu maior fruto até agora, no domingo 5, com a vitória no Globo de Ouro de atriz dramática, a primeira brasileira a alcançar tal façanha. "*Ainda Estou Aqui* a encontra na plenitude de sua inteligência emocional, na sua maturidade como atriz", disse Salles a VEJA *(leia na pág. 64)*.

A conquista trouxe um sabor especial pelo curioso fato de que a pri-

O XADREZ DA ACADEMIA

Uma estatística que favorece — e outra que dificulta — as chances de Fernanda Torres

A FAVOR

Até hoje, apenas duas vencedoras do Globo de Ouro de melhor atriz em drama não foram também indicadas ao Oscar: Kate Winslet (2009) e Shirley MacLaine (1989). Mais da metade delas — **50,6%** — levou a estatueta para casa

CONTRA

Em toda a história do prêmio, somente duas mulheres estrangeiras que não atuavam em produções de língua inglesa conquistaram o feito: Sophia Loren, pelo italiano *Duas Mulheres (1960)*, e Marion Cotillard, pelo francês *Piaf — Um Hino ao Amor (2007)*



MATT WINKELMEYER/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

CAPA: FOTO DE CHRIS PIZZELLO/AP/IMAGEPLUS



DIVULGAÇÃO

APOSTA *Ainda Estou Aqui:* o filme pode colocar o Brasil no Oscar após 26 anos

meira e única atriz daqui a ser indicada ao prêmio fora sua mãe, 26 anos antes, por *Central do Brasil*. Logo, o troféu de Fernanda Torres tem peso dobrado. Há, agora, imensa expectativa quanto à próxima etapa da aclamação internacional: a busca pelo Oscar — que sua mãe também disputou (e não levou) no passado. A tradição sugere que o Globo de Ouro aumentou consideravelmente suas chances no prêmio máximo do cinema *(leia o quadro na pág. 61)*. Para controlar a inevitável pressão do momento, Fernanda tem suas estratégias. “Eu mantenho o pessimismo, não crio expectativas e sou grata pelo que já tenho”, contou, hilária, a VEJA após o Globo de Ouro. “Coisa mais triste morrer com o discurso pronto no bolso.”

A popularidade de Fernanda foi exponencialmente multiplicada em Hollywood nos poucos segundos em que a americana Viola Davis anunciou sua vitória. Ela foi aplaudida de modo efusivo pela inglesa Tilda Swinton, que concorria na mesma categoria. Rumo ao palco, ganhou olhares de admiração de Kate Winslet e encontrou no caminho a mão de Nicole Kidman como apoio — duas grandes atrizes também indicadas. Na festa do evento, em Los Angeles, recebeu elogios calorosos de Demi Moore. Agora, essas mesmas estrelas aguardam ansiosamente pelo domingo 19 — dois dias após a data prevista inicialmente, em razão dos grandes incêndios que atingiram Los Angeles —, quando os indicados ao Oscar serão enfim anunciados. Ao sair do posto de azarão, Fernanda bagunçou as previsões sobre quais serão as cinco candidatas à estatueta de atriz. E, a essa altura, quem a menosprezava já descobriu que está diante de um peso-pesado da arte brasileira.

AS FASES DA ATRIZ

As variações de uma carreira de sucesso pautada pela versatilidade e pelo talento



DIVULGAÇÃO

A GAROTA PRODÍGIO

Ela cogitava desistir da atuação por odiar a mocinha que vivia na novela *Selva de Pedra* quando se tornou a primeira atriz brasileira premiada em Cannes pelo filme ***Eu Sei que Vou Te Amar*** (1986), de Arnaldo Jabor. O triunfo aos 20 anos afastou comparações negativas com a mãe, Fernanda Montenegro

A FACE DA RETOMADA

Em 1995, ela se tornou um rosto marcante do resgate do cinema nacional ao estrelar ***Terra Estrangeira,*** drama de Walter Salles e Daniela Thomas sobre expatriados brasileiros. Dois anos depois, repetiu o sucesso com *O que É Isso, Companheiro?*, indicado ao Oscar



DIVULGAÇÃO

A infância de Fernanda pode ser descrita, no mínimo, como peculiar. "Fui criada nas coxias, aprendi por osmose", conta ela sobre o ambiente onde cresceu, acompanhando a mãe e o pai, o ator Fernando Torres (1927-2008). Quando estava em casa, o teatro a seguia: era comum assistir na mesa de jantar ao casal ensaiando as falas das peças. Assim, descobriu cedo a potência de Shakespeare e a acidez de Nelson Rodrigues. Seguir o ofício dos genitores parecia destino incontornável. "Fui forçada a ser atriz", brincou ela ao explicar para uma repórter americana como abraçou a profissão. Longe de ser a típica nepo baby, termo pejorativo para os filhos de celebridades que encontraram portas abertas no meio artístico, trilhou caminho próprio — e o fez sem rechaçar as origens.

Estreou na TV aos 15 anos, fez novelas, seriados, filmes e peças de teatro que depuraram seu talento e versatilidade *(leia no quadro abaixo)*. Escreveu três livros. Foi celebrada aqui e lá fora — seu primeiro reconhecimento internacional veio com o prêmio de atriz no Festival de Cannes, em 1986, pelo filme *Eu Sei que Vou Te Amar*, honraria inédita para o Brasil na época. Para além dos redutos cult, abraçou com gosto o popular nas séries *Os Normais* e *Tapas & Beijos*, ambas da Globo. "Com Fernanda Torres, confirmei uma antiga tese minha: ator bom é ator inteligente", disse a VEJA o cocriador de *Os Normais*, Alexandre Machado. "Adorava escrever a Vani, porque sabia que ela ia entender o que se passava na cabeça da personagem." Seu carisma também conta, e muito, para a longevidade de ambas as tramas, que sobrevivem por meio dos famigerados memes na internet. No


DIVULGAÇÃO

LEGADO As duas Fernandas: "Somos uma espécie de entidade", resume a filha

A COMEDIANTE POP

No seriado da Globo ***Os Normais,*** de autoria de Fernanda Young e Alexandre Machado, ela fez as pazes com a TV, formando par inesquecível com Luiz Fernando Guimarães por três temporadas e dois filmes que arrasaram nas bilheterias e são até hoje referência afetiva dos brasileiros


DIVULGAÇÃO

A FIGURA CULT

A partir de 2004, Fernanda alcançou grande sucesso com a peça teatral ***A Casa dos Budas Ditosos,*** baseada no livro de João Ubaldo Ribeiro. Na pele de uma baiana sexagenária e libertina, ela comprova seu domínio absoluto do palco, seguindo a trilha que consagrou a mãe


LAILSON SANTOS

A MUSA DA CLASSE C

De 2011 a 2015, a atriz viveu a adorável vendedora Fátima, outra metade de Sueli (Andréa Beltrão) no seriado ***Tapas & Beijos.*** Juntas, elas buscavam pelo amor nas horas livres do trabalho na Djalma Noivas – e refletiam, com humor, a ascensão da classe C no país


TV GLOBO



DIVULGAÇÃO



DUARDO KNAPP/FOLHAPRESS

FORÇA FEMININA Eunice Paiva na vida real *(acima)* e na ficção *(à esq.)*: a ativista foi exemplo de resiliência

Globoplay, o efeito Fernanda Torres é medido em números: entre novembro e dezembro, as reproduções de *Tapas & Beijos* aumentaram 72% e *Os Normais* explodiu, com 151% a mais na audiência se comparado a 2023. A plataforma de streaming da Globo tem muito a celebrar: *Ainda Estou Aqui* é o primeiro filme original da empresa — e o próximo será *Vitória*, dirigido pelo marido de Fernanda, Andrucha Waddington, protagonizado por Fernanda Montenegro.

A dobradinha de Fernandas é um típico produto *made in Brazil*. Para além de terem atuado juntas diversas vezes, em paralelo elas entrelaçaram suas carreiras com a história do país — Fernandona, aliás, também está no elenco de *Ainda Estou Aqui*, magistral como a Eunice mais velha. "Somos uma espécie de entidade", já definiu Fernanda sobre a relação com a mãe, com quem compartilha o nome, o talento e a genética estampada no rosto. O laço entre elas deixou mais interessante a narrativa em torno do filme no exterior. "A mamãe é referência do Brasil lá fora", disse Fernanda a VEJA. Jornais como *The New York Times* e *The Guardian* destacaram o ressentimento brasileiro com a derrota da monumental atriz no Oscar de 1999 para a mediana Gwyneth Paltrow. Ao dedicar o Globo de Ouro à matriarca em seu discurso, ela adicionou doçura e emoção à história. As conexões entre as duas não são o único reforço bem-vindo à campanha de *Ainda Estou Aqui* lá fora. Desde o início, a estratégia era ligar um drama político e humano do passado, ambientado no Rio dos anos 1970, com as incertezas da atualidade nas democracias ocidentais. "É um drama familiar que se passa numa ditadura e temos lidado com questões antidemocráticas



KC ARMSTRONG/DEADLINE/GETTY IMAGES

EQUIPE Selton Mello *(à esq.)*, Salles e a atriz: campanha para divulgar o filme no mundo

"FERNANDA TEM UM TALENTO NATURAL"

O diretor Walter Salles falou a VEJA sobre a trajetória do filme e de sua protagonista fora do Brasil.

Aumentou a expectativa para uma indicação de Fernanda ao Oscar após o Globo de Ouro? A vitória ajuda, mas não garante uma indicação. São votantes diferentes. É um ano muito competitivo. O mesmo para filme internacional. As chances de uma indicação são boas, mas não há certeza.

Ao acompanhar o amadurecimento de Fernanda Torres, o que pontuaria como os grandes diferenciais dela? O talento enorme da Fernanda já era palpável em *Terra Estrangeira*, a nossa primeira colaboração. *Ainda Estou Aqui* a encontra na plenitude de sua inteligência emocional, na sua maturidade como atriz. Fernanda tem um talento natural e uma fé inquebrantável no cinema, que a faz confiar e investigar o que vai além de sua zona de conforto.

no presente", diz um dos produtores do longa, Rodrigo Teixeira.

Tanto esforço pelo Oscar tem razão de ser. O prêmio mais cobiçado do cinema é concedido por milhares de profissionais da indústria de entretenimento e confere um selo de prestígio essencial. Se conquistar tal visibilidade, o cinema brasileiro pode atrair parcerias de outros países e investimentos, movimentando o setor criativo e a economia. Fernanda tem a seu favor o processo de diversificação de Hollywood — e do próprio Oscar — nos últimos anos. De maioria branca, americana e masculina, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Los Angeles, responsável pelo prêmio, passou por reformas internas ao ser acusada de racismo. Em 2020, atingiu o objetivo de dobrar o número de mulheres e membros de etnias minoritárias, convidando profissionais de 68 países. Em 2025, o número de votantes é maior do que nunca: são 9905 membros.

O caminho para Fernanda e *Ainda Estou Aqui* chegarem à premiação é duro. Na hora de escolher os indicados e, depois, os vitoriosos em cada uma das 23 categorias, a organização leva em conta a área de atuação de cada um dos votantes, sem permitir que um membro faça parte de mais de um contingente — ou seja, diretores indicam e premiam diretores, e assim por diante. Os atores formam o grupo mais numeroso: para conquistar a estatueta de atriz, Fernanda terá de convencer boa parte dos 1 258 filiados de sua área de atuação. Já os cinco filmes internacionais indicados são selecionados por um comitê especial — crivo pelo qual *Ainda Estou Aqui* terá de passar. Depois, qualquer membro ativo da Academia pode votar em todas as categorias.

Um ponto a favor do filme brasileiro é que as mudanças no quadro de votantes resultaram numa maior presença do cinema feito fora dos Estados Unidos — vide o sucesso do sul-coreano *Parasita* e do francês *Anatomia de uma Queda* em anos recentes. A produção latino-americana, contudo, permanece o patinho feio do grupo. O Brasil nunca ganhou o Oscar de filme internacional — e desde *Central do Brasil*, do mesmo Salles, não disputa a categoria. Um dado singular é o fato de que o favorito ao prêmio neste ano, *Emilia Pérez*, é falado em espanhol e se passa no México, mas é uma produção francesa com estrelas americanas e europeias — a combinação irritou os mexicanos, que acusam o filme de xenofobia. A controvérsia ganhou força nas redes depois da vitória do longa no Globo de Ouro — mas ainda é cedo para dizer se o burburinho vai afetar a força da produção até o Oscar, que será entregue em 2 de março.

O advento das redes sociais, aliás, globalizou a interferência nas premiações americanas, que antes eram palco restrito dos desejos de figurões de Los Angeles. Enquanto *Emilia Pérez* corre o risco de perder votos, Fernanda Torres ganhou maior visibilidade nos perfis de grandes canais e jornais americanos pelo inegável engajamento que seu rosto proporciona. O vídeo com o discurso dela no Globo de Ouro soma mais de 76 milhões de visualizações no Instagram — o segundo mais assistido foi o de Zoë Saldaña, melhor atriz coadjuvante por *Emilia Pérez*, com 7,5 milhões de reproduções. Foi também nas redes que se levantou uma discussão pública e política. Seguidores do ex-presidente Bolsonaro — notório apologista da ditadura militar — armaram boicote contra o filme e criticaram a vitória de Fernanda. O movimento não deu resultado: *Ainda Estou Aqui* levou mais de 3 milhões de espectadores aos cinemas brasileiros. Com ou sem Oscar, o filme cumpriu sua missão: a de mostrar que o Brasil tem feridas abertas a serem curadas. Feito que já faz de Fernanda Torres um genuíno orgulho nacional. ■

Com reportagem de Thiago Gelli



MUBI



PATHÉ FILMS

CONCORRÊNCIA Demi Moore *(acima)* e Karla Sofía Gascón em *Emilia Pérez*: rivais na briga pelo Oscar

De *Central do Brasil* para cá, percebe mudanças no modo como Hollywood trata os filmes internacionais? *Roma*, do Alfonso Cuáron, e *Parasita*, do Bong Joon-ho, sinalizaram uma mudança de paradigma e filmes não falados em inglês passaram a receber múltiplas indicações. Porém, a maior parte dos votantes do Oscar é americana. É um prêmio criado por uma indústria em transformação, sob o domínio crescente dos streamings. Para um longa independente como o nosso, o desafio é fazer com que vejam o filme antes de selar o voto.



TOM WERNER/DIGITALVISION/GETTY IMAGES

PÁGINAS FECHADAS

Uma nova pesquisa mostra com números perturbadores que, imersos nas redes, os brasileiros estão cada vez mais afastados da leitura, em movimento preocupante **SARA SALBERT**

EM MUITOS CANTOS do planeta, a leitura remete a eras longínquas. Nos tempos em que capitaneava o Império Romano, o poderoso Júlio César (100 a.C.-44 a.C.) já mencionava o hábito em seu *Guerra das Gálias,* escritos em que enaltecia seus feitos expansionistas, engolindo inclusive o que é hoje Paris. Aí o mundo girou, e o século XV registrou um advento que mudou a história dos livros — a invenção da prensa de Gutenberg, que substituiu os manuscritos artesanais por volumes acessíveis a um público mais vasto. A princípio, eram clérigos, acadêmicos e a elite letrada — uma turma que inflou com a chegada da emergente burguesia. Mais tarde, a Revolução Industrial viu aflorar o conceito de produção em larga escala, o que fez ampliar ainda mais os leitores, que, na década de 1930, receberam um belo empurrão com o aparecimento da opção de bolso, sem capa dura, os *paperbacks,* tudo a preço razoável e fácil de carregar.

Só que a história seguiu sua marcha, e a entrada em cena da internet chacoalhou a sociedade, revolucionando comportamentos e moldando gerações. Nessa tremida de pilares, o prazer de se perder nas páginas de um livro (ainda que no meio digital) está escasseando, como confirma de forma perturbadora um recente levantamento que se concentrou na população brasileira de todas as idades e classes sociais. A aferição, agora na sexta edição, pela primeira vez aponta que a maioria no país não está lendo um único livro, nem daqueles fininhos e de enredo simples. Precisamente, 53% declararam não ter folheado nenhum volume nos três meses que antecederam a detalhada pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, conduzida pelo instituto Ipec *(veja no quadro na pág. ao lado).*

Posto em números absolutos, um batalhão de mais de 11 milhões de pessoas afastou-se da riqueza contida



E LIVRO QUE É BOM... O jovem e seu celular: a informação curta e rápida já molda gerações



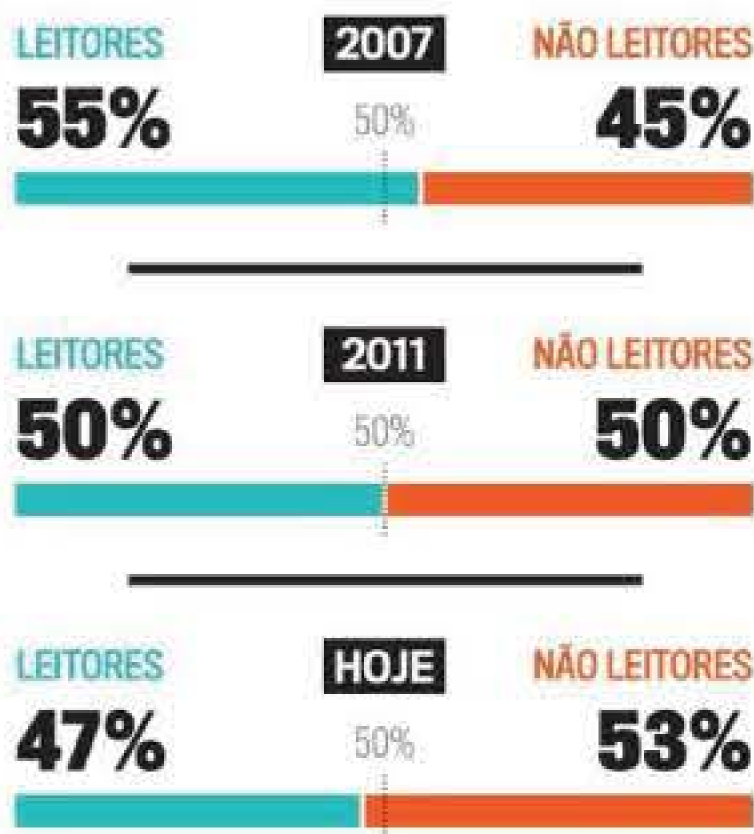


TRISTE DECLÍNIO

Feita pela primeira vez há mais de duas décadas, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil de 2024 mostra que cada vez menos gente se debruça hoje sobre os livros no país

LEITORES *VERSUS* NÃO LEITORES

(em relação à população adulta)





ARQUIVO PESSOAL

A LUTA Gabriela Soeiro, que nunca teve o hábito: "É mais difícil agora"

na literatura ao longo da última década. Entre as razões elencadas, 45% admitem não ter "interesse" nem tampouco "paciência" e 12% vão direto ao ponto: preferem "dedicar tempo às telas". É uma competição dura, travada em camadas diversas da existência moderna. O incessante consumo de conteúdos fragmentados nas redes, inundadas de textos enxutos, estabelece um padrão de interação diferente, instantânea, em que o recado é curto e rápido.

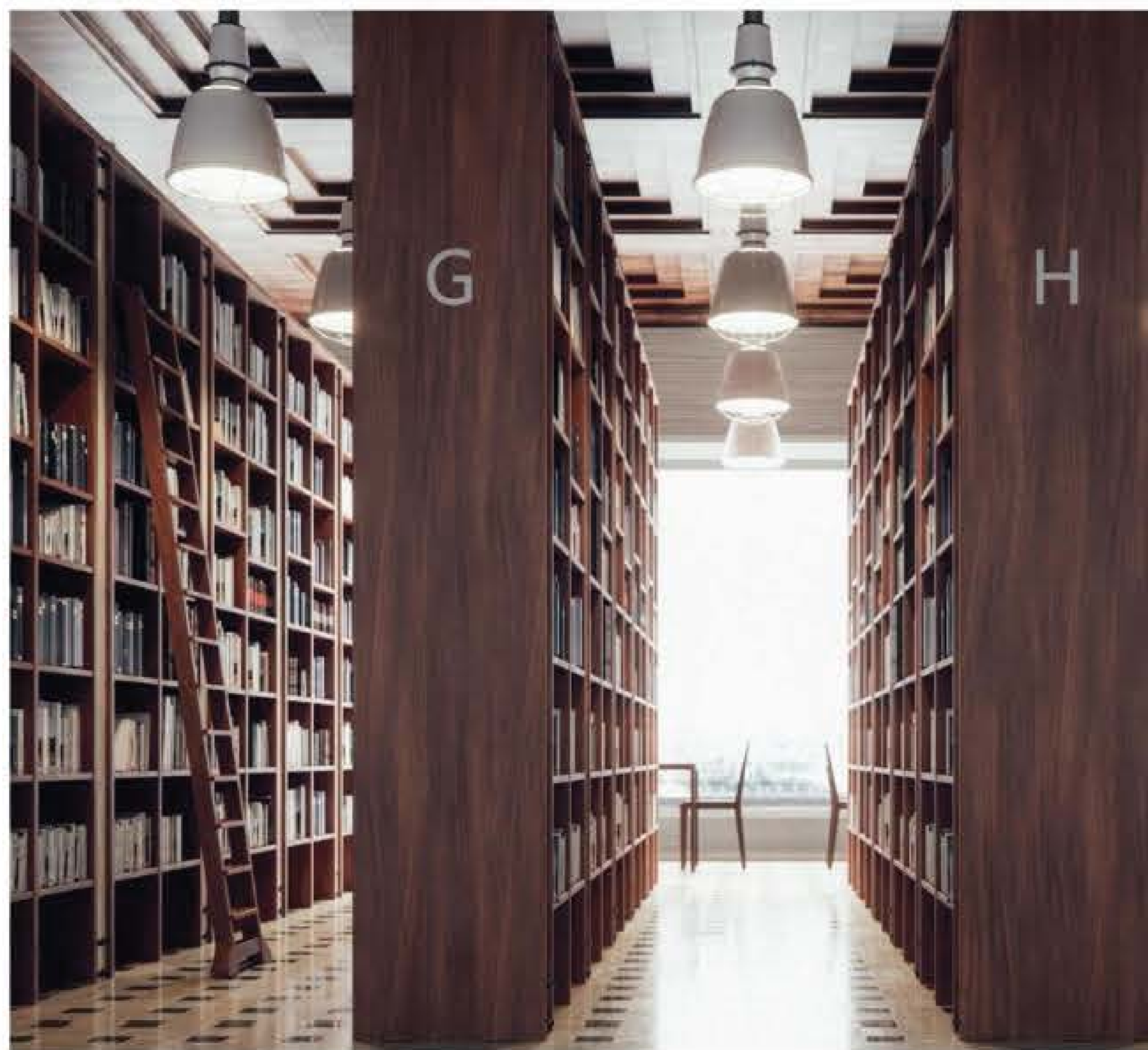
De acordo com um estudo da Universidade Harvard, a constante absorção dessa natureza de informação acaba por reduzir a capacidade de manter a atenção numa só atividade e prejudica o processamento cognitivo, alimentado justamente pela complexidade que o cérebro precisa destrinchar diante de um livro. Funciona como a ginástica — no início, os músculos se ressentem do esforço, mas a passagem do tempo faz o hábito e, no caso, o bom leitor. A investigação de Harvard também reforça o que outras já demonstraram na área da neurociência: o excessivo uso de dispositivos digitais afeta áreas cerebrais como o córtex pré-frontal, responsável pela atenção e pela tomada de decisões.

Especialmente para a ala mais jovem, a escolha entre tantos estímulos não é nada trivial. "Gosto de ler, mas é tão mais lento que as redes sociais e o streaming que, quando vejo, me pego atraída pelo mundo digital", diz a estudante Marcella Albuquerque, 20 anos, integrante de uma multidão sugada por dilema semelhante. Depoimentos como esse dão a face humana a um fenômeno que transcende fronteiras, se revelando inclusive em nações mais ricas e tradicionalmente mais letradas. Na União Europeia, quase metade dos adultos (47,2%) afirma não ter lido nem um livro sequer num ano, conforme dados do Eurostat. Romênia e Itália se destacam no pelotão de trás — países em que dois de cada três habitantes ignoraram a leitura no ano que passou. Até mesmo nos Estados Unidos, detentores do maior mercado editorial do mundo e campeões em leitores, o hábito anda em declínio: apenas 48,5% se debruçaram sobre um livro nos últimos doze meses.

O renomado neurocientista francês Michel Desmurget cutuca a ferida em seu livro *Faça-os Ler! — Para Não Criar Cretinos Digitais* e lembra que, para reverter o quadro, a leitura deve ser incentivada desde cedo, a partir da tenra idade de 3, no máximo 6 meses de vida. "Esse não é um hábito inato ao ser humano. É um legado que deve ser transmitido às crianças no ambiente familiar", afirmou Desmurget a VEJA. O desafio não se restringe a in-

centivar o interesse, mas sedimentá-lo e sempre cultivá-lo. A garotada menor tende a apreciar mais os livros, mas, à medida que cresce, vai se afastando deles — a ponto de 66% dos adolescentes brasileiros evitarem textos com mais de dez páginas, segundo o Centro de Pesquisas em Educação, Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional. "É raro me ver motivada a pegar um livro", reconhece Gabriela Soeiro, 31 anos, que compõe o grupo, ao qual se refere o francês, dos que não receberam na infância aquele gás para ler.

Antes uma potente engrenagem para fazer a criançada se dedicar à leitura, a sala de aula anda perdendo sua influência — outra constatação da pesquisa do Ipec. Há uma década, 35% dos jovens respondiam que abriam livros movidos pela escola, enquanto hoje são 19%. Segundo estudiosos do tema, o nó é apertado e começa a se formar em casa. "A escola tem muito a acrescentar, mas não pode fazer o trabalho todo sozinha. Ela precisa contar com os pais", diz Claudia Costin, especialista em educação. A questão é que os próprios pais de todos os patamares de renda vivem imersos em telas: nas famílias que habitam o topo da pirâmide, a leitura recuou de 70% para 59% da amostra em exíguos cinco anos.





ARQUIVO PESSOAL

A PRESSA Marcella Albuquerque: busca por estímulos "mais imediatos"

Todo esse cenário, aliado a uma ainda elevada taxa de analfabetismo e à dificuldade de uma leva expressiva de alunos em tirar sentido do que lê, conspira para a incômoda posição brasileira no ranking global da leitura: 34º lugar. "O problema maior não está na renda do brasileiro, mas no excesso de conteúdos digitais a um clique", afirma o professor Plinio Martins, da USP, lembrando que sempre houve concorrência com outras formas de entretenimento — rádio, TV —, mas nunca como agora.

Não há exercício intelectual mais poderoso do que o ato da leitura. Ele é capaz de ativar ao mesmo tempo áreas muito distintas da mente, promovendo um malabarismo entre neurônios vital para conectar e assimilar informações. O processo desencadeia emoções, cultiva habilidades analíticas e deságua no pensamento crítico. Por toda essa vigorosa movimentação, funciona como ferramenta contra o declínio cognitivo, retardando o surgimento de doenças neurodegenerativas, como demência e Alzhei-

"A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas, por incrível que pareça, a quase totalidade não sente esta sede."



Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), poeta



E+/GETTY IMAGES

ÀS MOSCAS Biblioteca nos EUA: lá, mais da metade das pessoas não lê um único livro

mer, como apontam estudos da Universidade de Cambridge.

Para a sociedade, os prejuízos do declínio da leitura são vastos. "Uma sociedade que não lê é mais pobre em imaginação e menos apta a avançar", diz o sociólogo Ronaldo Oliveira, da Uerj. O pior é que, quanto menos se lê, mais difícil é escapar da inércia — situação que já atormentava o poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) lá atrás. "A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas, por incrível que pareça, a quase totalidade não sente esta sede", lamentava. Que as novas pesquisas sirvam não apenas para iluminar a questão, mas para ajudar a romper o ciclo da escuridão para o qual ela conduz. ■



LUCILIA DINIZ

REVISITANDO AS PALAVRAS

O que a linguagem diz sobre o mundo

PASSADO O MOMENTO de balanço que marca cada virada de ano, com seus fogos de artifício e brindes à meia-noite, reabro os trabalhos neste espaço desejando que você tenha aproveitado bem as festas e tido dias de descanso. E que — caso isso o tenha afetado — possa ter vencido o tal *brain rot*, o "apodrecimento cerebral" que dicionaristas ingleses julgaram ter sido o fenômeno definidor de 2024.

A escolha anual de um termo capaz de representar o *zeitgeist*, ou espírito do tempo, já se tornou tradição entre os britânicos. E, para a equipe do dicionário *Oxford*, que há duas décadas promove uma dessas seleções, o ano passado foi marcado por essa suposta deterioração mental ou intelectual, decorrente do consumo exagerado de informação rasa. Resumindo em bom português, foi o ano do "apodrecimento cerebral".

Enquanto muitos debatiam o *brain rot* em suas origens, suas causas e seus antecedentes, fiquei pensando nos seus desdobramentos futuros. O que poderíamos fazer para que 2025 não estivesse sob sua influência?

> **"É preciso reconhecer que estamos meio 'enfeitiçados' pelo frenesi informativo"**

A resposta surgiu quando notei um lapso de fala, tão gracioso quanto revelador. Percebi que, ao comentar o termo, algumas pessoas trocavam *rot*, apodrecer, por *root*, raiz. Esse deslize de pronúncia me levou a refletir: e se a chave para mudar esse quadro fosse "enraizar" mais a mente?

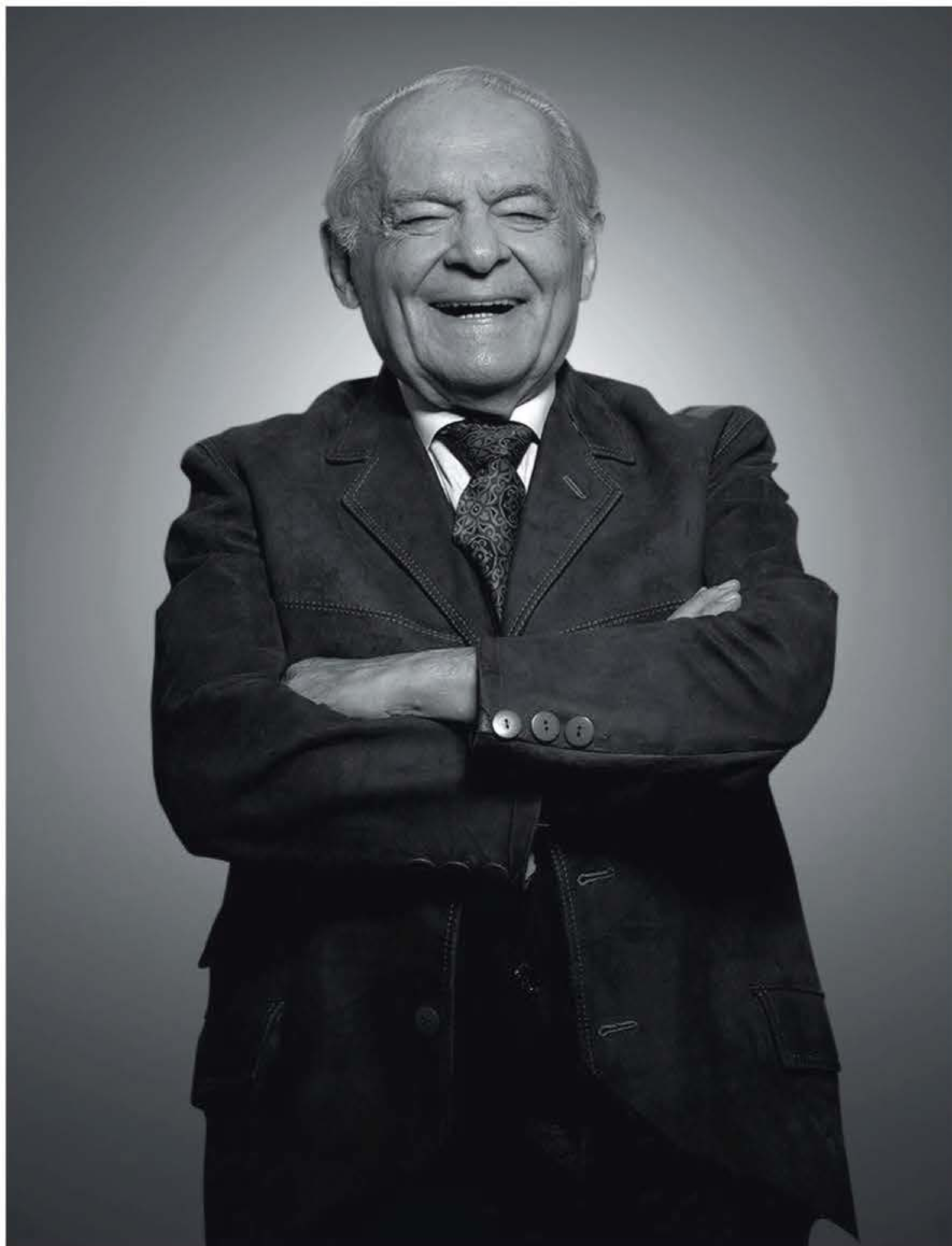
Sou uma entusiasta de novidades, incluídas aí as mudanças tecnológicas que surgem em ritmo quase diário, para fascínio de nossos olhos e ouvidos. Por outro lado, é difícil negar: os olhos às vezes vagam à toa por tempo demais, e os ouvidos estão sempre alertas a notificações variadas. Nossos sentidos, assim, são seduzidos por conteúdos moldados por algoritmos que parecem capazes de ler nossos pensamentos. Mas o conforto de ficar sabendo de tudo sem esforço cobra seu preço. O cérebro acaba sobrecarregado. É um fato: ele, como o resto do corpo, precisa de exercício para se manter saudável.

Isso pode significar ler um livro, escrever uma crônica, cozinhar algo novo ou dirigir sem ajuda do GPS. Esses e tantos outros pequenos gestos costumam ser associados à "desconexão", no sentido digital — eu diria, porém, que são de reconexão íntima.

Talvez esteja na hora de indagar se não estamos, sem perceber, minando nossa capacidade de pensar criticamente, de avaliar o mundo em profundidade ou até de simplesmente nos entediar de forma criativa. Reconhecer que estamos meio "enfeitiçados" pelo frenesi informativo é o primeiro passo para encher nosso vocabulário com novos termos, mais benéficos.

Podemos plantar agora, no começo do calendário, as sementes de um tempo mais "ancorado". Trabalhar ativamente para que, no fim do ano, o nosso vocabulário não reflita dispersão e cansaço, mas outras atitudes e estados de ânimo. Palavras como "foco", "curiosidade" e "acolhimento" podem ser sementes para projetos e desejos.

Afinal, a linguagem não é apenas um reflexo do mundo: ela também o molda. Os termos que escolhemos empregar são os que expressam nossas ideias mais importantes e representam nossos principais valores. A palavra do ano pode até ser o retrato de um sentimento coletivo, mas este se constrói pela ação de cada um. Por isso convido você a revisitar as palavras e escolher, desde agora, com quais escreveremos a história em 2025. ■



BETI NIEMEYER

O TEMPO É UM GRANDE AMIGO

Aos 91 anos, o ator Othon Bastos segue no palco com *Não Me Entrego, Não!*, o primeiro monólogo da sua carreira

COM 72 ANOS de carreira, fazer um monólogo está sendo uma experiência totalmente inédita para mim. Quando decidi trabalhar em uma nova peça, sabia que não queria nada amargurado. Minha intenção era levar esperança e alegria para as pessoas, e assim foi construído meu monólogo, *Não Me Entrego, Não!*, um título que resume minha força vital. Levei ao meu amigo Flávio Marinho *(diretor da peça)* mais de 600 páginas sobre o que vejo, penso e sinto. Magistralmente, ele conseguiu dividir o material em blocos temáticos e transformar tudo em uma coisa só. Quis contar a história das minhas sete décadas de atuação de uma forma bem-humorada, sem mágoas. Há muito tempo que eu fazia só cinema e sentia o teatro perguntando: "E aí, vai me abandonar?".

Todo o espetáculo foi movido a otimismo, do jeito que eu acredito que a vida deve ser. Sem patrocínio, o Flávio escreveu, dirigiu e teve a ousadia de colocar a peça no palco. E as pessoas amaram. Mas está sendo desafiador e extremamente cansativo. Sempre fui um cara bom de memória, gravava desde fórmulas matemáticas até teorias filosóficas. Porém, com o tempo, algumas coisas se perdem. De vez em quando tenho até que procurar certas informações sobre mim no Google, para ter certeza do que aconteceu. Então tive que ler e treinar bastante o texto para conseguir sustentar uma hora e meia em cima do palco, sozinho. Aliás, até hoje sinto um medo, um frio na barriga quando estou prestes a entrar em cena. Mas existe uma força divina que me faz ficar seguro quando começo de fato a interpretar. Tenho muito amor pelo que faço, peço sempre licença ao palco e dou tudo de mim em cena. Diferente do cinema, onde o público te assiste em uma tela, sentado na poltrona e se enchendo de refrigerante, o teatro cria uma espécie de catarse coletiva, uma conexão sem igual.

Acredito que a vitalidade é uma qualidade inata. Sempre fui muito feliz e a arte me ajuda a estar sempre ativo. Quero trabalhar até não dar mais. Acredito muito que as coisas que são nossas acabam achando a gente. Percebo que inspiro o público, pessoas de 60 e poucos anos vêm me dizer que viram em mim ânimo para continuar vivendo. Aos 91, entendo que só envelhece quem desiste, quem fica se debatendo e lastimando por conta do passar do tempo. Eu sigo sempre em frente, aproveitando cada fase, sem me prender ao passado. O tempo é, na verdade, um grande amigo. Sou cheio de orgulho dos meus 58 anos de casado, de ver meu filho ter uma carreira bem consolidada. Já atuei em uns oitenta filmes, nem consigo contar mais, e praticamente todos os meus colegas de trabalho já se foram. É um privilégio estar neste mundo, dou o valor merecido. Sou um homem de muita sorte.

Infelizmente, o preconceito contra os idosos é extremamente forte no Brasil. Nós, da terceira idade, somos menosprezados e abandonados. No meio artístico, a situação é ainda pior. Não estou aqui para dar aula ou ensinar, mas quero transmitir o que aprendi. Dou o que tenho de melhor na minha alma. Shakespeare dizia que a velhice é um jovem que deu certo. Um dos momentos mais lindos da peça é quando eu digo que nasço contente todas as manhãs. Não sou uma pessoa religiosa no sentido tradicional, mas agradeço todos os dias, porque sei que tudo passa. Hoje estou colhendo aquilo que plantei a vida inteira e acho isso maravilhoso. E também sei que sou como uma árvore, que produz o fruto sabendo que quem vai usufruir são as outras pessoas. Acho que meu espetáculo está dando certo, tanto para mim quanto para o público. Quando passo alguns dias fora de cartaz, já começo a ter saudade, fico treinando sozinho as falas para não perder o jeito. Nunca vou me cansar da arte, vou estar com ela até o fim. Como disse o poeta Mário Quintana, eu não tenho paredes, só horizontes. ■

Depoimento a Duda Monteiro de Barros

AS RAÍZES DA POLÊMICA

Todo mundo concorda que plantar árvores para refrescar as capitais da Europa é uma necessidade — a não ser quando o plantio envolve patrimônios históricos **PAULA FREITAS**

CONSERVACIONISTAS prestam um imenso serviço à humanidade, dedicando-se à preservação de patrimônios históricos e culturais inestimáveis. Ambientalistas são figuras indispensáveis para a salvaguarda da natureza nesses tempos de emissões poluentes e aquecimento acelerado. Unidos na missão de contribuir para o bem do planeta, os dois grupos, vejam só, entraram em choque em cidades da Europa em torno de um dilema existencial: mexer ou não em paisagens seculares, em nome do bem comum. A controvérsia gira em torno do prosaico projeto de plantar mais árvores para refrescar capitais cada vez mais quentes, proposta de indiscutível utilidade — não fossem elas Paris, Viena e Roma, todas lotadas de monumentos espetaculares protegidos de qualquer ameaça de descaracterização, aí incluídas mudas de plantas. Desafiando a grita dos críticos, algumas obras de arborização estão sendo implantadas — literalmente — a toque de caixa em praças parisienses e vienenses, mas, no entorno das fabulosas edificações romanas, a queda de braço entre o poderoso Ministério da Cultura e o Escritório do Clima segue firme, sem sinal de solução.

É indiscutível a necessidade de medidas que se contraponham aos efeitos das brutais ondas de calor que varrem a Europa. Em agosto, a Organização Meteorológica Mundial (OMM) anunciou um novo recorde europeu de temperatura — 48,8 graus, na ilha italiana da Sicília — e até 2050 prevê-se que o continente aqueça mais de 3 graus, extrapolando as metas estabelecidas pelo Acordo de Paris. Viena deve ferver ainda mais: lá, a expectativa é de aumento de 7 graus em média. Diante desse preocupante e efervescente futuro, a capital austríaca criou há três anos o fundo Cidade Modelo Climático Habitável, que determina a liberação de 100 milhões de euros para financiar um conjunto de medidas concebidas para "declarar guerra às ilhas de calor urbanas". Uma delas é justamente plantar árvores e canteiros de grama na histórica Michaelerplatz — e aí o bicho da conservação pegou.

A praça circular de piso de pedra, onde desembocam as quatro ruas principais de Viena, é emoldurada por monumentos que compõem uma aula de história ao ar livre, entre eles o complexo do Palácio Imperial de Hofburg, antigo lar da dinastia dos Habsburgos, o Palácio Herberstein, construído no final da década de 1890, a Casa Loos, símbolo do modernismo vienense, e a medieval Igreja de São Miguel, sem falar das escavações romanas bem no centro dela. O plano da prefeitura é plantar lá nove árvores e alguns gramados, além de ampliar a área de pedestres, mas foi o suficiente para 400 arquitetos, urbanistas e conservacionistas endereçarem uma carta de protesto ao prefeito Michael Ludwig. Dependendo da rua pela qual se entra na praça, "diferentes perspectivas do espaço urbano se abrem, desencadeando novas sensações visuais", argumentaram, uma percepção que seria "dramaticamente" prejudicada pelas mudanças. Não adiantou, e as obras já começaram.



ALEXANDER SPATARI/MOMENT/GETTY IMAGES

CIDADE VERDE Champs-Élysées, em Paris: 100 000 árvores plantadas na capital em quatro anos

Em Paris, onde uma revolução verde está em andamento, com ruas fechadas para carros, ciclovias em toda parte e mais de 100 000 árvores plantadas desde 2020, a prefeita Anne Hidalgo voltou os olhos para a célebre Praça da Concórdia, cartão-postal da capital francesa assinalado pelo obelisco de Luxor no centro e sem nenhum resquício de verde à vista. Encarregado de arborizar o espaço, o ex-ministro da Cultura Jean-Jacques Aillagon a princípio foi contra, invo-



cando a "vocação mineral" do local, mas acabou cedendo. "A Place de la Concorde hoje é uma praça que não permite nenhum tipo de lazer", argumentou, lembrando que o projeto original, do século XVIII, era repleto de vegetação. Apesar da turma do contra, para quem a mudança vai encobrir o obelisco e descaracterizar a praça, a aprovação do projeto está prevista para os próximos meses e as obras devem começar em 2026.

As maiores pedras no caminho do plantio de árvores para refrescar centros históricos estão em Roma, onde o poderoso Ministério da Cultura vetou, e continua a vetar, cada uma das tentativas do Escritório do Clima do município de inserir vegetação em locais como a Piazza Navona e a Piazza del Popolo, alegando que "qualquer mínima alteração em seu projeto pode distorcer seu valor". "O Ministério só se preocupa com a conservação dos prédios e das praças, como se a mudança climática não fosse problema dele", disse a VEJA o diretor do Gabinete Climático, Edoardo Zanchini. "Caso o impasse não seja resolvido, levaremos a questão ao governo nacional", antecipa. Preservação de patrimônio histórico é um conceito relativamente novo, datado do século XVIII, e graças a ele maravilhas do passado podem ser visitadas e admiradas até hoje. Proteger o meio ambiente é ideia ainda mais recente e dela depende um futuro saudável e sustentável. Conciliar o ontem e o amanhã é tarefa para já. ■

LIUDMILA HABRUS/ALAMY/FOTOARENA



SEM SOMBRA Michaelerplatz, em Viena: plantar ou não plantar?

É O PULO DO GATO?

Conhecida pelos carros de luxo, a britânica Jaguar passa por uma transformação total rumo à eletrificação, mas nem todos os clientes estão felizes com a mudança **ANDRÉ SOLLITTO**

A ESCRITORA francesa Françoise Sagan (1935-2004), autora de *Bom Dia, Tristeza*, era conhecida pelo estilo de vida exuberante, repleto de noitadas em cassinos e viagens de carro a toda velocidade — aparentemente ao avesso do tom existencialista do que punha no papel. "Dinheiro não pode comprar felicidade, mas prefiro chorar em um Jaguar do que em um ônibus", disse certa vez. A frase, para além da evidente ironia, é a celebração do luxo de uma marca inglesa de carros imparável. Aliando design e potência, a montadora criou diversos modelos icônicos, como o C-Type, esportivo de competição da década de 1950 que venceu as 24 Horas de Le Mans duas vezes, e o E-Type, lançado em 1961, considerado por especialistas, como Enzo Ferrari (1898-1988), o automóvel mais bonito jamais criado.

Entre o fim da década de 1970 e o fim dos anos 2010 foi a montadora responsável pelos carros dos primeiros-ministros britânicos, de Margaret Thatcher (1925-2013) a Boris Johnson. Aparece em inúmeros filmes, entre eles os da franquia *007*, como *Um Novo Dia para Morrer*, em que o vilão Zao usa o modelo XKR para perseguir James Bond. Com o passar dos anos, contudo, a grife desacelerou. Agora, para se adequar aos novos tempos, a Jaguar decidiu passar por uma transformação total de imagem, um *rebranding*, no jargão publicitário. Porém, o que era para ser uma jogada de marketing virou discussão mercurial do setor automotivo.

A bomba de efeito retardado: em meados do ano passado, a empresa anunciou pretender ter apenas veículos elétricos em seu portfólio. Parou de fabricar os modelos atuais, como o F-Pace, o último à venda; mudou sua identidade visual, incluindo o logotipo; e apresentou um novo protótipo, minimalista a não mais poder, durante a Semana de Arte de Miami, em dezembro de 2024, como forma de deixar clara a conexão com o mundo das artes. O lançamento deu o que falar.

Os especialistas não gostaram do que viram. Condenaram o jeito quadradão e modernista do Type 00, como foi batizado *(veja na foto acima)*. Criticaram a nova fonte tipológica usada na marca. Não gostaram da decisão de ocultar a mascote, um felino em pleno salto. E estranharam o teaser de divulgação, que mais parece um vídeo de moda do que uma propaganda de carro. Apesar da controvérsia, "falem bem, falem mal, mas falem de mim", valeu o barulho. "Todos, do público em geral até os analistas especializados, comentaram sobre o assunto. Primeiro, de forma negativa, mas depois de maneira estratégica e estruturada", diz o consultor automotivo Milad Kalume Neto. A estratégia pode ajudar a empresa a recuperar

FOTOS DIVULGAÇÃO



STELLANTIS/DIVULGAÇÃO

MAU EXEMPLO O SUV Stelvio, da Alfa Romeo: vendas em declínio nos EUA



CONCEITO O protótipo Type 00 e o logo atualizado: a nova cara incomoda



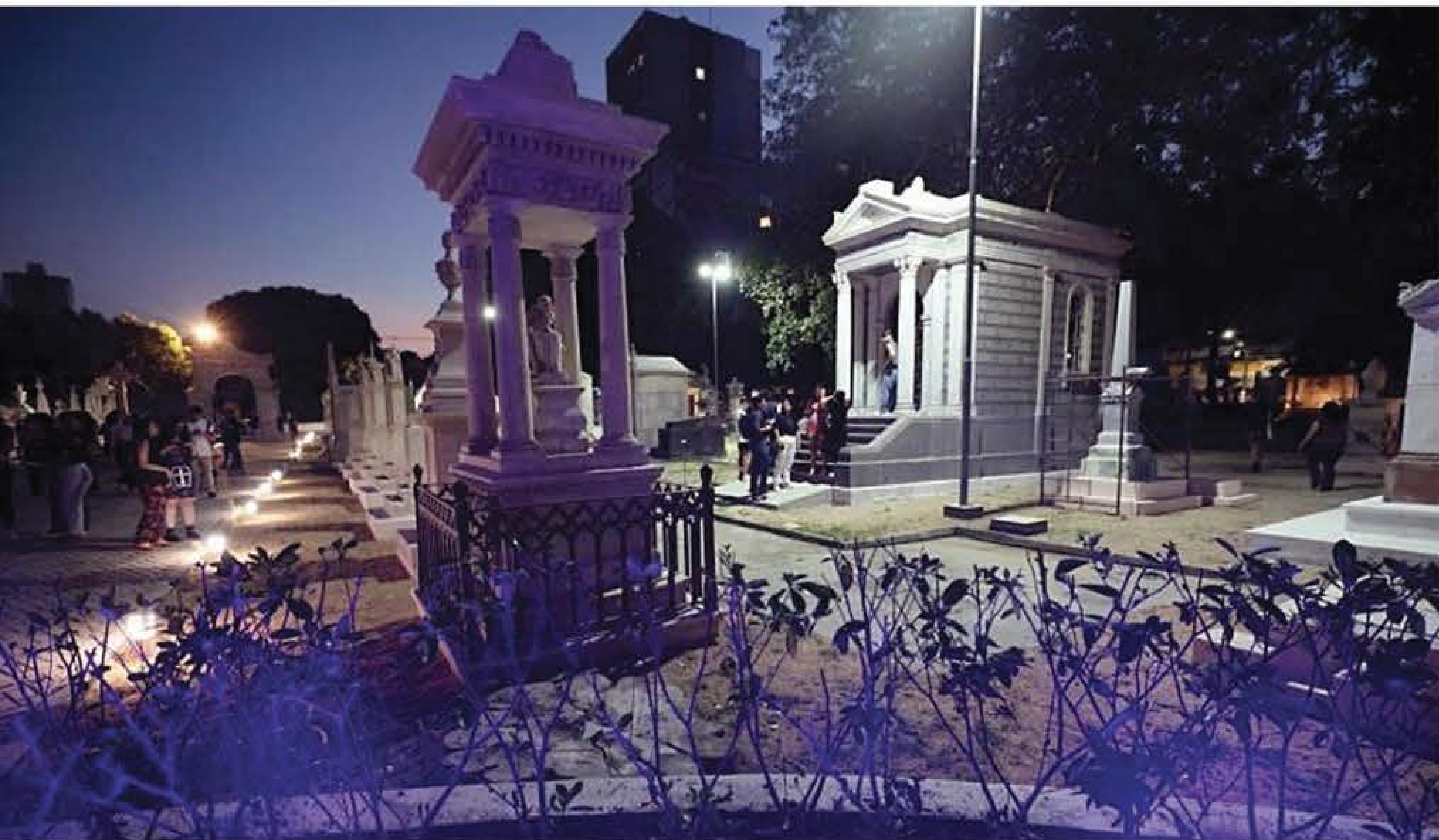
CHRIS JACKSON/GETTY IMAGES

POP O Jaguar XKR do vilão de *Um Novo Dia para Morrer:* Bond, James Bond

parte do prestígio perdido nos últimos anos. Hoje, ela faz parte da JLR, ou Jaguar Land Rover, que inclui também os modelos de vocação off-road de outra montadora britânica e é comandada pela indiana Tata Motors. Apesar da clientela fiel, vende bem menos que a Land Rover. Em 2023, por exemplo, foram negociados 64 241 modelos da Jaguar ante 356 343 da Land Rover. Nas concessionárias do Brasil ambas as marcas são vendidas lado a lado, e é comum que o cliente se encante mais com os parrudos utilitários do que com o solitário F-Pace jaguariano.

Grandes transformações podem salvar ou derrubar uma fabricante de automóveis. A centenária marca italiana Alfa Romeo, conhecida pelos modelos esportivos, ampliou o portfólio e criou SUVs como o Stelvio. Mas as vendas não foram suficientes e hoje sua sobrevivência está em risco. Já Jeep e Ram são exemplos de reinvenção que deram certo. A Jeep, conhecida pelos carros fortões para trilhas, conquistou uma fatia de mercado relevante com o Renegade, que ainda vende muito bem no Brasil, e abriu as portas da marca para um público mais amplo. E a Ram se tornou sinônimo de caminhonetes de luxo especialmente entre a clientela do agronegócio.

Resta saber, portanto, se a estratégia elétrica da Jaguar funcionará. “Quem avaliará a reconstrução, a rigor, são os compradores, ou a ausência deles”, diz Kalume Neto. O jogo é complexo, porque na vida nem sempre é fácil aceitar as novidades — ao contrário, elas incomodam. Mas nem só de nostalgia pode viver um grande rótulo. É preciso estar atento a humores inéditos e ter coragem de dar o pulo do gato. E, no fim, o que determina o sucesso é a qualidade, simples assim. Mesmo de uma quase unanimidade como a Jaguar. ■


AGÊNCIA PARÁ

NATUREZA AMAZÔNICA O Soledade, em Belém, no Pará: inaugurado em 1850, é hoje um cobiçado parque para passeios

QUE DESCANSO ETERNO, QUE NADA

Começa a ganhar força no Brasil um movimento de relevância na Europa e nos Estados Unidos: o turismo em cemitérios. Mas antes será preciso vencer o tabu **MARÍLIA MONITCHELE**

SÃO 2 MILHÕES de vivos, todos os anos, pelas alamedas de alguns dos mais conhecidos mortos da história. No Père-Lachaise, em Paris, cemitério construído por Napoleão em 1804, o movimento é de outro mundo. Atire a primeira pedra quem não pensou em rabiscar alguma coisa na tumba de Jim Morrison, o vocalista do The Doors, eternizado pela balada *The End* — "This is the end, my only friend". Quem, ali estando ou sonhando conhecer, não depositou uma flor em homenagem a Allan Kardec, o pai do espiritismo, ou para Édith Piaf, La Môme da canção francesa? Em Buenos Aires, a peregrinação ao sepulcro de Evita Perón não para. O Forrest Lawn Memorial Park, em Glendale, na Califórnia, foi apelidado de "Disney da morte", e não por acaso, dadas as exposições itinerantes e as celebrações — sim, celebrações — em torno dos jazigos de nomes como o rei do pop, Michael Jackson, o cantor Nat King Cole e o próprio Walt Disney. Faz sucesso o livro *199 Cemeteries to See Before You Die* (199 Cemitérios para Ver Antes que Você Morra), ainda sem versão em português.

Em muitos países, enfim, o turismo pelos corredores da última morada não para de crescer e já faz parte dos bons guias de viagem. A novidade é esse tipo de passeio começar a se consolidar no Brasil, no avesso do tabu, porque realmente nunca foi fácil tomar coragem e ultrapassar os portões pelo prazer de uma caminhada ou mesmo um piquenique. O ano de 2025 pode ser o da consolidação dessa modalidade brasileira de, digamos, diversão. O Cemitério da Soledade, em Belém, no Pará, inaugurado em 1850, recebeu um banho de loja, mas



LUCAS AGUAYO ARAOS/SOPA IMAGES/LIGHTROCKET/GETTY IMAGES

ÚLTIMO TANGO La Recoleta, em Buenos Aires: interesse por Evita Perón



BRUNO DE HOGUES/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

LA VIE EN ROSE Père-Lachaise, em Paris: Piaf *(na foto)*, Morrison e Kardec

nada que tenha ferido o fato de ser tombado pelo patrimônio histórico. Reinaugurado, virou um centro cultural de defesa da arte amazônica. O Vila Formosa, em São Paulo, o maior da América Latina, oferece uma trilha ambiental autoguiada para atrair moradores do entorno à prática de exercícios físicos. O local abriga a quarta maior área verde de São Paulo, atrás apenas dos parques Ibirapuera, Anhanguera e do Carmo, e tem cerca de 10 000 árvores distribuídas por toda a sua extensão, tornando-se um imponente centro de biodiversidade.

O Cemitério da Consolação, também em São Paulo, recebe desde o ano passado excursões noturnas promovidas pelo advogado Thiago de Souza. As estrelas da aventura debaixo de estrelas (quando o céu cinzento autoriza) são os monumentos para Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Luís Gama. Thiago, aliás, como constatação da tendência, é o criador de uma conta nas redes sociais com 150 000 assíduos fiéis, "O que te assombra", destinada a lidar com humor e leveza com o luto. Em um ano de atividade, e crescendo, mais de 5 000 pessoas entraram na brincadeira de flanar de um lado para o outro entre pedras e flores. "Os cemitérios são os maiores contadores de histórias", diz Souza. "Neles estão as biografias que costuram o tecido complexo que chamamos de sociedade." Que o diga o Cemitério São João Batista, no Rio, palco de interesse permanente, que mistura Carmen Miranda com Santos Dumont, Luís Carlos Prestes com Chacrinha, Cazuza com José de Alencar.

O extraordinário é saber que os cemitérios, do ponto de vista de arquitetura, especialmente, mas também dos dizeres anotados no mármore, são retratos de seu tempo, associados a um passo interessante demais para ser desdenhado: aos epitáfios clássicos, somam-se os dizeres da mocidade, como acontece com frequência no parisiense Père-Lachaise, e então uma máxima romântica do século XIX dá as mãos a corações flechados de hoje ou a hashtags como #teamo. Não há heresia alguma, ao contrário. São as camadas de civilização se sobrepondo, e assim deve ser. "Pode-se entender muito sobre uma cidade a partir de seu cemitério. Afinal, a cidade dos mortos nada mais é que um reflexo da cidade dos vivos", diz Aline Silva Santos, arquiteta e professora do Instituto Federal de São Paulo.

A atividade é séria. A Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, associada a pares de todo o planeta, lidera esforços para promover esses locais como espaços de educação e memória. A entidade realiza encontros bienais que discutem os períodos artísticos das esculturas e os aspectos culturais em torno da morte. Está mais do que na hora, portanto, de fazer como na Europa e nos Estados Unidos — e tornar a jornada um momento tão bom quanto um domingo no parque, apesar da saudade, apesar da dor que pode vir à tona, em forma de lembrança. Não vale, é bom avisar, posturas como a do poeta inglês P.B. Shelley (autor da antologia de poemas *Prometeu Desacorrentado)* e de sua mulher, a escritora Mary Shelley, criadora do clássico de terror *Frankenstein*, de 1818. O casal fez questão de espalhar, em tempos de provocação, de modo a chocar a sociedade, um fato inusitado: os dois teriam feito amor pela primeira vez em cima do ataúde da mãe dela. Aí já é demais. Melhor é seguir com idílicos alvoreceres e fins de tarde, conhecer a existência de gente famosa, e está de bom tamanho. E que não seja apenas no Dia de Finados. ■

RAMY ROBSON/DIVULGAÇÃO

ARARAS VIRTUAIS

Marcas investem em provadores de roupas com recurso de inteligência artificial como alternativa para quem não quer (ou não pode) vestir as peças antes de comprá-las **VALÉRIA FRANÇA**

CRIADO PELO químico alemão Justus von Liebig (1803-1873), o processo de prateamento que seria a base da fabricação moderna de espelhos representou uma revolução no mundo da beleza, tornando real uma possibilidade que os irmãos Grimm intuíram na vaidade da bruxa má da Branca de Neve: "espelho, espelho meu". E, então, postar-se diante da peça quase sempre retangular, vendo a si mesmo na intimidade de um provador de roupas, entrou em voga para nunca mais sair. Nas palavras da estilista italiana Miuccia Prada, "moda é mensagem instantânea".

Contudo, em movimento que soa irrefreável e atualíssimo, testar o look no espelho tende a ser página virada. Muitas lojas começam a introduzir o chamado provador virtual *(try on*, em inglês), que usa inteligência artificial (IA), como não poderia deixar de ser. Nos Estados Unidos, redes como H&M, Loft e Everlane aprimoram o recurso, introduzido há dois anos. No Brasil, a marca de moda masculina Aramis estendeu a brincadeira, que já adotava no e-commerce, para a loja física, inaugurada em dezembro no Morumbi-Shopping, em São Paulo. É um espaço amplo, com decoração clean, de 120 metros quadrados, com jeitão de futuro — e dá-lhe a experiência bem mais impactante do que a oferecida pela selfie dos smartphones. "A inauguração é estratégica", diz Richard Stad, CEO da Aramis. Faz parte do projeto de expansão e rejuvenescimento da confecção, que já conta com 120 pontos de vendas espalhados pelo país e quer chegar a 1 bilhão de reais de faturamento até 2026.

De modo geral, a tecnologia, que parece extraída de um filme da franquia *Harry Potter*, é sempre a mesma. O programa captura a imagem do cliente e escaneia suas medidas. Depois cruza a informação e a foto dele



ÚTIL E AGRADÁVEL Recurso tecnológico: possível fim do cansativo "tira e põe" para ver como fica

com as da coleção da marca, que foram salvas em um banco de dados. O comprador, apresentado a diferentes modelos, tamanhos e cores, faz sua escolha e, bingo!, eis o produto adequado, visto como se fosse real.

O aprimoramento da invenção, que parecia ter sido engolida por dificuldades técnicas, até que a IA surgisse, soa como solução para um leque de problemas, a começar pela dificuldade de oferecer, no comércio eletrônico, a necessária acuidade e precisão.

Comprar em sites, sabemos todos, é complicado. Há o caimento, as dimensões e um imenso etc. Não por acaso, as trocas das compras on-line giram em torno de 20%, o dobro da taxa do mercado de endereços físicos. Pesquisas recentes mostram que seis em cada dez consumidores consideram a dificuldade de acertar a seleção remota, pela internet, a pior parte da experiência de compra. É realmente desanimadora a aventura irritante de efetuar a devolução, ir aos correios e depois de um tempo escolher outro artigo. As marcas também perdem dinheiro com o processo, que pode custar até 70% da venda.

A nova tecnologia do "espelho" virtual, se adaptada tanto às lojas físicas quanto aos canais de vendas pela internet e vier a proporcionar maior confiança, digamos, estética, pode marcar o início de um novo tempo. Gigantes como o Google e a Cisco trabalham com ferramentas nesse caminho e prometem novidades. Parece não haver limites, e logo os armários domésticos terão cabides de compras exclusivamente eletrônicas.

Há um outro aspecto muito interessante da inovação e que não deve ser desdenhado, por dar as mãos para os atuais humores da humanidade, ao menos em porções do planeta de postura conservadora e muitas vezes misógina. O provador virtual da Aramis, desenvolvido pela empresa brasileira Doris, foi adotado na Arábia Saudita e rapidamente entrou nas casas mais ricas. "Como as mulheres são proibidas de experimentar roupas em lojas, a tecnologia representa uma solução", diz o CEO da Doris, Marcos de Moraes. É contra a lei as sauditas se despirem em ambiente público, mesmo que seja em local reservado. O avanço, portanto, virou personagem da sociedade, um conforto feminino necessário — ao menos enquanto a norma patriarcal não muda, e cedo não mudará — e sinônimo de dólares em caixa, com a expansão dos negócios.

Por trás de um espelho eletrônico, ao lado das araras ou no closet do lar, a IA começa a entregar, com pompa e circunstância, uma novidade positiva. Faz sucesso, ainda hoje, um filme de sessão da tarde, por aqui batizado com o esquisito nome *As Branquelas*, de 2004, em torno das desventuras de dois irmãos que trabalham no FBI, selecionados para escoltar duas dondocas. As cenas em trocadores de roupa são as mais engraçadas e as mais comentadas, misto de crítica com realidade daquele cantinho escondido. Elas estão com os dias contados. Não desaparecerão, é claro, mas talvez venham a ser lembradas como uma ideia do tempo da Branca de Neve, um conto de carochinha. ■

GEORGE KONIG/KEYSTONE FEATURES/GETTY IMAGES



"ESPELHO, ESPELHO MEU"
À moda antiga: invenção posta à prova



EM TOM MAIOR

O leilão de um violino Stradivarius com mais de 300 anos, cujo valor pode chegar a 18 milhões de dólares, ilumina os segredos da qualidade de uma joia da civilização **ALESSANDRO GIANNINI**

O LENDÁRIO luthier italiano Antonio Stradivari (1644-1737) fabricou pouco mais de 1 000 instrumentos, entre violinos — sobretudo violinos —, violoncelos, harpas e violas. Estudiosos estimam que 650 peças tenham sobrevivido à ação indelével do tempo, das quais 512, segundo investigação recente, são os celebrados Stradivarius, ou Strad, para os raros íntimos da joia, muito valorizados pela beleza singular, pela rica história e pela sonoridade impecável, sinônimo de arte. O auge da carreira de Stradivari ocorreu entre 1700 e 1722, em Cremona, na comuna de Milão, quando abandonou as influências de outros mestres e começou a criar modelos próprios que se tornariam referência no competitivo mundo da música.

Foi nesse período que veio ao mundo uma pepita, o Joachim-Ma, violino fabricado por Stradivari em 1714. No início de fevereiro, o instrumento vai a leilão na Sotheby's de Nova York. Calcula-se a batida do martelo a algo entre 12 milhões e 18 milhões de dólares, o que o instalaria no topo das relíquias musicais mais caras jamais negociadas. O dinheiro será revertido para o Conservatório da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, de modo a financiar bolsas de estudos.

O batismo do instrumento agora no centro do palco, o Joachim-Ma, vem da combinação dos nomes de dois de seus mais notórios proprietários. O do húngaro Joseph Joachim, um virtuoso violinista do século XIX, que o utilizou em 1879, na estreia do *Concerto para Violino em Ré Maior*, de Brahms, em Leipzig, na Alemanha. E o do chinês Si-Hon Ma, renomado violinista e pedagogo, que em 2016 o deixou como herança para o centro de estudos americano que o levou a pregão para que pudesse beneficiar alunos sem posses.

É oportunidade que encaminha a pergunta milionária que não quer calar: qual o fascínio de um Stradivarius? A resposta está na maestria cuidadosa do artesão cremonense, homem afeito a fazer de cada trabalho uma obra única e inigualável. O timbre extraído do Joachim-Ma revela nuances sutis em cada nota. A beleza visual também impressiona, com o verniz castanho-dourado que remete à pureza da natureza.



ERA DE OURO O modelo Joachim-Ma, que será levado ao martelo: obra-prima de 1714

COURTESY OF SOTHEBY'S



RISCHGITZ/GETTY IMAGES

ZELO Antonio Stradivari em sua oficina: madeiras de florestas europeias

Tal qual numa sinfonia, ou uma safra excepcional de vinhos, a magia do Stradivarius é resultado de uma combinação de fatores, a começar pela escolha de materiais, madeiras de alta qualidade provenientes de florestas europeias, beneficiadas pelos invernos rigorosos que contribuíam para a densidade e ressonância. O verniz não só embeleza os instrumentos, mas também influencia a qualidade sonora por meio de seu efeito na vibração da madeira. Vale ressaltar a delicadeza das curvas e a espessura de cada parte da montagem. A acústica propiciada pelo conjunto há três séculos é estudada em laboratórios. Sabem-se, de algum modo, os segredos da preciosidade, embora nunca fosse possível reproduzi-los em produtos modernos. De qualquer forma, qual seria a graça de reproduzir, hoje, um Strad?

Um modo de entender a aventura de um Stradivarius é ouvir as interpretações do russo-americano Jascha Heifetz (1901-1987), proprietário de um exemplar fabricado no mesmo ano do Joachim-Ma, o Dolphin. Ao longo de sua vida, Heifetz gravou oitenta álbuns, com interpretações de compositores como Paganini, Bach e Saint-Saëns. "O violino é um instrumento que deve ser tocado com o coração", dizia, ao resumir uma existência feita de queixeira, corda, cravelho e arco — e a humanidade agradece pelo encontro de Stradivari com Heifetz. A venda do Joachim-Ma tem o dom de voltar a revelar os feitos de que é capaz a engenhosidade humana, que faz guerras, mas também sonatas, nos pondo em órbita. De um outro virtuoso do Stradivarius, o americano Yehudi Menuhin (1916-1999): "Para tocar boa música, você precisa ter seus olhos em estrelas distantes". ■



BETTMANN/GETTY IMAGES

VIRTUOSO Jascha Heifetz e seu exemplar: tocando com o coração

PESADELO CORP

Em meados de 2012, Dan Erickson era um aspirante a roteirista que passava boa parte do dia trabalhando no gerenciamento de uma fábrica de peças para portas em Los Angeles. Entediado com a rotina de planilhas e escritório, o rapaz de 28 anos desejava se desligar do trabalho e acordar magicamente depois do expediente. Criativo, Erickson transformou a ideia em um piloto que, anos depois, com a colaboração e direção do estrelado comediante Ben Stiller, sairia do papel como ***Ruptura***, série da Apple TV+ que estreia sua segunda temporada na sexta-feira, 17. Lançada quase três anos após a antecessora, a nova leva de episódios aprofunda ainda mais a mescla inteligente e sombria de ambiente corporativo com ficção científica que inovou no retrato da labuta nas telas. "Sempre fui um grande fã de David Lynch em *Twin Peaks*. Amo essa *vibe* levemente surrealista e misteriosa, e queria combiná-la com a atmosfera das comédias clássicas no ambiente de trabalho", explicou Erickson a VEJA, citando um filão com títulos de sucesso como *The Office, Parks and Recreation* e *Party Down* — as duas últimas com o protagonista de *Ruptura*, Adam Scott, no elenco. "É como uma comédia divertida no escritório, exceto pelo fato de que tudo pode desmoronar a qualquer momento, pois as pessoas não sabem quem são ou o que fazem", define o intérprete do improvável herói Mark Scout *(leia a entrevista na pág. 84)*.



APPLE TV+

BASTIDORES Ben Stiller *(à esq.)*: o astro está por trás do sucesso

Parte indissociável da vida de uma fatia generosa da população mundial, o tradicional escritório é cenário recorrente na cultura pop. Nas tramas cômicas que se passam entre computadores e papeladas, ou até mesmo em locais mais diversos como restaurantes, o ambiente de trabalho funciona quase como um personagem à parte, inspirando situações corriqueiras de fácil identificação com o público, como almoços corridos no expediente, intrigas entre colegas, abuso de superiores e, claro, piadas que nascem desse caldeirão fervente de hierarquias e convivência diária. No mundo cada vez mais automatizado e competitivo de hoje, as tramas trabalhistas também avançam para retratos menos risonhos da realidade: renovada para a quarta temporada, a aflitiva *Industry*, da HBO, acompanha um grupo de trabalhadores tentando sobreviver e triunfar em meio à competição implacável do mercado financeiro, que deixa todos na corda bamba do burnout.

Maior expoente do filão, *Ruptura* eleva a ideia às últimas consequências ao inserir na receita elementos de ficção científica que dão à narrativa ares de distopia. Na história, funcionários de uma empresa chamada Lumon são submetidos a um processo complexo de fissão do cérebro que separa a mente em duas personalidades: uma delas existe apenas no trabalho, enquanto a outra ganha vida só fora do expediente. Inicialmente, as versões *innie* e *outie*, como são chamadas, não

APPLE TV+

PORATIVO

Com a afiada nova temporada de *Ruptura*, as séries sobre o trabalho no escritório deixam de vez a comédia para abraçar a distopia

AMANDA CAPUANO



NO TRABALHO Adam Scott: o ator protagoniza trama envolvente que une ambiente empresarial com sci-fi

sabem da existência uma da outra, nem fazem ideia de que foram submetidas ao processo que gera duas rotinas paralelas para cada pessoa.

Na nova temporada, no entanto, muitos funcionários já se deram conta da situação degradante, e precisam decidir o que fazer a partir disso. Os caminhos são complexos, e testam os limites do ser humano. "É uma pergunta provocativa: você se desligaria por metade do dia para escapar de uma parte difícil ou desconfortável da sua vida?", questiona Britt Lower, que vive a executiva Helly, lembrando que a cultura atual premia quem trabalha até a exaustão. "Vemos espelhos de nós mesmos em alguns dos personagens, e acho que isso é um grande atrativo da série", complementa Tramell Tillman — cujo personagem, Milchick, cresce nos novos episódios.

Para além da identificação com tantos trabalhadores reais — que não separam o cérebro em dois, mas enfrentam jornadas excruciantes e precisam abrir mão de dias de lazer e do convívio familiar para garantir o próprio sustento —, a trama coloca em pauta o poder das megacorporações,



CHRIS HASTON/NBCU PHOTO BANK/GETTY IMAGES

PRECURSORA *The Office:* sitcom clássica vê caos do escritório com humor



HBO

IMPLACÁVEL *Industry:* série retrata a voracidade do mercado financeiro

que podem pressionar e submeter funcionários a situações em que desligar a mente durante o horário de trabalho não parece uma má ideia. "O procedimento de ruptura pode ser visto como algo tentador para simplificar a vida, mas também pode ser usado contra você por aqueles que estão no poder", divaga Erickson.

Lançada em fevereiro de 2022, *Ruptura* foi idealizada antes da pandemia, mas a primeira temporada chegou num momento em que o trabalho presencial era retomado a passos lentos. Mesmo hoje, quando muitas empresas optaram por manter o home office ou modelos híbridos, a distância física do escritório não aplacou os conflitos ligados a ele — em alguns casos, eles foram até intensificados. "O equilíbrio entre vida pessoal e profissional foi rompido. Quando se trabalha de casa, o horário de expediente pode não ser respeitado, por exemplo. Não imaginávamos que haveria uma pandemia quando fizemos a série, mas ela deu à trama um novo contexto", aponta Erickson. Por fim, o fantasma de inovações tecnológicas que já estão tendo (ou terão) alto impacto na vida dos trabalhadores de escritório, como a inteligência artificial, contribui para que as séries sobre esse universo troquem o clima de comédia de *The Office* pelos contornos sombrios de *Ruptura* ou *Industry*. Às vezes, o emprego dos sonhos vira um belo pesadelo. ■



APPLE TV+

EM CENA Scott *(à dir.)* na série: sci-fi no universo corporativo

"O ESCRITÓRIO É FAMILIAR"

Protagonista de *Ruptura*, Adam Scott falou a VEJA sobre as tramas corporativas e o retorno da série.

Há muitas produções sobre o ambiente corporativo na TV. Como *Ruptura* se conecta com elas? O roteiro ganha um toque de leveza no momento em que você conhece essas pessoas no escritório. De certa forma, parece um pouco com *The Office* ou *Parks and Recreation*, com os funcionários em suas mesas cutucando uns aos outros. A diferença é que eles não têm ideia de quem são de fato.

Por que séries corporativas são tão populares? Creio que de certa forma o ambiente parece confortável e familiar para o público. No caso de *Ruptura*, tem também uma camada desconhecida, e toda a questão da ficção científica, que está à espreita em cada esquina.

Como é atuar como dois sujeitos que, na verdade, são o mesmo? Desde o começo, sabíamos que era importante que não fossem dois personagens diferentes. Em uma festa com desconhecidos, você não se comporta da mesma forma que ao lado de amigos. É mais ou menos a mesma ideia: temos partes distintas da mesma pessoa.



AMY SUSSMAN/GETTY IMAGES

PARCERIA Nigro e Olivia Rodrigo: experiência roqueira a serviço do sucesso

MAGO DAS PARADAS

Ao misturar pop com rock de modo sedutor, o americano Daniel Nigro, músico de uma banda inexpressiva dos anos 2000, é um dos mais requisitados produtores atuais

NO INÍCIO dos anos 2000, em seus 20 e poucos anos, o nova-iorquino Daniel Nigro tinha o sonho de ser ídolo do rock. Ele tentou a sorte com uma banda emo, gênero que funde guitarras a letras emotivas. Mas o grupo As Tall As Lions nunca saiu da obscuridade. Em meados dos anos 2010, cheio de boletos para pagar, Nigro mudou-se para Los Angeles, onde pelejou por dez anos como músico de estúdio e compositor de jingles publicitários. A maré começou a virar há cerca de cinco anos. Foi quando, já convertido em produtor, ele conheceu as cantoras Olivia Rodrigo, de 21 anos, e Chappell Roan, de 26. Graças ao toque de Midas do roqueiro frustrado, elas se impuseram como duas das artistas pop mais bem-sucedidas da atualidade.

Aos 42 anos, Nigro já recebeu dezesseis indicações ao Grammy e levou uma delas com o álbum *Sour*, de Olivia Rodrigo. Para chegar lá, seu faro foi fundamental. Em 2021, ele enxergou na então desconhecida Roan um potencial pouco explorado. A artista, que chamava atenção por se vestir como drag queen e misturar letras tristes com canções dançantes, havia sido dispensada por sua gravadora. Nigro, então, usou as últimas reservas de dinheiro para criar seu próprio selo, Amusement Records, lançando em 2023 o álbum *The Rise and Fall of a Midwest Princess* — que nos últimos meses chegou a desbancar Taylor Swift nas paradas. Indicado a seis estatuetas no próximo Grammy, que ocorre em 2 de fevereiro, ele poderá celebrar a maior vitória da carreira se ganhar como produtor do ano.

Para vencer no mercado altamente competitivo do pop, o pulo do gato de Nigro foi ir para o lado oposto das gravadoras. Em busca do lucro rápido, elas passaram a investir somente em artistas com potencial para viralizar no TikTok, com canções pasteurizadas e efêmeras. Com a experiência de sua antiga banda, ele inseriu solos de guitarra e incentivou suas artistas a falarem cada vez mais sobre coisas sérias, como saúde mental e problemas amorosos — mas sem se esquecerem de refrões divertidos. Com isso, ajudou a trazer de volta à moda o pop rock, vertente que fez muito sucesso no início dos anos 2000 — justamente a época em que tentou fazer sucesso, em vão, com sua banda emo. Algo que fica evidente nas músicas *All-American Bitch* e *Ballad of a Homeschooled Girl*, de Olivia, ambas gravadas ao vivo no estúdio com uma banda. Se vencer o Grammy, Nigro passará a integrar — ao lado de Jack Antonoff e Finneas, artífices dos discos de Taylor Swift e Billie Eilish — a elite de produtores que está moldando o pop feminino do início do século XXI. Um novo mago pede passagem nas paradas. ■

Felipe Branco Cruz



PABLO LARRAÍN/NETFLIX

ROMANCE CAÓTICO Com Onassis: relação foi parte da ruína da artista



PABLO LARRAÍN/NETFLIX

CREPÚSCULO DE UMA DIVA

No filme *Maria Callas*, Angelina Jolie dá vida à soprano que foi a maior pop star feminina da ópera, mergulhando nos dramas e devaneios da cantora em seus últimos dias **RAQUEL CARNEIRO**

COM DIFICULDADE para dormir, Maria Callas aponta o principal culpado por sua insônia. "Adivinhe, feio e morto", diz ela sobre o ex-amante Aristóteles Onassis (1906-1975), fantasma que lhe faz aparições no meio da noite. Vivendo em um luxuoso apartamento parisiense, com uma empregada e um mordomo, a cantora lírica é aconselhada pelos funcionários a procurar um médico e mudar sua medicação, provável fonte de alucinações. "Estou perfeitamente feliz com meus remédios e seus efeitos", afirma de forma pausada e leve, interpretada com elegância por Angelina Jolie no filme ***Maria Callas*** *(Maria,* Itália/Chile/Estados Unidos, 2024), que estreia nos cinemas na quinta-feira 16. Realidade e fantasia se misturam no longa que imagina a última semana de vida da soprano que marcou o mundo da ópera: no dia 16 de setembro de 1977, Maria Callas morreu vítima de um infarto. Ela tinha apenas 53 anos — mas sua trajetória na música já era imensurável.

Dona de uma voz poderosa, límpida e ágil, Callas adicionou fortes tons dramáticos à ópera, dando aos espetáculos uma veia teatral então inédita. Ela se tornou, ainda, a primeira grande estrela pop do gênero — o mais elitista reduto da música clássica —, e levou jovens a formarem filas para vê-la. Foi uma espécie de Taylor Swift operística, em suma. Advogou por pagamentos igualitários, teceu declarações polêmicas e irritou plateias ao desmarcar shows em cima da hora. Dar conta de tamanho mito era uma missão para a qual o diretor chileno Pablo Larraín tinha credenciais. *Maria Callas* fecha a "trilogia das divas" do cineasta, que se propôs a observar as idiossincrasias de mulheres de fama apoteótica em momentos de vulnerabilidade, com tramas de alto teor psicológico. A primeira a ganhar tal tratamento foi Jacqueline Kennedy, no filme *Jackie* (2016), com Natalie Portman no papel principal. Em seguida, foi a vez da princesa Diana, vivida por Kristen Stewart em *Spencer* (2021). Ao contrário das duas, que se tornaram conhecidas através de casamentos proeminentes, Maria foi uma persona completa em voo solo, admirada por seu talento acachapante na mesma medida em que era criticada por seu comportamento indomável.

Nascida em Nova York, filha de imigrantes gregos de baixa renda, Callas teve o azar de ser criada por


MELANCOLIA Angelina como Callas: a atriz encarna com vigor e elegância a cantora incomparável


SAN MARCO/LES FILMS NUMBER ONE/CORBIS/GETTY IMAGES

VIDA REAL A verdadeira Maria Callas: fama de difícil e vozeirão

uma mãe tenebrosa — que, de volta à Grécia, prostituiu a filha mais velha durante a ocupação nazista e a "vendeu" aos soldados alemães que gostavam de ouvi-la cantar. Desde os 8 anos de idade, era submetida a aulas intensas de canto. Começou a se apresentar profissionalmente aos 17. Quebrou fronteiras com uma belíssima apresentação de *La Gioconda* na Arena de Verona, na Itália, em 1949. Foi lá que Callas conheceu o marido, Giovanni Meneghini (1896-1981), a quem deixou por Onassis, em 1959.

Interpretado no filme pelo ator turco Haluk Bilginer, o empresário ricaço foi o grande amor e o pior pesadelo da soprano. Ciumento, Onassis tentou minar de todas as formas a carreira da cantora. Ludibriada, ela se deixou iludir pelo sonho de ter uma família e filhos — o que não ocorreu. A relação tóxica perdurou por anos, mesmo depois que Onassis se casou com Jacqueline Kennedy, em 1968, e manteve Callas como amante.

No recorte do diretor, o filme pincela os desejos e as frustrações da cantora, e privilegia uma fase na qual Callas, apelidada de La Divina, vive longe das glórias de uma divindade: para além do luto da morte de Onassis, ela lida com a solidão que se impôs em virtude da perda da voz. O vislumbre do período de reclusão, revelando uma mulher que caiu drasticamente do topo do mundo, foi concebido pelo roteirista Steven Knight após conversas com Ferruccio Mezzadri, fiel mordomo que cuidou de Callas por duas décadas, e é interpretado pelo ótimo ator italiano Pierfrancesco Favino.

Devotado à cantora, o antigo empregado defendia que a fama de difícil de Callas era uma má interpretação dos que não a conheciam de verdade. Ao mesmo tempo, contudo, o filme expõe como a estrela nutria um desejo desmedido por adulação. Perdida em devaneios, Callas anda por Paris acompanhada de um jornalista imaginário chamado Mandrax (Kodi Smit-McPhee) — nome do remédio à base de metaqualona que ela tomava indiscriminadamente. Teorias sugerem que Callas sofria de uma doença autoimune não diagnosticada, que afetou o funcionamento de seus músculos e das cordas vocais, o que a levou a uma perda drástica de peso e ao ataque cardíaco. A despedida foi melancólica. Mas o legado da diva é imortal. ■

CINEMA

A SEMENTE DO FRUTO SAGRADO ***(The Seed of the Sacred Fig*, França/Alemanha, 2024. Em cartaz)**

Em 2022, a estudante Mahsa Amini, de 22 anos, morreu após ser detida pela polícia da moralidade do Irã, por deixar uma mecha do cabelo para fora do véu. A tragédia foi o estopim para uma onda de protestos de jovens iranianos pela liberdade — que resultou na morte de mais de 300 pessoas nas mãos da polícia local. O evento pauta a trama do filme feito em segredo pelo diretor Mohammad Rasoulof — produção que irritou o governo autoritário e o obrigou a fugir do país. Na trama, um investigador iraniano é engolido pela corrupção na polícia e, paranoico, desconfia das filhas e da esposa quando nota que elas não pensam exatamente como ele sobre política. Candidato ao Oscar, o longa prende ao mesclar ficção e realidade, enquanto transforma o drama de uma nação em uma trágica desavença familiar.



CORRIDA PELO OSCAR O drama iraniano: filme pode disputar estatueta com o brasileiro *Ainda Estou Aqui*



MATT KENNEDY/NETFLIX

DRAMA *Terra Indomável*: série retrata o Velho Oeste com violência e realismo

TELEVISÃO

TERRA INDOMÁVEL

(disponível na Netflix)

Sara Rowell (Betty Gipin) enfrenta uma situação difícil: acompanhada do filho pequeno, ela precisa atravessar o Oeste americano para encontrar o marido, mas a jornada é quase uma sentença de morte. Ambientada no conflituoso estado de Utah em 1857, a minissérie reconstitui um período da história em que o governo americano, membros da igreja mórmon e povos nativos se enfrentaram em batalhas armadas implacáveis na região. Com uma mescla de personagens históricos reais e arcos fictícios, a trama violenta retrata o período sem maquiagens, apresentando uma face ainda mais sangrenta do Velho Oeste americano.


DIVULGAÇÃO



DISCO

LOOK UP,
de Ringo Starr
(Universal Music. Disponível nas plataformas de streaming)

Em mais de sessenta anos de carreira, o ex-baterista dos Beatles lança pela primeira vez um álbum totalmente dedicado ao country. Ringo, porém, não é marinheiro de primeira viagem. Ainda nos Beatles, compôs *Act Naturally* e *What Goes On*, ambas de pegada country. O novo trabalho foi feito em parceria com craques como T. Bone Burnett, Billy Swan e Bruce Sugar. Em *Time on My Hands*, ele canta sobre perder um grande amor. Já em *Thankful*, em dueto com Alison Krauss, celebra as dádivas da vida. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **A FILHA DOS RIOS**
Ilko Minev [5 | 17#] BUZZ
2. **VERITY**
Colleen Hoover [1 | 139#] GALERA RECORD
3. **A EMPREGADA**
Freida McFadden [0 | 30#] ARQUEIRO
4. **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [4 | 126#] BERTRAND BRASIL
5. **CEM ANOS DE SOLIDÃO**
Gabriel García Márquez [10 | 5#] RECORD
6. **TUDO É RIO**
Carla Madeira [2 | 112#] RECORD
7. **A HORA DA ESTRELA**
Clarice Lispector [0 | 9#] ROCCO
8. **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [6 | 168#] GALERA RECORD
9. **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [3 | 106#] GALERA RECORD
10. **A PACIENTE SILENCIOSA**
Alex Michaelides [7 | 38#] RECORD

NÃO FICÇÃO

1. **AINDA ESTOU AQUI**
Marcelo Rubens Paiva [1 | 13#] ALFAGUARA BRASIL
2. **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [2 | 67#] VESTÍGIO
3. **NEXUS**
Yuval Noah Harari [10 | 12#] COMPANHIA DAS LETRAS
4. **A GERAÇÃO ANSIOSA**
Jonathan Haidt [4 | 13#] COMPANHIA DAS LETRAS
5. **O POBRE DE DIREITA**
Jessé Souza [5 | 9] CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
6. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [6 | 376#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
7. **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
Byung-Chul Han [0 | 80#] VOZES
8. **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA**
Djamila Ribeiro [0 | 142#] COMPANHIA DAS LETRAS
9. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [0 | 202#] ROCCO
10. **BOX BIBLIOTECA ESTOICA: GRANDES MESTRES**
Vários autores [0 | 44#] CAMELOT EDITORA

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1. **CAFÉ COM DEUS PAI 2025**
Junior Rostirola [1 | 13] VÉLOS
2. **NUNCA JOGUE UMA IDEIA FORA**
Sauana Alves [8 | 5] GENTE
3. **DNA DO DINHEIRO**
Elainne Ourives [4 | 2] BUZZ
4. **DIÁRIO ESTOICO**
Ryan Holiday e Stephen Hanselman [0 | 1] INTRÍNSECA
5. **FORTE**
Lisa Bevere [0 | 12#] THOMAS NELSON BRASIL
6. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [7 | 191#] HARPERCOLLINS BRASIL
7. **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [9 | 78#] ALTA BOOKS
8. **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [2 | 61#] HARPERCOLLINS BRASIL
9. **DEVOCIONAL MULHERES**
Viviane Martinello [0 | 1] VIDA
10. **COMO FAZER AMIGOS E INFLUENCIAR PESSOAS**
Dale Carnegie [5 | 143#] SEXTANTE

INFANTOJUVENIL



1. **DUAS COROAS RETORCIDAS**
Rachel Gillig [0 | 1] ALT
2. **MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [2 | 30#] INTRÍNSECA
3. **NÃO É COMO NOS FILMES**
Lynn Painter [4 | 4#] INTRÍNSECA
4. **MINHA CULPA**
Mercedes Ron [0 | 1] UNIVERSO DOS LIVROS
5. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [0 | 450#] ROCCO
6. **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [3 | 447#] VÁRIAS EDITORAS
7. **COISAS ÓBVIAS SOBRE O AMOR**
Elayne Baeta [1 | 4] GALERA RECORD
8. **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA 3**
Maidy Lacerda [6 | 6] OUTRO PLANETA
9. **AS AVENTURAS DE PRIMINHA IRRITANTE NO REINO DOS UNICÓRNIOS**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [10 | 7] OUTRO PLANETA
10. **SUA CULPA**
Mercedes Ron [0 | 1] UNIVERSO DOS LIVROS

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aparecida:** Paulus; **Aracaju:** Escariz, Paulus; **Balneário Camboriú:** Curitiba; **Barra Bonita:** Real Peruíbe; **Barueri:** Travessa; **Belém:** Leitura, Paulus, SBS, Travessia; **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, Paulus, SBS, Vozes; **Bento Gonçalves:** Santos; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Curitiba; **Boa Vista:** Paulus; **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Cabedelo:** Leitura; **Cachoeirinha:** Santos; **Campina Grande:** Leitura, Paulus; **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Paulus, Vozes; **Campo Grande:** Leitura, Paulus; **Campos do Jordão:** História sem Fim; **Campos dos Goytacazes:** Leitura; **Canoas:** Mania de Ler, Santos; **Capão da Canoa:** Santos; **Caruaru:** Leitura; **Cascavel:** A Página; **Cássia:** Livraria da Praça; **Caxias do Sul:** Paulus; **Colombo:** A Página; **Confins:** Leitura; **Contagem:** Leitura; **Cotia:** Paulus, Prime, Sapiências, Um Livro; **Criciúma:** Curitiba; **Cuiabá:** Paulus, Vozes; **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Paulus; **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Paulus, Vozes; **Foz do Iguaçu:** A Página; **Frederico Westphalen:** Vitrola; **Garopaba:** Navegar; **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Paulus, SBS; **Governador Valadares:** Leitura; **Gramado:** Mania de Ler; **Guaíba:** Santos; **Guarapuava:** A Página, Paulus; **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS; **Ipatinga:** Leitura; **Itajaí:** Curitiba; **Jaú:** Casa Vamos Ler; **João Pessoa:** Leitura, Paulus; **Joinville:** A Página, Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura, Paulus, Vozes; **Jundiaí:** Leitura; **Limeira:** Livruz; **Lins:** Koinonia; **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila; **Macapá:** Leitura; **Maceió:** Leitura, Paulus; **Manaus:** Paulus; **Maringá:** Curitiba; **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura; **Natal:** Leitura, Paulus; **Niterói:** Blooks, Ponte; **Palmas:** Leitura; **Paranaguá:** A Página; **Pelotas:** Vanguarda; **Petrópolis:** Vozes; **Poços de Caldas:** Livruz; **Ponta Grossa:** Curitiba; **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Paulus, Taverna, Santos, SBS; **Porto Velho:** Leitura; **Recife:** Disal, Leitura, Paulus, SBS, Vozes; **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Paulus; **Rio Claro:** Livruz; **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS; **Rio Grande:** Vanguarda; **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Paulus, SBS; **Santa Maria:** Santos; **Santana de Parnaíba:** Leitura; **Santo André:** Disal, Leitura, Paulus; **Santos:** Loyola; **São Bernardo do Campo:** Leitura; **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila; **São João de Meriti:** Leitura; **São José:** A Página, Curitiba; **São José do Rio Preto:** Leitura, Paulus; **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura; **São José dos Pinhais:** Curitiba; **São Luís:** Hélio Books, Leitura, Paulus; **São Paulo:** Aigo Livros, A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Travessa, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Paisagem, Paulus, Perdizes, Santuário, Simples, SBS, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes; **Serra:** Leitura; **Sete Lagoas:** Leitura; **Sorocaba:** Paulus; **Taboão da Serra:** Curitiba; **Taguatinga:** Leitura; **Taubaté:** Leitura; **Teresina:** Leitura; **Uberlândia:** Leitura, Paulus, SBS; **Umuarama:** A Página; **Vila Velha:** Leitura; **Vitória:** Leitura, Paulus, SBS; **internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Travessa, Vanguarda, Um Livro, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas



JOSÉ CASADO

APOSTA PERDIDA

HÁ UMA IRONIA melancólica quando Lula celebra a democracia no Brasil e, ao mesmo tempo, brinda com anuência tácita a perpetuação da ditadura na Venezuela. É como se, intencionalmente, limitasse o alcance da mensagem democrática ao posto militar de Pacaraima, em Roraima. Somente a cegueira deliberada impediria enxergar além do marco da fronteira norte, no pedaço da Amazônia onde a cleptocracia venezuelana cultiva um histórico de prisões, tortura e assassinato de adversários políticos; patrocina inédito colapso socioeconômico na América do Sul em tempos de paz; e é responsável pelo êxodo de 7 milhões de pessoas, mais do que a emigração na Ucrânia desde a invasão da Rússia.

No início do governo, Lula presenteou o ditador Nicolás Maduro com uma recepção com pompa no Palácio do Planalto. O gesto tinha duplo objetivo. Um era romper o isolamento para induzi-lo ao diálogo sobre uma saída eleitoral democrática. Outro era demarcar a América do Sul como território de influência da sua administração na relação mais relevante para a diplomacia brasileira, com os Estados Unidos ("Eu acho que é bom eles entenderem que precisam da gente", traduziu com peculiar humildade o conselheiro de Lula, Celso Amorim, em audiência no Senado pouco tempo depois).

Deu tudo errado. Maduro reagiu ao vislumbre do avanço eleitoral da oposição com ameaça de invasão armada da vizinha Guiana, transformada pela americana ExxonMobil numa das maiores províncias petrolíferas do planeta. O governo Lula se mobilizou, mas decisivo mesmo foi o revide imediato, e nada sutil, de Washington: os EUA converteram a fatia guianense da Amazônia numa espécie de protetorado, incluindo um projeto de base militar.

Na sequência, Maduro insinuou um "banho de sangue" doméstico em caso de derrota na disputa presidencial. Lula rejeitava contatos com a oposição, liderada pela candidata liberal, María Corina Machado, e tentou atenuar a intimidação: "A Venezuela tem mais eleições do que o Brasil", disse à Rádio Gaúcha, desprezando a conhecida sequência de fraudes eleitorais. Apresentou curiosa justificativa: "O conceito de democracia é relativo para você e para mim. Gosto de democracia porque a democracia me fez chegar à Presidência pela terceira vez".

> **"Fracasso de Lula com Maduro abriu espaço para Trump na América do Sul"**

São antigos os laços de Lula com a cleptocracia venezuelana. No início do século, até fez comício para reeleição do coronel Hugo Chávez, que governou por catorze anos, até a sua morte, em 2013. Mobilizou empresas públicas e privadas, o Partido dos Trabalhadores e uma equipe de marketing para ajudar Maduro a se eleger como sucessor.

O principal financiador brasileiro de campanhas na Venezuela foi a empreiteira Odebrecht (atual Novonor). Em contrapartida, conseguiu quase duas dezenas de bilhões de dólares em contratos com o regime de Chávez-Maduro, pagando "pedágios" de 20%, na média, com lucros recordes de até 500 milhões de dólares num único ano. As transações venezuelanas até hoje compõem o capítulo mais obscuro da rede continental de corrupção construída pela empreiteira brasileira.

Relações políticas fluidas com Chávez e Maduro foram importantes, por exemplo, para expansão das exportações de serviços nos dois primeiros governos de Lula. Foi o caso de duas linhas de metrô, com financiamento subsidiado do Brasil via BNDES, combinadas em maio de 2009 entre Lula e Chávez com o empreiteiro Emílio Odebrecht, em Salvador.

Dois anos depois, os atrasos de pagamento do governo venezuelano com a empreiteira beiravam 1 bilhão de dólares. Em junho de 2011, Lula desembarcou em Caracas. Era um ex-presidente em turnê no exterior a convite de empresas, entre elas a Odebrecht. Chávez o recebeu na companhia do empresário Emílio. A cobrança da dívida bilionária foi "quase como um tema de negociação diplomática", na definição de um embaixador ao Itamaraty, ao confirmar a liquidação do débito. Não se conhece a versão venezuelana, sabe-se que Chávez e Maduro recorreram à ajuda de Cuba para organizar e preservar arquivos sobre suas transações. A dívida pendente com o Brasil supera 1,7 bilhão de dólares.

A cleptocracia da Venezuela virou um estorvo na América do Sul. O roubo nas urnas e as violações aos direitos humanos redundaram no veto público de EUA, Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, Peru e União Europeia à perpetuação da ditadura. Lula perdeu mais do que a aposta na "conversão" de Maduro. Fragilizou-se na liderança regional e abriu espaço para concentração de expectativas em Donald Trump, cuja característica é dividir para governar. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

seleção

CASACLAUDIA & FRACALANZA
Since 1884



Linha Vital copos em vidro 400ml | Foto: Alisson Henrique

Seleção Casa Claudia
Curadoria exclusiva de
Casa Claudia para Fracalanza

A Fracalanza é sinônimo de elegância atemporal, oferecendo panelas, faqueiros, decanters, taças, jarras e acessórios para vinho que transformam refeições em momentos memoráveis.



Escaneie para conferir toda a seleção de produtos e saiba onde encontrá-los.



A Fracalanza é uma marca exclusiva da Full Fit.

fullfit_oficial
fullfitimport
fullfitimport

GOV.BR/brasilmelhor

FÉ NO BRASIL
A GENTE TÁ NO RUMO CERTO.

PIB ACIMA
DE TODAS AS
EXPECTATIVAS.
MAIS EMPREGOS, MAIS
OPORTUNIDADES.

TODO DIA
A GENTE FAZ UM
BRASIL
MELHOR

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO